



A perceção dos professores guineenses sobre a importância da língua portuguesa para o sucesso académico e profissional na Guiné-Bissau

Dissertação de Mestrado

Anastácio Fernandes Sanhá

Trabalho realizado sob a orientação de

Professor Doutor Luís Filipe Tomás Barbeiro, IPL (ESECS)

Professora Doutora Maria Antónia Belchior Ferreira Barreto, IPL (ESECS)

Leiria, setembro de 2025

Mestrado em Educação e Inovação Pedagógica

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA

A perceção dos professores guineenses sobre a importância da língua portuguesa para o sucesso académico e profissional na Guiné-Bissau

Dissertação de Mestrado

Anastácio Fernandes Sanhá

Trabalho realizado sob a orientação de

Professor Doutor Luís Filipe Tomás Barbeiro, IPL (ESECS)

Professora Doutora Maria Antónia Belchior Ferreira Barreto, IPL (ESECS)

Leiria, setembro de 2025

Agradecimentos

Agradeço primeiramente à minha família pelo apoio incondicional e incentivo ao longo de toda a minha formação académica. Aos professores e colegas que, de forma voluntária, contribuíram na fase da investigação, partilhando conhecimentos e experiências essenciais para o desenvolvimento desta pesquisa. À Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria, pela infraestrutura e recursos disponibilizados. Aos orientadores, Professor Doutor Luís Filipe Tomás Barbeiro e Professora Doutora Maria Antónia Belchior Ferreira Barreto, pelo suporte técnico e incentivo constante. Inspirado por personalidades, especialmente professores, também dedico este trabalho ao meu primo, Domingos Nhanque, atualmente Juiz de topo de carreira, cuja determinação e foco serviram de exemplo. Uma menção especial ao Professor Paulo M'Bunde, Inspetor no Ministério da Educação, que, na 8ª classe, nos aconselhou, enquanto turma, a fazer um curso de aperfeiçoamento de português, conselho que fui seguindo e que hoje reflete neste resultado.

Agradeço ainda a todos os professores, investigadores e entidades que, com a colaboração, contribuíram para a realização deste estudo. Acreditamos que, com esforço conjunto, é possível transformar a realidade linguística e educativa da Guiné-Bissau, garantindo que o português desempenhe, de forma plena e eficaz, o papel de instrumento de desenvolvimento humano, social e económico. Que esta investigação sirva de estímulo para futuras ações e reflexões, rumo à construção de uma sociedade mais justa, plural e inclusiva, onde as línguas são pontes de compreensão, identidade e progresso.

Por fim, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a conclusão deste trabalho, fortalecendo o vínculo entre o saber académico e a realidade educativa na Guiné-Bissau.

Muito obrigado a todos!

Resumo

Este trabalho investiga a percepção de professores guineenses sobre a relevância da língua portuguesa para o sucesso académico e profissional na Guiné-Bissau, destacando o seu papel na formação identitária, educativa e socioeconómica do país. De carácter qualitativo, a investigação baseou-se em entrevistas semiestruturadas realizadas a oito docentes guineenses de diferentes níveis de ensino, uns encontram-se em Portugal, não obstante, outros a viver na Guiné-Bissau, visando compreender como o domínio do português influencia as trajetórias escolares e as perspetivas profissionais dos estudantes.

O estudo analisa a língua enquanto pilar do desenvolvimento, abordando conceitos como língua materna, segunda, nacional e oficial, e sublinhando a adoção histórica do português como língua oficial. Evidencia-se a sua função estratégica e os desafios decorrentes da diversidade linguística, sobretudo a influência do crioulo e das línguas étnicas no processo educativo.

Apresenta-se ainda o panorama linguístico guineense, caracterizado pela coexistência do português com várias línguas nacionais e pela centralidade do crioulo como língua de comunicação quotidiana, embora não oficial. Discutem-se os efeitos das políticas coloniais, as dificuldades na implementação de alternativas linguísticas de ensino e a instabilidade sociopolítica que condiciona práticas educativas.

No que respeita à formação docente, identificam-se lacunas significativas na preparação inicial e contínua, carência de recursos, insuficiente adoção de metodologias inovadoras e impacto dos contextos sociolinguísticos na prática pedagógica. Os professores reconhecem a centralidade do português para o êxito académico, a inserção profissional e a identidade nacional, mas destacam dificuldades ligadas a interferências linguísticas, falta de formação e ausência de políticas bilíngues eficazes.

Conclui-se que o fortalecimento do ensino do português é indispensável para promover inclusão social e desenvolvimento económico, exigindo políticas educativas integradas, valorização das línguas locais como apoio pedagógico e reforço da formação docente. Recomenda-se ainda a realização de estudos futuros que integrem outros atores educativos e a análise de políticas públicas com vista a práticas mais equitativas e inclusivas.

Palavras-chave: formação docente; Guiné-Bissau; língua portuguesa; percepção dos professores; proficiência; sucesso académico

Abstract

This dissertation investigates Guinean teachers' perceptions of the relevance of the Portuguese language for academic and professional success in Guinea-Bissau, highlighting its role in the country's identity formation, education, and socioeconomic development. Employing a qualitative approach, the research was based on semi-structured interviews with eight Guinean teachers from different educational levels—some currently in Portugal, while others reside in Guinea-Bissau—aiming to understand how proficiency in Portuguese influences students' educational trajectories and professional prospects.

The study examines the language as a pillar of development, addressing concepts such as mother tongue, second language, national language, and official language, while emphasizing the historical adoption of Portuguese as the official language. It underscores its strategic function and the challenges posed by linguistic diversity, particularly the influence of Creole and ethnic languages on the educational process.

The research also outlines the Guinean linguistic landscape, characterized by the coexistence of Portuguese with several national languages and by the centrality of Creole as a language of everyday communication, though not officially recognized. It discusses the effects of colonial policies, the difficulties in implementing alternative languages of instruction, and the sociopolitical instability that shapes educational practices.

Regarding teacher training, the study identifies significant shortcomings in initial and continuous preparation, a lack of resources, insufficient adoption of innovative methodologies, and the impact of sociolinguistic contexts on pedagogical practice. Teachers acknowledge the centrality of Portuguese for academic achievement, professional integration, and national identity, but also point to challenges related to linguistic interferences, insufficient training, and the absence of effective bilingual policies.

The research concludes that strengthening the teaching of Portuguese is indispensable for promoting social inclusion and economic development, requiring integrated educational policies, the valorization of local languages as pedagogical support, and the reinforcement of teacher training. It also recommends further studies involving other educational actors and the analysis of public policies with a view to fostering more equitable and inclusive practices.

Keywords: teacher training; Guinea-Bissau; Portuguese language; teachers' perceptions; proficiency; academic success

ÍNDICE GERAL

Agradecimentos	iii
Resumo	iv
Abstract	v
ÍNDICE DE FIGURAS.....	ix
ÍNDICE DE TABELAS.....	ix
ABREVIATURAS.....	x
INTRODUÇÃO	1
I. ENQUADRAMENTO CONCEPTUAL E CONTEXTUAL.....	6
Capítulo 1. A LÍNGUA PORTUGUESA COMO PILAR DO SUCESSO ACADÉMICO E PROFISSIONAL NA GUINÉ-BISSAU.....	6
1.1. Conceitos: língua materna, língua segunda, língua nacional, língua oficial e língua estrangeira	6
1.2. O papel de uma língua oficial e de ensino	10
1.2.1. A língua como instrumento de inclusão e exclusão	11
1.2.2. A língua portuguesa e a educação	12
1.2.3. O impacto da língua portuguesa no mercado de trabalho	13
1.2.4. A construção da identidade nacional	14
1.3. A língua portuguesa na Guiné-Bissau: contexto histórico e socioeducacional	14
Capítulo 2. PANORAMA LINGUÍSTICO GUINEENSE	16
2.1. Adoção do português como língua oficial e de ensino.....	16
2.2. Domínio limitado do português por parte dos alunos	18
Capítulo 3. FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA GUINÉ-BISSAU	21
3.1. Formação inicial e contínua de professores	21
3.2. Qualidade do sistema	26
3.3. Língua portuguesa na formação dos docentes na Guiné-Bissau	27
3.4. Estratégias pedagógicas no ensino da língua portuguesa.....	278
II. ESTUDO	30

Capítulo 4. METODOLOGIA	30
4.1. Problemática.....	30
4.2. Pergunta de partida e objetivos da investigação.....	31
4.3. Objetivos do estudo.....	32
4.4. Abordagem metodológica	32
4.5. Participantes no estudo.....	33
4.6. Técnicas de recolha e de análise de dados	35
Capítulo 5. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	36
5.1. Apresentação dos resultados	36
5.1.1. Língua materna dos entrevistados e sua relação com a língua portuguesa	36
5.1.2. Lugar e tempo de aprendizagem da língua portuguesa	37
5.1.3. Contexto de multilinguismo	37
5.1.4. Relação com Portugal e influência na perceção sobre a língua portuguesa	38
5.1.5. Proficiência em língua portuguesa e desempenho académico dos alunos.....	39
5.1.6. Proficiência em língua portuguesa e desempenho profissional dos alunos.....	40
5.1.7. O domínio da língua portuguesa nas várias disciplinas do currículo	41
5.1.8. Incentivo ao domínio da língua portuguesa para o sucesso das disciplinas e para a vida profissional	43
5.1.9. Exemplos da relação entre o domínio da língua portuguesa e o sucesso profissional	44
5.1.10. Desafios que os alunos enfrentam ao aprender português.....	46
5.1.11. Diferenças no desempenho académico entre alunos que dominam o português e aqueles que não dominam.....	47
5.1.12. Contributos do crioulo e de outras línguas locais para o aprendizado da língua portuguesa.....	48
5.1.13. Abordagens pedagógicas eficazes para melhorar a proficiência na língua portuguesa.....	52

5.1.14. Formação específica sobre como ensinar a língua portuguesa e influência da formação na prática docente	567
5.1.15. Sensibilização dos colegas professores para o domínio-correção da língua portuguesa.....	57
5.1.16. Ensino de outras disciplinas e exigência do uso correto da língua portuguesa nas aulas	60
5.1.17. Diferenças na importância atribuída à língua portuguesa entre professores de diferentes níveis de ensino (básico, secundário e superior).....	61
5.1.18. Recomendações para um melhor uso da língua portuguesa nas escolas	66
5.2. Síntese e discussão dos resultados	689
5.2.1. O papel da língua materna na aprendizagem do português	69
5.2.2. Multilinguismo guineense e implicações pedagógicas.....	70
5.2.3. Proficiência em português e sucesso acadêmico	70
5.2.4. Proficiência em português e inserção profissional	712
5.2.5. O português como instrumento de inclusão e exclusão.....	72
5.2.6. Influência do crioulo e das línguas nacionais no processo educativo	73
5.2.7. Políticas linguísticas e propostas de ensino bilíngue.....	734
5.2.8. Abordagens pedagógicas para melhorar a proficiência em português	73
Capítulo 6. CONCLUSÕES.....	75
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	80
ANEXOS	855
ANEXO 1— Carta de solicitação de consentimento de entrevistado.....	855
ANEXO 2 — Guião de entrevista semiestruturada	866
ANEXO 3 — Entrevistas.....	900
Professor PE1	900
Professor PE2	99
Professor PE3	1077
Professora PE4	1133

Professora PE5	1177
Professor PE6	1211
Professor PE7	1277
Professor PE8	1344

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1- Mapa da Guiné-Bissau.....	10
-------------------------------------	----

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1- Caraterização dos entrevistados.....	34
--	----

ABREVIATURAS

- ABN: Aprendizagem Baseada em Projetos
- ANP: Assembleia Nacional Popular
- CPLP: Comunidade dos Países de Língua Portuguesa
- DNS: Escola de Formação de Professores (na língua dinamarquesa)
- ESE: Escola Superior de Educação
- ESECS: Escola Superior de Educação e Ciências Sociais
- ENEFD: Escola Nacional de Educação Física e Desportos
- ENS: Escola Nacional de Saúde
- ENSTT: Escola Normal Superior Técnico
- FEC: Fundação Fé e Cooperação
- LP: Língua Portuguesa
- MEIP: Mestrado em Educação e Inovação Pedagógica
- MEN: Ministério de Educação Nacional
- PAIGC: Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde
- PALOP: Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa
- PDE: Plano de Desenvolvimento da Educação
- PE (1 a 8): Professor(a) Entrevistado(a)

INTRODUÇÃO

A língua é o sangue da alma, é com ela que se exprimem os pensamentos e os sentimentos, é com ela que se transmitem as ideias e os conhecimentos.

José Craveirinha¹

A percepção dos professores guineenses sobre o impacto da língua portuguesa para o sucesso académico e profissional na Guiné-Bissau é um tema que merece estudo, dada a complexidade linguística e sociocultural do país, onde a língua portuguesa é um instrumento fundamental para a “apropriação e propagação do conhecimento” (Costa, 2007, p. 115), um elemento muito importante para a inclusão de todos os alunos nas atividades escolares (Ravasco et al., 2015). Na rica tapeçaria cultural da Guiné-Bissau, a linguagem desempenha um papel crucial não apenas na comunicação, mas também na formação da identidade e na construção de um futuro próspero. No entanto, uma questão intrigante perpassa as discussões educativas: por que razões tantos alunos guineenses, apesar de completarem até o 12.º ano de escolaridade, ainda carecem da habilidade de se expressar em português, uma língua que deveria ser um elo fundamental em sua formação? Esta indagação leva-nos a refletir sobre o contexto em que se insere a língua materna, as línguas nacionais e oficial, e o impacto do domínio das línguas na vida dos guineenses.

Neste cenário, o objetivo deste estudo pode ser assim expresso: despertar a consciência do professor guineense acerca do papel indiscutível que o português ocupa no ensino e, por extensão, no mercado de trabalho. Embora o crioulo tenha uma presença forte e seja parte intrínseca da vida quotidiana, a ausência de uma solução até a presente data para torná-lo uma das línguas oficiais de ensino levanta um desafio significativo. O português, como língua que abre portas e oferece oportunidades, continua a ser um recurso valioso para quem busca se destacar em níveis local e internacional.

Assim, a pergunta de partida para o nosso estudo é: **"De que modo os professores guineenses avaliam a influência da língua portuguesa no percurso académico e profissional dos alunos?"**

¹ José Craveirinha (1922-2003) foi um poeta moçambicano, considerado uma das figuras mais importantes da literatura lusófona do século XX. A sua obra reflete as experiências e os desafios do povo moçambicano durante a luta pela independência e na construção da identidade nacional após a colonização portuguesa. Craveirinha foi o primeiro africano a receber o Prémio Camões, em 1991, reconhecimento máximo na literatura em língua portuguesa.

Através da análise dos conceitos de língua materna, segunda língua, língua nacional, língua oficial e língua estrangeira, buscamos não apenas entender as diferenças e dinâmicas do ensino linguístico na Guiné-Bissau, mas também propor caminhos que possam, de facto, transformar a realidade linguística dos nossos jovens. Estamos certos de que, com a consciencialização e o comprometimento de todos os envolvidos no processo educativo, poderemos traçar um novo rumo que, ao mesmo tempo, valorize as línguas locais e reconheça o potencial do português como um veículo de desenvolvimento e inclusão social.

Na Guiné-Bissau, durante a luta pela independência, uma das preocupações dos dirigentes na altura, era saber qual a língua que deveria ser adotada como língua de ensino. Acabaram por tomar a decisão de escolher o português como língua de ensino, em detrimento das línguas nacionais, pois estas não reuniam ainda as condições científicas. Nesta perspetiva:

Para Cabral, o fato de o crioulo ser ainda uma língua ágrafa, usada só no nível da oralidade, era apenas um dos problemas que seu uso traria. Além dele havia vários outros. Por exemplo, o crioulo não tem – e muito menos as línguas étnicas – recursos para expressar ideias como “raiz quadrada de 36”, “aceleração da gravidade”, “a lua é um satélite natural da terra”, etc. A propósito desta última expressão ele chega a reconhecer que “é possível dizê-lo, mas é preciso falar muito até fazer compreender que um satélite é uma coisa que gira à volta de outra. Enquanto em português basta uma palavra (Cabral 1990: 60), citado por Dias. (2021, p. 33)

As mesmas razões foram explicadas por outros autores:

[...] houve um debate a respeito da escolha do português como língua oficial, pois levando em conta a realidade do país com várias línguas étnicas e a não valorização do crioulo, a escolha do português era acertada do ponto de vista estratégico, na medida em que o uso do português evitaria o confronto entre as línguas autóctones, isto é, se uma delas fosse escolhida como língua nacional teríamos problemas para unir a nação, já que elas eram ligadas a regiões particulares. Segundo esta perspectiva, a soberania linguística de uma região sobre outras acabaria por criar conflitos internos e, portanto, era preciso garantir a unidade nacional. Havia ainda o argumento segundo o qual a escolha de uma língua africana como a oficial poderia isolar ainda mais o país do resto do mundo (Gadotti; Romão. 2012). (Cá, 2022, p. 6)

Na falta de condições científicas em que se encontravam e se encontram estas línguas supracitadas, Amílcar Cabral afirmou que todas elas não possuem as condições para que uma fosse adotada como língua oficial.

“Essas inquietações que surgiram na altura de certa forma faziam sentido e, por conta disto o português foi implementado como língua oficial na Guiné-Bissau, tornando assim o seu uso obrigatório nas escolas, desvalorizando as demais línguas existentes no país” (Cá, 2022, p. 6).

Contudo, Timbane e Manuel (2018) afirmam que “A questão da oficialização das línguas locais não é provocada pela incapacidade linguística, pois todas as línguas faladas em território

guineense são capazes de expressar completamente as funções sociais da comunicação” (p. 111). Estes autores chamam a atenção para o próprio nível de instrução da sociedade guineense, pois até à véspera da luta de independência, no início da década de 1960, mais de noventa por cento da população estava fora da educação colonial. Segundo Furtado, “nos anos cinquenta, a percentagem dos alunos que tinha acesso à instrução não ultrapassava os 7,3%, destes a maioria era filhos dos portugueses que estava ao serviço do governo colonial” (Furtado, 2005, p. 247). O apontamento acima exposto mostra que a L.P. não se difundiu o suficiente a ponto de justificar o fato de ser considerada a primeira e a única língua de ensino na Guiné-Bissau – apesar de desempenhar esse papel no país até hoje. Contudo, a sua implementação na educação guineense depois da independência, segundo a nossa leitura, deve-se a duas condicionalidades: a primeira é de ordem político-ideológica: sustentada pela ideia de que ela é a língua de relação internacional, ou seja, língua de comunicação com o mundo. Nos termos de Cunha, “elo da elite cultural com o mundo maior” (Cunha 1981, p. 80), essa ideologia está atrelada à da expansão colonial (que sempre buscou valorizar a língua e as culturas europeias como mais civilizadas para justificar a dominação). A mesma ideologia perpassou, paradoxalmente, pelo período da luta de independência – especialmente, pelo pensamento de Amílcar Cabral, que foi o líder que dirigiu a referida luta – quando afirma que “o português (língua) é uma das melhores coisas que os “tugas” nos deixaram” (Cabral, 1990, p. 59). Cabe salientar que este pensamento persiste no período pós-independência até hoje, no pensamento de algumas elites políticas e intelectuais nacionais e estrangeiras. A segunda é de ordem técnica e deve-se à conjuntura interna do país logo após a independência e que continua até hoje. Trata-se da falta de uma língua que pudesse substituir o português no ensino, visto que o Crioulo e as línguas étnicas não têm códigos gráficos para servir como as línguas de ensinos. Além disso, outro problema que se apresentou na época da decisão foi à falta de recursos humanos qualificados e especialistas em linguística que pudessem ajudar a desenvolver pesquisas e trabalhos que possibilitassem a adoção de, pelo menos, o Crioulo como a língua de ensino no país. (Namone & Timbane, 2017, pp. 46-47) Amílcar Cabral referiu-se a essa escolha, afirmando: Agora a nossa língua para escrever é o português. Afinal, o português (língua) é uma das melhores coisas que os tugas nos deixaram, porque a língua não é prova de nada mais senão um instrumento para os homens se relacionarem uns com os outros [...] (Cabral, 1990, p. 59, citado por Siga (2023, p. 17)

Não obstante, as descrições de Couto (2009), citado por Namone e Timbane, (2017), “[...] revelam que o crioulo é uma língua como qualquer outra. Possui gramática, léxico e outros

aspectos constituintes em qualquer língua. Por isso, o crioulo tinha condições suficientes para ser elevada a qualidade de língua oficial” (p. 47).

Se nas nossas escolas ensinamos aos nossos alunos como é que o crioulo vem do português e do africano, qualquer pessoa saberá português muito mais depressa. O crioulo prejudica quem aprende português, porque não sabe qual é a ligação que existe entre o português e o crioulo, mas se se conhecer a ligação que há, isso facilita aprender o português, (Cabral, 1979, citado por Namone, 2014, p. 71).

Freire (2022, p. 9) destaca que o domínio da língua portuguesa é crucial para o desenvolvimento educacional uma vez que “pode influenciar a aprendizagem e consequentemente os resultados escolares dos alunos”.

Este estudo analisa a perceção dos professores na Guiné-Bissau sobre o valor da língua portuguesa para o sucesso académico e profissional dos alunos, explorando atitudes, crenças e experiências educativas. Identificar os desafios e oportunidades neste contexto é fundamental para promover o sucesso dos estudantes. Analisaremos atitudes, crenças e experiências dos educadores guineenses em relação à língua oficial e como na sua opinião esses fatores impactam a educação e o desenvolvimento profissional dos estudantes. Ao compreender a visão dos professores, podemos identificar desafios e oportunidades para fortalecer o ensino e a aprendizagem da língua portuguesa na Guiné-Bissau, promovendo assim o sucesso dos alunos em suas jornadas académicas e profissionais.

A compreensão da perceção dos professores sobre a importância do português para o sucesso académico e profissional na Guiné-Bissau requer uma análise abrangente que considere não apenas os aspetos linguísticos, mas também os contextos históricos, socioculturais e políticos que influenciam essa dinâmica complexa.

O trabalho compõe-se de seis capítulos. Os três primeiros capítulos compõem o enquadramento conceptual e contextual, abordando temas essenciais para a compreensão do estudo:

- no primeiro capítulo, discutiremos a importância da língua portuguesa como pilar do sucesso académico e profissional na Guiné-Bissau;
- no segundo capítulo, apresentaremos um panorama linguístico guineense, explorando as dinâmicas e contextos das línguas no país;
- no terceiro capítulo, abordaremos a formação de professores na Guiné-Bissau, analisando os processos e desafios enfrentados nesse campo.

A partir do quarto capítulo, passamos à parte empírica do estudo com um capítulo sobre a metodologia da pesquisa, seguido da apresentação e discussão dos resultados no quinto capítulo.

Por fim, encerramos o trabalho com as conclusões e as considerações finais no sexto capítulo.

I. ENQUADRAMENTO CONCEPTUAL E CONTEXTUAL

Capítulo 1. A LÍNGUA PORTUGUESA COMO PILAR DO SUCESSO ACADÉMICO E PROFISSIONAL NA GUINÉ-BISSAU

1.1. Conceitos: língua materna, língua segunda, língua nacional, língua oficial e língua estrangeira

Nesta secção abordaremos conceitos fundamentais relacionados com a linguagem e a sua importância no contexto educacional e cultural. O entendimento das categorias de língua materna, segunda, nacional, oficial e estrangeira é fundamental para compreendermos as dinâmicas linguísticas que moldam a identidade e as oportunidades dos indivíduos num país como a Guiné-Bissau.

Língua Materna

A designação de *Língua Materna* é frequentemente aplicada à língua por meio da qual uma pessoa estabelece a sua primeira relação de comunicação, aquela que é adquirida no ambiente familiar e que tem um papel significativo na construção da identidade cultural. Dizemos frequentemente, porque nem sempre uma criança começa a adquirir uma única língua e cresce com ela. Na Guiné-Bissau, há situações em que uma criança nasce e começa a balbuciar numa língua, até começa a falar a mesma estruturalmente, porém os pais mudam para uma outra zona da permanência. Nesta, a criança, numa forma espontânea, é obrigada a adquirir outra língua em imersão. Para Cá e Rubio (2019) “essa língua contribui, primordialmente, para a constituição da identidade pessoal, regional, étnica e cultural de uma pessoa, ainda que outras línguas com as quais o falante tem contato também contribuam na formação dessa identidade” (p. 396).

Segundo Quimabé (2022, p. 79) “a linguagem é a faculdade intrínseca do homem, e cada homem possui uma língua que adquire à nascença (Língua Materna, doravante LM)”.

Para Baldé (2013), a Língua Materna (LM) “é entendida como primeira língua adquirida por um indivíduo, a língua utilizada de forma espontânea e natural, tornando-se automática nele” (p. 23). A língua materna “é também designada Língua Primeira (L1), por ser a primeira língua de aprendizagem da criança e com a qual esta estabelece os seus primeiros laços afetivos, sendo estes determinantes para o seu desenvolvimento cognitivo e social” (Baldé, 2013, p. 23).

O conceito de língua materna, definido pelos autores supracitados, implica que o estatuto da língua materna, no contexto da Guiné-Bissau, varie entre várias línguas. A língua materna é

frequentemente o próprio crioulo ou uma das línguas étnicas, mas o português também pode ser língua materna da pessoa que nasce na Guiné-Bissau. Este facto é realçado por Silva e Sampa (2017): “dependendo da constituição da família, a primeira língua pode ser o crioulo, depois a língua étnica a que a família pertence e, por último, o português” (p. 236). Não obstante, “essa ordem pode mudar substancialmente, principalmente no interior do país, onde, na maioria dos casos, a primeira língua é a do grupo étnico a que a família pertence, seguida pelo crioulo como a segunda língua da família” (p. 236).

O uso predominante da língua materna no quotidiano, em contraposição à língua portuguesa, que muitas vezes não é utilizada em casa, pode impactar o aprendizado e o domínio do português nas escolas. Para Lima et al. (2022), a falta de diálogo entre teoria e prática no ensino de Língua Portuguesa compromete o processo de aprendizagem, deixando os estudantes com dificuldades de comunicação mesmo após a educação básica. Segundo Dias (2021), todas as línguas aprendidas após a língua materna são consideradas, independentemente dos seus estatutos, como línguas não maternas. “O termo *Língua Não Materna* é utilizado para designar qualquer língua aprendida depois da *Língua Materna*. Quanto mais cedo uma criança é exposta ao uso regular de uma LNM, maiores probabilidades terá de obter um grau de proficiência de nível avançado” (p. 17).

Língua Segunda

A Língua Segunda (L2) é aquela que uma pessoa aprende além de sua língua materna. Não é necessariamente uma língua que está sendo numerada pela ordem em que é adquirida. O termo “segunda” remete para o que é distinto da língua materna. Baldé (2013) afirma que “a L2 beneficia oficialmente de um estatuto privilegiado. A L2 tem uma importância funcional no currículo escolar e na comunicação quotidiana”. No contexto educacional guineense, o português é frequentemente ensinado como uma língua segunda. Como afirmam Turcarelli e Belluzzo (2024), “no entanto, a eficácia dos métodos de ensino de uma segunda língua pode variar consideravelmente, uma realidade que não pode ser ignorada”, (p. 151). Para muitos alunos, a transição de sua língua materna para o português na escola pode ser desafiadora, sendo essencial que haja um suporte educacional que facilite essa transição. Segundo Krashen (1982), “a aquisição de uma segunda língua acontece de forma mais eficaz em um ambiente onde a interlocução é encorajada e o uso da língua é contextualizado” (p. 20). A noção de “bilinguismo ou multilinguismo” é crucial, sobretudo num país onde a diversidade linguística é marcante. Bialystok (2001) argumenta que o bilinguismo oferece vantagens cognitivas, sociais e profissionais, além disso, enriquece a forma como cada pessoa percebe o mundo, favorecendo

a integração em contextos multiculturais. Na mesma linha de ideia, Quaresma (2018), realça a importância de “ser bilingue traz vantagens a nível cognitivo, uma vez que a constante mudança entre línguas torna o falante, no seu quotidiano, capaz de executar tarefas que exijam o controlo da sua atenção, focando-se apenas no que é importante”, (p. 12). Esta vantagem pode ser especialmente relevante na Guiné-Bissau, onde a competência em português pode abrir portas para um contexto globalizado.

Contudo, o conceito de língua segunda não é aceite por todos os estudiosos. Por exemplo, Barbosa e Freire (2017) defendem a utilização do termo “adicional” que segundo elas: Cabe mencionar que a palavra “adicional” é o termo mais comumente usado do que “segunda língua” ou “língua estrangeira”. Um dos motivos é o fato de os estudantes, algumas vezes, estarem aprendendo não uma segunda, mas uma terceira ou quarta língua. “Adicional” se aplica a todas, exceto, claro, à primeira língua aprendida. Ademais, uma língua adicional pode não ser estrangeira, já que muitas pessoas no seu país podem falar essa língua rotineiramente. (p. 596)

Língua Nacional

A *Língua Nacional* é a língua ou línguas que são reconhecidas como representativas do país, muitas vezes refletindo a cultura e identidade coletivas. O termo Línguas Nacionais (LN) é normalmente utilizado para indicar a língua de transmissão dos valores nacionais e culturais de um país. Uma LN só tem esse estatuto quando é atribuído pelo Estado, mas existem países, como é o caso da Guiné-Bissau, em que o termo é utilizado pela população para designar outras línguas locais. Na Guiné-Bissau, o crioulo é uma língua nacional que, embora não oficial, desempenha um papel importante na vida dos cidadãos. Namone (2020) afirma que é nesse sentido que defendemos a adoção de perspectiva da educação intercultural para o país, tendo como objetivo estabelecer a relação intercultural, na escola. Relação essa pautada no respeito mútuo, no reconhecimento e respeito à diversidade cultural, respeito às diferenças existentes entre alunos, como também, na valorização das experiências coletivas de cada grupo étnico. (P. 59) Esta convivência entre o crioulo e o português realça a importância do reconhecimento e valorização das línguas locais para um aprendizado mais eficaz. Baldé (2013) cita Nassum (1994, p. 65), para em relação ao estatuto das línguas nacionais, do crioulo e do português:

As línguas nacionais (étnicas) e a de unidade nacional (crioulo) não se encontram fixadas e não estão munidas de termos científicos para poderem ser utilizadas no ensino e na investigação científica, e o país depara com grande carência de meios materiais e humanos. (...) O português como língua oficial e as restantes como apenas línguas nacionais (...) (p. 24)

Língua Oficial

A *Língua Oficial* é aquela reconhecida pelo estado para interações formais, incluindo documentação e comunicação em instituições governamentais e educacionais. De acordo com

Baldé (2013), é considerada Língua Oficial (LO), a língua que um Estado adota como a língua de ensino, administração, justiça, legislação e comércio. Este termo é normalmente usado em contexto multilingue para a identificação de uma ou várias línguas cuja utilização é legítima nas instituições oficiais (p. 24). No caso da Guiné-Bissau, o português é a língua oficial, conforme estabelecido na Constituição. Contudo como observa Couto e Embalo (2010) “devido ao fato de ser a língua oficial, o português é também a língua do ensino” (p. 48).

A falta de prática diária em contextos quotidianos pode limitar a proficiência dos alunos na língua portuguesa, mesmo que ela seja utilizada no ambiente escolar.

Língua Estrangeira

A Língua Estrangeira refere-se a línguas que não são nativas de um país e que são aprendidas em estabelecimentos educacionais ou contextos formais. Segundo Crane (2011), uma língua estrangeira pode ser entendida como aquela aprendida através do ensino formal, sendo igualmente definida como uma língua que não é utilizada pela população de um determinado local, como exemplificam Souto et al. (2014) ao referirem o inglês falado por nativos brasileiros. Baldé (2013), afirma que “a LE é utilizada no espaço de uma aula de língua, como disciplina isolada, em contexto formal, tratando-se de um processo que se vai desenvolvendo em várias fases, fisicamente, distante do lugar onde tem reconhecimento oficial” (p. 23). Barbosa e Freire (2017) referem que o termo “estrangeiro” pode sugerir “estranho”, “alheio” ou outras conotações indesejáveis. Por esse motivo, optam pelo termo “adicional”, sublinhando o entendimento de que línguas adicionais não são estrangeiras, logo, também não são inferiores ou superiores, nem substitutas para a primeira língua de um estudante, Schoffen e Martins (2016).

A compreensão dos conceitos que foram apresentados e suas inter-relações oferece um panorama mais rico e diversificado sobre a educação linguística na Guiné-Bissau. Através da sistematização e análise das dimensões da língua materna, língua segunda, língua nacional, língua oficial e língua estrangeira, propomos um entendimento mais profundo das suas implicações na formação identitária e nas oportunidades sociais e profissionais para os jovens guineenses. Fomentar um ambiente educacional que valorize tanto as línguas locais quanto a língua oficial é fundamental para a construção de um futuro inclusivo e promissor.

1.2. O papel de uma língua oficial e de ensino

A língua oficial de um país desempenha um papel crucial na formação da identidade nacional e na coesão social.

É importante ter o domínio da língua que é escolhida como língua de ensino e de trabalho, visto que a compreensão de um assunto, acadêmico ou profissional, tem por base o entendimento da língua, a sua proficiência, para depois acontecer o entendimento do conteúdo (acadêmico ou profissional). Um conteúdo só é bem dominado em caso de uma boa transmissão e recepção, que tem como suporte um canal de comunicação, a língua. Para os estudantes que deslocam para estudar no estrangeiro, o fator língua é umas das barreiras que enfrentam. Muitos deparam-se com insucesso na formação, fruto da falta de domínio da língua.



Figura-1: Mapa da Guiné-Bissau

A Guiné-Bissau, oficialmente República da Guiné-Bissau, é um país da África Ocidental que faz fronteira com o Senegal ao norte, Guiné-Conacri ao sul e ao leste e com o Oceano Atlântico a oeste. O território guineense abrange 36 125 km² de área, com uma população estimada de 2 milhões de pessoas, segundo o censo de 2009. Como destaca Batista (2022), “o território é constituído por um setor autónomo (Bissau) e oito regiões divididas administrativamente: Biombo, Cacheu e Oio (Norte), Bafatá e Gabu (Leste), Bolama-Bijagós, Quinara e Tombali (Sul)”, (p. 8).

A Guiné-Bissau fazia parte do Reino de Gabu, bem como do Império do Mali. Partes deste reino persistiram até o século XVIII, enquanto algumas outras estavam sob domínio do Império Português desde o século XVI. No século XIX, a região foi colonizada e passou a ser referida como Guiné Portuguesa. Após a independência, declarada em 1973 e reconhecida em 1974, o nome de sua capital, Bissau, foi adicionado ao nome do país para evitar confusão com a Guiné (a antiga Guiné Francesa) e a Guiné Equatorial (antiga Guiné Espanhola). Foi a primeira colônia portuguesa no continente africano a ter a independência reconhecida por Portugal. A Guiné-Bissau, ex-colônia portuguesa na África Ocidental, enfrenta desafios significativos desde sua independência. A colonização portuguesa deixou marcas profundas, moldando a estrutura socioeconômica, política e educacional do país. Após a independência, a Guiné-Bissau lutou com instabilidade política, golpes militares e conflitos internos, afetando negativamente o desenvolvimento e a governança.

No caso da Guiné-Bissau, a língua portuguesa além de ser a língua oficial, não é apenas um meio de comunicação, mas também um símbolo de identidade e de acesso a oportunidades acadêmicas e profissionais. No que diz respeito à identidade, independentemente da nacionalidade guineense, a língua portuguesa identifica-nos como membros dos PALOP e membros da CPLP, grupo a que comumente chamamos de lusofonia. Para compreender a importância da língua portuguesa neste contexto, é fundamental analisar as suas funções sociais, educativas e econômicas.

O papel da língua portuguesa como língua oficial e de ensino na Guiné-Bissau é multidimensional e complexo. A sua importância para o sucesso acadêmico e profissional é inegável, mas também levanta questões de inclusão, exclusão e identidade. A compreensão das dinâmicas linguísticas no contexto guineense é essencial para a promoção de políticas educativas que respeitem e valorizem a diversidade linguística, garantindo assim uma educação mais equitativa e inclusiva.

1.2.1. A língua como instrumento de inclusão e exclusão

A língua, mais do que um simples meio de comunicação, constitui um capital simbólico e social (Bourdieu, 1991). Na Guiné-Bissau, onde coexistem diversas línguas nacionais e o crioulo, o português assume um papel paradoxal: é simultaneamente veículo de mobilidade social e fator de marginalização. No ensino, o português é condição de acesso e progressão escolar, mas muitos alunos, cuja língua materna é o crioulo ou outra língua nacional, enfrentam dificuldades porque a língua da escola não corresponde à sua realidade linguística inicial. Isso gera

desigualdades, porque os que têm contacto precoce com o português, geralmente em contextos urbanos e mais escolarizados, estão em vantagem, enquanto alunos de meios rurais ou com menor capital cultural apresentam maior risco de insucesso e abandono, (Namone & Timbane, 2017). O português é instrumento de inclusão ao possibilitar acesso ao conhecimento científico, ao mercado formal de trabalho e à integração internacional, sendo visto pelos professores como uma “porta de entrada” para a ascensão académica e profissional. Contudo, é também instrumento de exclusão, pois os que não o dominam ficam limitados ao setor informal e afastados de espaços de poder e decisão.

Assim, a dualidade do português é evidente: integra uns e marginaliza outros. Os professores guineenses reconhecem essa centralidade, mas também constataam que o fosso linguístico contribui para desmotivação, insucesso e exclusão escolar (Cá, 2022). O desafio da política educativa guineense consiste, portanto, em conciliar a importância do português com a valorização das línguas nacionais, de modo a transformá-lo num verdadeiro instrumento de inclusão.

1.2.2. A língua portuguesa e a educação

A língua portuguesa, enquanto língua oficial e língua de ensino, ocupa um lugar central no sistema educativo da Guiné-Bissau. O domínio desta língua é a condição indispensável para que os alunos consigam aceder aos conteúdos escolares, compreender as orientações dos professores e interagir de forma eficaz nos diferentes níveis de ensino. Nesse sentido, o português não é apenas um instrumento de comunicação, mas o próprio mediador do processo de ensino-aprendizagem.

Autores como Skutnabb-Kangas (2013) defende que a aprendizagem escolar é mais eficaz quando se assenta inicialmente na língua materna, permitindo ao aluno construir pontes cognitivas sólidas que depois se transferem para a aquisição de uma segunda língua. No entanto, a situação guineense mostra-se paradoxal: o português raramente é a língua materna das crianças, mas continua a ser a única língua de escolarização, impondo-se como filtro de sucesso ou de exclusão.

Esta realidade evidencia algumas fragilidades estruturais. Muitos alunos chegam à escola com forte domínio do crioulo ou de línguas étnicas, mas encontram no português uma barreira linguística inicial que condiciona a aprendizagem de todas as disciplinas, não apenas da disciplina de língua portuguesa. O insucesso escolar, o abandono precoce e a dificuldade em

acompanhar o currículo estão muitas vezes associados a esse desfasamento entre a língua da escola e a língua do quotidiano.

Contudo, é precisamente essa condição que confere ao português uma dimensão estratégica no percurso académico: a sua proficiência determina a progressão escolar e, mais tarde, a inserção no mercado de trabalho formal. Assim, o português adquire, simultaneamente, um valor educativo e um valor social, sendo visto por professores e alunos como a chave de acesso ao conhecimento científico, à mobilidade social e ao reconhecimento profissional.

Apesar disso, a centralidade do português no sistema educativo levanta questões de equidade. Se, por um lado, abre oportunidades, por outro, distancia aqueles que não conseguem dominá-lo com a mesma facilidade, frequentemente oriundos de contextos rurais ou menos escolarizados. Dessa forma, a escola guineense acaba por reproduzir desigualdades sociais através da língua.

É neste contexto que se compreende a importância de analisar a forma como os docentes percecionam o papel da língua portuguesa na educação. Afinal, são eles os mediadores do processo de ensino-aprendizagem e os primeiros a identificar tanto as potencialidades quanto os obstáculos que o uso exclusivo do português representa. A sua visão é fundamental para compreender até que ponto a língua oficial se transforma em ponte para o sucesso ou em barreira que dificulta a inclusão. A complexidade do papel do português no contexto guineense é colocada em relevo por Namone (2020):

Na Guiné-Bissau, a LP é encarada como de alto prestígio social e, por outro lado, é a principal ferramenta demarcadora de desigualdade social, na medida em que quem a domina tem larga vantagem para conseguir emprego, bolsa de estudos e outras oportunidades. (P. 50)

1.2.3. O impacto da língua portuguesa no mercado de trabalho

O domínio da língua portuguesa é frequentemente associado a melhores perspectivas de emprego. De acordo com Renzo e Jesus (2020), o processo de escolarização é configurado pelo capitalismo, que atua nessa mesma formação discursiva ao dividir e selecionar os sujeitos, levando-os a procurar competências e habilidades exigidas pelo mercado de trabalho. Nesse contexto, a língua portuguesa desempenha um papel central, uma vez que o seu domínio é frequentemente requisito para a inserção social e profissional. Perspetiva semelhante é destacada por Faria (2017), ao salientar que a escolarização reforça a necessidade de competências linguísticas que possibilitem o acesso a diferentes espaços sociais e ao mercado de trabalho.

Segundo Ançã, et al. (2014), “nesta linha, a LP tem expressão a nível planetário, dado ser falada nos cinco continentes: i) como língua materna/LM, em Portugal e no Brasil; ii) como língua segunda/L2, língua oficial, em Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe; iii) como língua cooficial, em Timor-Leste, a par do tétum, e ainda em Macau, a par do chinês (mandarim)”, (p. 130). Esta sua extensão também ajuda um falante do português no mercado de emprego.

1.2.4. A construção da identidade nacional

A língua portuguesa, como língua oficial, também desempenha um papel na construção da identidade nacional guineense. De acordo com Nardi (2007), a língua possibilita a identificação do sujeito, pois representa a dimensão simbólica, sendo através da imersão nesse simbólico que o indivíduo encontra espaços para se posicionar linguisticamente. A identidade, entendida como uma construção histórica, está intrinsecamente relacionada à cultura e ao discurso que a produzem, adquirindo sentido pela linguagem e por outros sistemas simbólicos. Nesse mesmo sentido, Embaló (2009) refere que, partilhando uma mesma língua, território e história de resistência, os diferentes grupos populacionais da Guiné-Bissau foram capazes de construir uma identidade comum que se sobrepõe às identidades individuais, contribuindo para a coesão social, sobretudo em períodos de crise.

1.3. A língua portuguesa na Guiné-Bissau: contexto histórico e socioeducacional

Como afirmam Timbane e Manuel (2018), “a língua não é palavras apenas, mas sim o valor e o uso das mesmas registradas dentro do sistema” (p. 122). O nosso estudo não incide sobre o campo da descrição linguística propriamente dita, mas pretende descobrir, junto do professor guineense, a sua visão ou o seu entendimento sobre o facto e o valor de esta língua ser a língua de ensino e como este facto se repercute na aprendizagem e na vida dos alunos.

Para compreender essas perspetivas e implicações, é necessário ter em conta o enquadramento histórico e social em que o papel de língua oficial e de ensino foi atribuído à língua portuguesa na Guiné-Bissau. Depois da independência, com a oficialização do português na Guiné-Bissau, todo o processo de ensino, os documentos oficiais, os materiais didáticos, os programas de ensino, os planos curriculares, a Lei de Bases do Sistema Educativo têm sido escritos na língua portuguesa. Por conseguinte, a língua portuguesa é indispensável, no que diz respeito ao primeiro contacto da criança guineense com a escola até ao Ensino Superior, quer nas cidades quer nas aldeias mais distantes (Correia, 2021). O seu uso nos domínios referidos requer o

domínio desta língua na sala de aula, de uma forma alargada. Envolve os professores da disciplina de língua portuguesa, mas não apenas estes. Os professores que lecionam outras disciplinas também devem ter um bom domínio desta língua para poder responder às demandas da sua profissão. Não basta só o domínio da disciplina da sua área, que deve ser acompanhado pelo domínio do veículo de transmissão e construção do conhecimento pelos alunos e professores, ou seja, o domínio da língua portuguesa.

Capítulo 2. PANORAMA LINGUÍSTICO GUINEENSE

2.1. Adoção do português como língua oficial e de ensino

Historicamente, o português foi introduzido durante o período colonial e mantido após a declaração e reconhecimento da independência. Como já expresso, na perspectiva de A. Cabral, a língua “é a melhor coisa que os tucas nos deixaram”. A sua presença como língua oficial e de ensino reflete a influência histórica e política de Portugal. No entanto, apesar de ser a língua oficial, a Guiné-Bissau é multilíngue, havendo várias línguas, crioula e africanas (étnicas), faladas pela população. Isso cria desafios e questões em torno do papel do português na educação e na sociedade guineense, incluindo questões de acesso, identidade cultural e eficácia pedagógica.

A introdução do português durante o período colonial e sua manutenção após a independência evidenciam a sua importância como língua oficial e de ensino, o que justifica laços históricos e políticos entre estes dois países. Entretanto, “o aspeto social da língua portuguesa é de extrema importância” (Ié, 2022, 169). A diversidade étnica e linguística é uma característica marcante da Guiné-Bissau, com várias etnias e línguas coexistindo no país. Enquanto o português é a língua oficial e de instrução nas escolas, muitos alunos têm como língua materna uma das línguas nativas, como o crioulo, balanta, mandinga, fula, entre outras. Mendes (2022) destaca esta diversidade:

(...) cerca de 30 grupos étnicos (...) compõem esse povo, (...) cada um desses grupos tem a sua própria língua, além da língua crioula, que é veicular entre as etnias, e o português, língua oficial, de alfabetização e da administração pública” (p 29).

Além disso, a questão da identidade cultural também se torna relevante, pois o uso predominante do português pode influenciar a percepção e o grau de (des)valorização das línguas locais.

Como acima é referido, entre as causas da instabilidade ocorrida na Guiné-Bissau, encontra-se o conflito político-militar de 7 de Junho de 1998, que durou 11 meses. A guerra teve como palco a cidade de Bissau, capital do país, que tem maior concentração populacional que todas as outras cidades. Durante a guerra, houve fuga de pessoas do centro de cidade Bissau para as diferentes aldeias, em todo território nacional, facto que facilitou assim a propagação do crioulo, como é salientado por Scantamburlo (2013):

O acontecimento que, a meu ver, contribuiu para difundir o Crioulo Guineense em todas as aldeias da Guiné-Bissau foi a guerra civil de 7 de Junho de 1998, que deu a oportunidade às duas Rádios das frentes opostas, a Rádio Bombolom a favor dos militares revoltosos do Gen.

Ansumane Mané (sigla “Djunta”), e a Rádio Difusora Nacional (RDN) a favor do Governo legítimo do Presidente Nino Vieira (sigla “Radiu”), de transmitir durante onze meses todos os tipos de noticiários, informações, debates, discursos oficiais, boletins de guerra, etc. (vd. “Anexos no CD: B.1.”). (p. 54)

Este mesmo fenómeno não se repercutiu apenas em relação ao crioulo, mas teve impacto também nas línguas étnicas, facilitando a sua expansão de um canto ao outro do país, dada a migração temporária das pessoas que fugiram da guerra.

A instabilidade teve repercussões também na dimensão socioeconómica, contribuindo para a persistência de pobreza generalizada, falta de infraestruturas e acesso limitado a serviços básicos. Politicamente, a nação enfrentou dificuldades em estabelecer instituições democráticas estáveis, resultando em ciclos de instabilidade e corrupção.

Na esfera educacional, a Guiné-Bissau tem enfrentado desafios como falta de recursos, baixa qualidade de ensino e altas taxas de analfabetismo.

O contexto linguístico na Guiné-Bissau é complexo e multifacetado, com o crioulo, as diferentes línguas étnicas, o português e as línguas maternas. Todas estas línguas desempenham papéis significativos na comunicação diária e na identidade cultural. No entanto, esta diversidade linguística também apresenta desafios, especialmente no contexto educacional. A coexistência de várias línguas tem criado barreiras para os alunos, dificultando o acesso ao currículo escolar em língua portuguesa, que é a língua oficial do ensino. O crioulo, embora seja amplamente falado, muitas vezes é visto como um obstáculo para a aprendizagem eficaz do português.

Esses obstáculos derivariam dos contrastes existentes com o português: por exemplo, um dos contrastes consiste na estrutura morfológica do crioulo em relação ao português, uma vez que em crioulo, na conjugação do verbo, a estrutura pronominal flexiona em pessoa, enquanto a estrutura verbal não muda o tempo em que o verbo está a ser conjugado. Por outro lado, “(...) o crioulo não possui o artigo e, em vários casos, os pronomes não se flexionam tanto em género como em número” (Silva & Carvalho, p. 15). Ilustramos estas diferenças recorrendo aos exemplos dados por Timbane e Manuel (2018):

Vejam os exemplos do verbo comer (om=balanta, lekk=wolof, kudha=xichangana, kume=crioulo) no presente do indicativo: Ex.1: português: Eu como, Tu comes, Ele come, Nós comemos, Vós comeis e Eles comem. Ex.2: balanta: nhidi n`om, udi n`om, un a om, bodin b`om, badin ba om e bagma b`om Ex.3: wolof: ma gui léck, ya gui léck, mu gui léck, nio gui léck, yéne gui léck e nyi gui léck Ex.4: xichangana: mine na dha, wene wa dha, yene wa dha, hine ha dha, nwine ma dha e vone va dha Ex.5: crioulo: ami n` kume, abo bu kume, el i kume, anos no kume, abos bo kume e elis e kume. (p. 119)

Quer na língua crioula, quer na língua balanta, bem como em algumas outras, a flexão só se verifica nos pronomes pessoais e nos seus prefixos acompanhantes. “Tanto no crioulo guineense como em balanta, wolof e changana, os pronomes pessoais sempre vêm acompanhados dos prefixos, pois sem esses prefixos a conjugação não tem sentido completo” (Timbane & Manuel, 2018, p. 119). Porém, o mesmo não acontece com o verbo, este não muda de forma, o que só acontece com os prefixos acompanhantes. Portanto, este fenómeno cria de tal maneira um embaraço na forma comunicativa de muitos guineenses, pelo facto de ter uma estrutura implícita precedente, de que não é fácil o falante dissociar-se. Por conseguinte, confronta-se com dificuldades em muitas ocasiões, designadamente quanto à flexão verbal em português, levando o falante a apresentar discordâncias entre número e pessoa gramatical, assim como nas outras classes de palavras. Motivo que influencia a transferência direta da estrutura do crioulo ou de uma das línguas étnicas para o português.

De acordo com Namone e Timbane (2017), “O português guineense recebe influências das línguas bantu e do crioulo falado pela maioria da população. As interferências mexem com a fonética e fonologia, semântico-lexical, morfossintática e pragmática” (p. 47).

2.2. Domínio limitado do português por parte dos alunos

Como é amplamente reconhecido e salientado pela própria UNESCO, a língua constitui um fator primordial para a aprendizagem:

O primeiro fator que impulsiona os insucessos da transmissão de conhecimentos é a língua em que esses conhecimentos são transmitidos, pois é visível que a criança aprende mais na sua língua materna do que em qualquer outra língua que ela venha a ter contato (UNESCO, 2000). (citado por Cá, 2022, p. 11)

O domínio limitado da língua reflete-se na própria forma de ensino e aprendizagem, De acordo com Dias, “Devido à falta dos exercícios orais, os alunos sentem-se obrigados a recorrer à memorização dos conteúdos, esse modo de ensinar continua a ser o padrão e até se verifica no ensino superior”, (2021, p. 35). A proficiência linguística implica contextos e interações dentro e fora da escola (Matete, 2022).

Uma das razões a que se deve ao domínio limitado do português por parte dos alunos tem que ver com a situação que Albuquerque e Siga (2021) caracterizaram do seguinte modo:

Atualmente, falar do português na Guiné-Bissau é falar intrinsecamente do processo de ensino-aprendizagem no país, pois a escola é o principal, se não, o exclusivo espaço onde se pode ter contacto com essa língua. O português sendo a LO e, conseqüentemente, língua de escolarização no país, o seu espaço de uso é nas escolas. Isto porque na própria administração pública do país ela não é usada com frequência pelos servidores públicos, mas sim o crioulo guineense. Além do mais, nas instituições privadas, são usadas mais as línguas estrangeiras, francês e/ou inglês (sem tradução alguma para o português ou o kriol), como, por exemplo, em documentos e serviços bancários. Isso ocorre à revelia da

população e dos próprios funcionários, pois a comunicação oral é feita em língua crioula. (p. 156)

Esta situação justifica que na Guiné-Bissau deva haver uma política sociolinguística estratégica que passe necessariamente pela promoção de programas radiofônicos e televisivos, criações de conteúdos nas redes sociais, tudo com base na estimulação do público falante, sobre o uso prático do português, para romper a barreira que cria a complexidade e inibição no seu uso quotidiano. A aprendizagem de uma língua não se restringe ao domínio do código, mas estende-se ao contexto em que vive o aluno (Leffa, 2022). Este fato é exequível, se os programas e as atividades a serem desenvolvidas, forem bem direcionados aos públicos-alvo (neste caso, a camada adolescente e juvenil).

As redes de telecomunicações que operam na Guiné-Bissau têm grande papel na divulgação de conteúdos interativos e nas suas promoções, através dos programas que lançam nos seus canais de telecomunicações. Os centros de formação, as escolas, que se vocacionam para o ensino e promoção desta língua, as embaixadas de Portugal e Brasil, que oferecem cursos de português no país, também têm responsabilidades.

Essas entidades (rádio, TV, redes sociais, centros de formação, escolas, embaixadas de Portugal e Brasil, redes de telecomunicações) podem promover projetos que incentivem o uso da língua portuguesa, através das atividades extraescolares, como as semanas académicas, com apoio das redes de telecomunicações, onde nas organizações de concursos, sejam mobilizadas diferentes modalidades, que ajudem na expressão em português, tais como: concursos de leitura, declamação de poemas, narração de conto, cantigas em português, fazendo o aluno treinar a escrita e a oralidade, o que vai desenvolver a sua prática comunicativa.

O espaço da animação infantil e juvenil é estratégico para a implementação de uma política que estimule o uso e competição expressiva constante da língua. Participando nos concursos de comunicação oral em língua portuguesa, através dos canais já mencionados, sobretudo se houver atribuição de incentivos, falar em português pode tornar-se um hábito e, conseqüentemente pode acabar com o distanciamento dos falantes. Falando uma língua é que se aprenda a mesma. Não obstante o uso do crioulo e das línguas étnicas, o uso de uma língua não pressupõe a exclusão de outra. Dias (2021) chama a atenção para a responsabilidade geral partilhada, em relação à educação, que se reflete na utilização da(s) língua(s):

É bom salientar que a escola, a família e a sociedade em geral devem assumir a sua responsabilidade no processo de ensino e aprendizagem, têm essa responsabilidade na formação do caráter da criança, a voz da criança deve ser ouvida, não pode ser proibida de falar com o argumento de que ainda é pequena. Esse preconceito influencia negativamente uma criança a ponto de ficar com medo de interagir com

colegas e professor, mantendo-se calada mesmo na sala de aula para não ser repreendida depois. Daí que o papel do professor é capital para quebrar essa tradição. (, p. 35)

Conforme destacado por Dias (2021), a responsabilidade de criar ambientes propícios ao uso ativo do português recai sobre a escola, a família e a sociedade em geral. É imprescindível que esses setores assumam uma postura proativa na construção de espaços onde as crianças e jovens possam praticar e consolidar a língua portuguesa, sem receios ou preconceitos. A prática contínua e diversificada do idioma é fundamental para superar o domínio limitado do português, frequentemente resultante de preconceitos culturais e tradições que dificultam a expressão oral e escrita dos alunos. Dessa forma, torna-se fundamental criar oportunidades concretas para que os estudantes possam interagir oralmente e por escrito na língua de ensino, por meio de atividades pedagógicas inovadoras, uso de tecnologias, projetos comunitários, concursos e espaços de expressão cultural. Tais ações contribuem para que o português deixe de ser visto apenas como uma disciplina escolar e passe a ser uma ferramenta viva, integrada na rotina diária dos alunos, promovendo sua inclusão social, acadêmica e profissional.

Capítulo 3. FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA GUINÉ-BISSAU

A formação de professores na Guiné-Bissau é marcada por diversos desafios, incluindo a falta de recursos, a escassez de programas de formação contínua e a necessidade de uma abordagem pedagógica que valorize a diversidade linguística e cultural do país. A maioria dos professores é formada em instituições de ensino superior que, muitas vezes, não dispõem de currículos adequados que integrem as especificidades do contexto local.

3.1. Formação inicial e contínua de professores

Na Guiné-Bissau há um leque de ofertas de formação de professores, independentemente dos que se formam no estrangeiro. De acordo com Baldé (2013), “a Lei de Bases no seu artigo 48º, fala de princípios sobre formação de docentes e, no seu primeiro ponto, determina que a formação inicial é uma exigência para todos os professores e formação contínua para complemento e atualização permanente da formação inicial”, (p. 31).

A formação de professores é um componente vital do sistema educativo. Na Guiné-Bissau, a formação de professores é oferecida por escolas normais superiores e institutos de formação de professores.

Começando pelas universidades e outras instituições de ensino superior, a maioria dos professores que ali lecionam são os que se formaram no estrangeiro em diferentes áreas, com os níveis académicos correspondentes a licenciatura, mestrado e doutoramento, muito embora, na Guiné-Bissau, já se formem muitos quadros superiores que hoje em dia estão a lecionar também nas diferentes universidades e instituições de ensino superior guineense.

A nível nacional, a maior escola de formação de professores é a Escola Superior de Educação (ESE). Existem outras escolas integradas na ESE e antigamente cada uma dessas escolas funcionava com autonomia administrativa. Porém, a partir do ano 2010, com o Dec.-Lei n.º 13/2010, de 18 de novembro, todas as escolas que agora fazem parte da ESE passaram a responder a uma única direção geral, mantendo cada uma com a sua subdireção, como refere Nancassa (2022):

Criada em 2010 pelo Dec-Lei n.º 13/2010, de 18 de novembro, com a pretensão de «ministrar a formação de nível superior a professores para os ensinos básico e secundário (...)» (cf. Dec-Lei n.º 13/2010 – Preâmbulo; Estatutos da ESE, Art.º 1.º, n.º 2), a ESE integra as quatro antigas escolas de formação de professores, atualmente designadas de unidades de ensino (“Tchico Té”, “Amílcar Cabral”, “17 de Fevereiro” e “Educação Física e Desportos”), bem como as estruturas que foram criadas depois (cf. Estatutos da ESE, Art.ºs. 17º-18º). (pp. 62-63)

As escolas públicas que integram a ESE são:

- Escola Normal Superior Tchico-Té (ENSTT);
- Escola 17 de Fevereiro;
- Escola Amílcar Cabral de Bolama;
- Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD);
- Centro de Formação de Professores “Domingos Mendonça”-Cacheu;
- Centro de Formação de Professores “Domingos Ramos”-Bafatá;
- Centro de Formação de Professores “Serifo Fall Camará”-Buba.

Ainda existem mais duas escolas de formação de professores: DNS “Escola de Formação de Professores” (na língua dinamarquesa) — em Bachil (região de Cacheu) e Instituto de Formação de Professores de Mansoa — em Mansoa (região de Oio); contudo, não integram a ESE, embora façam formação de professores.

Como refere Djaló (2023), o sistema está a sofrer transformações para dar resposta às necessidades de formação de professores, sobretudo em relação ao ensino básico, mas ainda subsiste uma lacuna crucial em relação ao ensino secundário:

(...) atualmente, desde ano letivo 2017/2018 com a abertura mais de três novos centros de formação de professores, um por província, criados com a finalidade de aumentar o número anual de professores diplomados a nível nacional, a fim de fazer face ao crescimento da população escolar no ensino básico, passa a contar com sete escolas estatais de formação de professores específicas: a Escola Normal 17 de fevereiro e a Escola Normal Amílcar Cabral, Centros de Formação de Professores Domingos Ramos-Bafatá; Domingos Mendonça-Cacheu; e Serifo Fall Camará em Buba, destinadas à formação de professores do ensino básico (1º e 2º ciclo); a Escola Nacional de Educação Física e Desporto (INEFD) e a Escola Normal Superior Tchico Té para a formação de professores do ensino Básico (3º ciclo) contudo, importa salientar que, os professores que saem dessas escolas são colocados nas escolas do ensino básico e secundário, sendo que o país ainda não dispõe sequer de uma escola de formação de professores vocacionada para o ensino secundário (10º, 11º e 12º ano). (p. 17)

No ano letivo de 2017/2018, começaram a funcionar as escolas de polos provinciais em três províncias do país: Centro de Formação de Professores “Domingos Mendonça” em Cacheu, na Região de Cacheu (província norte), Centro de Formação de Professores “Serifo Fall Camará” em Buba, na Região de Quínara (província sul) e Centro de Formação de Professores “Domingos Ramos” em Bafatá, na Região de Bafatá (província leste) da Guiné-Bissau. Como referido, as ESE oferecem diversos cursos que cobrem necessidades sobretudo no ensino básico:

— Escola Normal Superior Tchico-Té (ENSTT) — forma os professores para as seguintes unidades curriculares (disciplinas) monodisciplinares² e bidisciplinares e respetivos níveis de leção: Português³, Francês, Inglês, Desenho⁴, História-Geografia, Física-Matemática, Biologia-Química. Os níveis a lecionar são de 3.º ciclo de ensino básico ao secundário;

— Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD) — forma os professores para a unidade curricular de Educação Física (que inclui diferentes modalidades desportivas e respetivos níveis a lecionar): Educação Física do 1.º ao 4.º ano de escolaridade do 1.º ciclo de ensino básico; 5.º e 6.º anos de escolaridade do 2.º ciclo de ensino básico; 7.º a 9.º ano de escolaridade do 3.º ciclo de ensino básico; e, já no ensino secundário, 10.º, 11.º e 12.º anos de escolaridade. Deveriam ser implementadas opções em diferentes modalidades desportivas, permitindo assim ao aluno seguir e praticar uma das modalidades desportivas de que gosta, mas por falta de infraestruturas adequadas à prática dessas modalidades desportivas, trabalha-se apenas a modalidade de futebol de 11, através de organizações de campeonatos escolares, que podem envolver também níveis anteriores, de 1.º a 3.º ciclos.

Tanto a Escola Normal Superior Tchico-Té (ENSTT) como a Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD) não dão formação específica, em termos técnicos e pedagógicos para lecionar no ensino secundário, porém trabalham matérias orientadas para este nível, devido à falta de professores que o caracteriza. Já em relação à formação voltada para a língua portuguesa, Albuquerque e Siga (2021) caracterizam a situação do seguinte modo:

Na Guiné-Bissau existem duas modalidades de cursos de língua portuguesa. Primeiro, o curso de professorado em língua portuguesa com o grau de bacharelato e licenciatura, ministrado na Escola Superior de Educação (ESE), Unidade “Tchico Té”, uma instituição pública, sendo a única no país com esta índole, ainda há uma licenciatura apoiada pelo Camões, Instituto Português da Cooperação e da Língua, I.P., através da embaixada de Portugal na Guiné-Bissau, no quadro de Programa de Cooperação Portuguesa para o Desenvolvimento no domínio da língua. O outro curso é o de Aperfeiçoamento em Língua Portuguesa ou simplesmente designado por alguns centros como Curso de Língua Portuguesa, como é o caso do Centro Cultural Brasil/Guiné-Bissau. Esse curso apresenta

² Nas monodisciplinas, os cursos de Português, Inglês e Francês antigamente eram ministrados de forma bidisciplinar, segundo os pares Português-Francês ou Português-Inglês, Francês-Português e Inglês-Português.

³ Português Bacharelato (que agora passa a licenciatura), Português Licenciatura (suportado pelo departamento de Instituto Camões).

⁴ Atualmente, todos estes cursos, numa forma sólida, funcionam no grau de licenciatura, com exceção do Desenho, este último, foi recentemente implementado, apesar de já formou primeiros finalistas.

graus de formas diversas (I nível, II nível, III nível e IV nível; ou A1, A2, B1, B2; ou nível básico, nível intermédio e nível avançado). (p 159)

No caso da disciplina de Português, os formados com o grau de bacharelato estão indicados para lecionarem os 3 níveis do ensino básico, ou seja, até ao chamado anteriormente ciclo geral do ensino secundário (7.^a, 8.^a e 9.^a classe) e os formados com o grau de licenciatura lecionam no ensino secundário complementar (10.^a, 11.^a e 12.^a classe), conforme refere Baldé, (2013):

Como já referimos, na ENSTT funcionam os cursos do bacharelato e da licenciatura em LP, com duração de três e quatro anos precedidos de um ano propedêutico respetivamente; o primeiro qualificaria para o ciclo geral do ensino secundário (7.^a, 8.^a e 9.^a classe) e o segundo para o ciclo complementar (10.^a, 11.^a e 12.^a classe), sendo certo que os diplomados do bacharelato quando colocados num liceu, também ensinam no ciclo complementar. (p. 40)

— Escola 17 de Fevereiro e Escola Amílcar Cabral de Bolama — formam os professores para os seguintes níveis e unidades curriculares (disciplinas) respetivamente: níveis de 1.^o a 4.^o ano de escolaridade (correspondente ao 1.^o ciclo de ensino básico) nas disciplinas de Português, Matemática, Ciências Integradas, Educação Física e os níveis de 5.^o e 6.^o ano de escolaridade (2.^o ciclo de ensino básico) em disciplinas como - Português e Ciências Sociais, Matemática e Ciências Naturais, Desenho (Educação Visual), Educação Física e Francês.

O ensino público não é confessional.

Nos meados do ano de 2003, começam a surgir as universidades, institutos e centros de formação superiores privados na Guiné-Bissau. Quanto ao tipo de ensino superior, Cabrito et al. (2022) constata-se que ele é de dois tipos: um ensino universitário que conduz à obtenção de um diploma académico e um ensino superior técnico que atribui um diploma profissional (art.º. 25º da LBSE). Ainda de acordo com a atual LBSE no seu artigo 28º, no Ensino Superior são conferidos os graus académicos de licenciado, mestre e doutor (p. 23). Mesmo assim “Apesar da LBSE referir os graus académicos de mestre e doutor, as instituições de Ensino Superior não podem atribuir estes graus, pelo facto de o país não dispor de um quadro legal enquadrador” (Cabrito et al., 2022, p. 23). Atualmente, a ESE, através da Unidade Tchico Té, com apoio do departamento de Língua Portuguesa, “Instituto Camões” e seus parceiros, está na fase de implementação do grau de mestrado em Língua Portuguesa, para o ano letivo 2025/2026. Algumas destas instituições académicas desenvolvem a sua ação na formação de professores. Entre elas, encontra-se a Universidade Lusófona da Guiné-Bissau, que é uma instituição privada. Ministra o curso de Ciências de Educação e forma um grande número de professores que ocupam as vagas docentes em disciplinas como Filosofia, Psicologia e outras.

Muitos formados nesta área de Ciências de Educação trabalham como técnicos do Ministério de Educação, a nível nacional, onde a colocação é feita mediante concurso público, através de Ministério de Educação Nacional (MEN) em parceria com o Ministério da Função Pública e Ministério das Finanças.

Alguns centros de formação de professores oferecem, um pouco por todo território nacional, cursos de educadores de infância. Mas alguns professores foram formados no estrangeiro. As escolas privadas de formação de professores trabalham na formação de docentes para os currículos tradicionais e específicos desenvolvidos em algumas escolas particulares (cooperativas e privadas), onde são implementadas as disciplinas de Inglês e Francês simultaneamente e as de pendor religioso (confessional). No país são implementadas as disciplinas de Educação Moral (como é o caso de muitas escolas ligadas à Igreja Evangélica) e Cultura Religiosa (escolas ligadas à Igreja Católica), assim como a disciplina de Língua Árabe (em algumas escolas islâmicas).

Na Guiné-Bissau, ressaltam três situações no que diz respeito à pessoa decidir ser professor: na primeira situação, há pessoas que escolhem ser professores porque entendem que é uma profissão nobre e que têm a vocação; na segunda, outras pessoas escolhem esta profissão por entenderem que rapidamente oferece emprego, mas não porque gostam de exercê-la *a priori*, com amor e dedicação; a terceira refere-se às que pretendiam outro tipo de formação e trabalho, mas que, no entanto, não o conseguiram, acabando por seguir o caminho de docente.

O conjunto destas duas últimas situações mencionadas tornou-se possível devido à enorme falta de professores e, por isso, na maior parte das zonas rurais, faz-se a contratação como professores dos alunos que concluíram o 9.º ano de escolaridade, de outros que concluíram o ensino secundário, para lecionar nas suas próprias aldeias. Estas pessoas acabam sendo moldadas já no terreno através de tentativas e erros que as fazem aprender, tornando-se assim professores com base na experiência. Muitos chegam a fazer mais tarde a formação de professores e acabam sendo na verdade bons professores e de certa maneira, asseguram o funcionamento do sistema. Como afirma Siga, (2023), “docentes com baixa qualificação ou até mesmo não qualificados começaram a ser recrutados temporariamente para dar conta da explosão escolar e cobrir essa demanda, o que comprometeu seriamente, por longos anos, a qualidade do ensino preconizada” (p. 113). Estas dificuldades não são de hoje, mas sim desde os primeiros momentos da independência.

Continua a existir falta de professores no país. Esta carência deve-se a razões diversas: escassez da formação, saúde (que é débil no país), razões de falecimentos, emigração, estudos no

estrangeiro, para obtenção de grau de mestrado e doutoramento e outras situações. Além disso, alguns professores lecionam níveis para os quais não têm competências (preparação) pela falta de professores para colmatar as necessidades no terreno.

Além dos fatores linguísticos, os condicionalismos apresentados traçam o quadro mais geral no qual se insere a percepção dos professores sobre a importância do português para o sucesso académico e profissional na Guiné-Bissau.

3.2. Qualidade do sistema

No país persistem problemas quanto a ser alcançado um ensino de qualidade, sobretudo na área ligada ao mundo de novas tecnologias, acompanhado da questão da proficiência na língua de trabalho, a língua portuguesa, o que reforça a relevância de conhecer a percepção sobre o quanto necessário esta língua é para a materialização de ideias e conhecimentos.

Ligada à qualidade, emerge a questão da avaliação do sistema educativo. Essa avaliação encontra-se plasmada na Lei de Bases de Sistema Educativo:

Avaliação do Sistema Educativo 1. O sistema educativo deve ser permanentemente avaliado em matéria de recursos, funcionamento e resultados. 2. São os seguintes os operadores fundamentais da avaliação do sistema educativo: a) Estatísticas da educação; b) Investigação em educação; c) Inspeção escolar. (Lei de Bases do Sistema Educativo, Artigo 58.º, p. 24)

A formação contínua dos professores é essencial para a implementação de práticas pedagógicas inovadoras. De acordo com Oliveira (2015), “a formação contínua permite que os professores se atualizem sobre as novas metodologias de ensino e desenvolvam competências pedagógicas que são fundamentais para o ensino eficaz da língua portuguesa” (p. 89).

A implementação de novas possibilidades pedagógicas na Guiné-Bissau pode enfrentar diversos desafios, incluindo a falta de recursos materiais e a necessidade de formação adequada dos professores. No entanto, também existem oportunidades significativas para melhorar o ensino da língua portuguesa.

O ensino público tem sido marcado por frequentes greves, resultantes de disputas salariais e condições de trabalho precárias dos professores. Estas greves têm impactos negativos significativos de uma forma direta na continuidade e qualidade da educação oferecida aos estudantes porque afetam não apenas o calendário escolar, mas também a motivação dos alunos e a confiança no sistema educacional. A interrupção constante do processo de ensino-aprendizagem pode levar a um declínio no desempenho académico e profissional dos estudantes. Nas duas últimas décadas, a educação tem sofrido sobressaltos, quase é impossível terminar um ano letivo sem ter nenhuma greve ou paralisação.

Deste modo, é essencial que as autoridades competentes e os sindicatos docentes encontrem formas de resolver os conflitos laborais de forma a minimizar o impacto negativo na educação dos jovens guineenses.

Existem outras situações que motivam a desistência dos alunos, como, por exemplo, campanhas de castanha de caju, casamentos precoces, casamentos forçados e a prática de circuncisão. Quanto a esta última, há etnias que a praticam no período em que as escolas se encontram em férias, mas há outras que a fazem na época em que decorre a escolaridade. Alguns alunos, independentemente dos níveis académicos que frequentam, estando na formação ou não, sentem-se obrigados a abandonar escola para irem cumprir a referida cerimónia de circuncisão.

Outro fator que torna o ensino com fraca qualidade é o método utilizado. Segundo Cá (2022):

o método de ensino-aprendizagem caracteriza-se pela transmissão de conhecimento, que é totalmente imperativa e, nele, o professor é exclusivamente o detentor de toda verdade; essa forma de transmissão visível até os dias atuais na Guiné-Bissau são traços da colonização, ou seja, os efeitos negativos que a sobreposição da língua portuguesa trouxe para o ensino são vários, efeitos esses que têm como consequências finais o abandono escolar. O número de crianças que não continuam os estudos tende a crescer cada vez mais, e a raiz desse abandono é o método de ensino, devido à falta de compreensão do que é ensinado na escola. (p. 11)

3.3. Língua portuguesa na formação dos docentes na Guiné-Bissau

Alguns professores guineenses, hoje em dia, deparam-se com dificuldades na articulação oral e escrita da língua portuguesa. Para além de pouco aproveitamento na aprendizagem do português durante os 12 anos de escolaridade, dizem que não estão a ser formados para irem lecionar a disciplina de Português. Vale a pena perguntar se há um sistema de transmissão de conhecimento que não passa necessariamente pela expressão oral e escrita duma língua que é adotada para o mesmo efeito, em exercício do professorado, neste caso o português.

Este facto é um dos motivos que leva alguns dos professores das outras disciplinas a terem dificuldade de comunicação e transmissão dos conteúdos aos seus alunos, duma forma correta e clara.

3.4. Estratégias pedagógicas no ensino da língua portuguesa

Como se referiu, as metodologias de ensino-aprendizagem caracterizam-se por uma abordagem de exposição e transmissão de conhecimento, o que é extensivo à língua portuguesa. Deste modo, não existe espaço para um ensino-aprendizagem que promova a utilização da língua e a autonomia do aprendente no seu uso. Estratégias pedagógicas inovadoras têm, por conseguinte, uma presença muito escassa.

No contexto apresentado, as possibilidades pedagógicas para o ensino da língua portuguesa na Guiné-Bissau são vastas e variadas e estratégias e recursos inovadores poderão desempenhar um papel transformador do quadro apresentado. Implementar estratégias como a Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP) pode ter um impacto significativo no sucesso académico e profissional dos estudantes. É essencial que políticas educativas e iniciativas comunitárias apoiem essas práticas para garantir uma educação de qualidade e inclusiva.

Aprendizagem Baseada em Projetos

A Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP) é uma abordagem pedagógica que envolve os alunos em projetos complexos e interdisciplinares. A ABP, ao envolver os alunos em projetos interdisciplinares, desenvolve competências cruciais, como a resolução de problemas e a colaboração, que são fundamentais para a fluência na língua. A integração de tecnologias digitais, por sua vez, oferece um acesso diversificado a materiais e recursos que personalizam a experiência de aprendizagem, facilitando a prática do português em contextos variados. Segundo Masson et al. (2012), a aprendizagem baseada em projetos, investigada nas últimas décadas, relaciona-se com as abordagens construtivistas, nas quais o saber não é entendido como algo fixo, mas construído pelo próprio estudante a partir dos seus conhecimentos prévios e da sua perceção global, o que evidencia a importância de aprofundar, expandir e articular o conhecimento. Por exemplo a implementação de Projetos Locais onde os alunos possam criar projetos que envolvam a comunidade local, como pesquisa sobre a cultura e história da Guiné-Bissau, concretização de iniciativas comunitárias, envolvendo o recurso não só ao crioulo e às línguas nacionais, mas também à língua portuguesa constituem estratégias que podem potenciar a aprendizagem em geral e o domínio da língua portuguesa, em particular, integrada num contexto multilingue.

Outro contributo pode ser integrar a língua portuguesa com outras disciplinas, como as ciências sociais e artes, para que os alunos possam desenvolver competências linguísticas em contextos relevantes e significativos.

Uso de Tecnologias Educativas

A integração de tecnologias digitais no ensino da língua portuguesa pode proporcionar recursos inovadores e interativos. Rocha (2008) destaca :“a chegada das tecnologias no ambiente escolar provoca uma mudança de paradigmas. A Informática Educativa nos oferece uma vastidão de recursos que, se bem aproveitados, nos dão suporte para o desenvolvimento de diversas atividades com os alunos” (p. 4).

Utilizar plataformas como Google Classroom (Google Sala de Aula) ou outras ferramentas de gestão de aprendizagem para compartilhar materiais, realizar atividades interativas e promover discussões em português pode ser um outro caminho.

Incorporar vídeos, *podcasts*⁵ e outros conteúdos multimídia que abordem temas culturais e sociais relevantes para os alunos, facilitam a prática da língua em contextos autênticos. Da mesma forma usar aplicativos móveis pode incentivar os alunos a praticar o português de forma lúdica e acessível.

Ensino multinível

O ensino multinível é uma abordagem que atende às necessidades de alunos com diferentes níveis de proficiência na língua portuguesa. Para contemplar as especificidades de um espaço de ensino cujos alunos são falantes de diferentes línguas, níveis de proficiência e de escolarização, o aspeto multinível se materializa a partir de diferenciações tanto no insumo quanto no processo (Tomlinson, 2001; Dudley, Osvath, 2016), citados por (Soares, 2019, p.82). O ensino multinível contribui para uma abordagem inclusiva, permitindo que os professores adaptem as suas metodologias às diferentes proficiências linguísticas dos alunos, garantindo que cada um possa progredir ao seu próprio ritmo. Assim, estas estratégias inovadoras interagem entre si, criando um ambiente de aprendizagem dinâmico e eficaz que promove o desenvolvimento integral das competências linguísticas dos alunos.

Outras soluções podem ser criação de grupos de aprendizagem diferenciados com base no nível de proficiência, permitindo que alunos mais avançados ajudem os que estão em níveis iniciais, promovendo a colaboração e o aprendizado entre pares. Também o uso de materiais pedagógicos diversificados, fornecendo materiais didáticos que atendam a diferentes níveis de competência, como livros, jogos e atividades práticas que possam ser adaptadas conforme a necessidade de cada aluno.

⁵ *Podcast* - é uma publicação digital em formato de áudio ou vídeo. A sua transmissão possui regularidade e conta com a facilidade de baixar, armazenar e compartilhar o arquivo.

A capacitação e o desenvolvimento profissional dos professores implicam promover formações regulares para os professores sobre novas metodologias de ensino, uso de tecnologias e estratégias de inclusão, garantindo que estejam atualizados e preparados para atender às necessidades dos alunos. A criação de redes entre professores para compartilharem experiências e estratégias que funcionaram nas suas salas de aula, promovendo um ambiente colaborativo de aprendizado entre educadores será outra forma de promoção da qualidade do ensino.

A utilização de técnicas de aprendizagem colaborativa, onde os alunos trabalham em grupos para resolver problemas ou realizar tarefas, desenvolvendo não apenas a língua portuguesa, mas também habilidades sociais e de trabalho em equipa, poderá também trazer contributos à qualidade do sistema.

O recurso à *gamificação*, que consiste em introduzir elementos de jogos no processo de aprendizagem, como questionários e competições, pode igualmente tornar o aprendizado do português mais envolvente e motivador.

Outra possibilidade com reflexos pedagógicos é o estabelecimento de parcerias com Organizações Não Governamentais (ONG) e instituições locais que possam contribuir com recursos, apoio ou experiências práticas que envolvam o uso do português. Em colaboração pode-se organizar eventos que celebrem a língua e cultura guineense e o português, como feiras de livros, noites de poesia ou teatro, onde os alunos possam usar a língua num contexto criativo e festivo.

Essas possibilidades pedagógicas, quando implementadas de forma eficaz, podem contribuir significativamente para o fortalecimento do ensino da língua portuguesa na Guiné-Bissau, promovendo uma educação de qualidade e inclusiva que atenda às necessidades dos alunos e da comunidade.

II. ESTUDO

Capítulo 4. METODOLOGIA

4.1. Problemática

“Desde a independência da Guiné-Bissau até à atualidade têm cada vez mais sido invocados os argumentos de que a principal causa do insucesso escolar é a falta de qualificação dos professores que se reflete diretamente na aprendizagem dos alunos” (Baldé, 2013, p. 1). Nesta perspetiva, pretendemos saber qual a perceção dos próprios professores, sobre o entendimento que têm da importância da língua portuguesa no seu trabalho e conseqüentemente num bom resultado deste. Mendes (2022) afirma que é “a fraca preparação dos professores e dos pais/encarregados de educação dos alunos. Esses dois agentes são os primeiros responsáveis pela aprendizagem/aquisição deficiente de uma língua pelas crianças” (p. 21). A língua portuguesa é uma ferramenta do professor para uso no seu trabalho, então vale a pena tomar em consideração o seu domínio, uma vez que alguns professores devem ensinar língua portuguesa, mas todos devem lecionar em língua portuguesa, independentemente da disciplina que lecionam.

Os professores, como mediadores entre os alunos e o currículo, enfrentam dificuldades ao lidar com a diversidade linguística. Muitos alunos chegam à escola com um domínio limitado da língua portuguesa, o que pode afetar o seu desempenho académico e suas perspetivas futuras. Além disso, a falta de recursos e de formação adequada dos docentes para lidar com alunos multilingues pode comprometer ainda mais a eficácia do ensino.

Tendo em conta estas dificuldades, a nossa pesquisa foca-se na perceção dos professores sobre o papel da língua portuguesa para o sucesso académico e profissional na Guiné-Bissau. Como referido, consideramos que o conhecimento dessa perceção é crucial para informar políticas e práticas educacionais mais inclusivas e eficazes. Ao entender os desafios enfrentados pelos professores e as suas perspetivas sobre o ensino da língua portuguesa, podem-se desenvolver intervenções que promovam a competência linguística dos alunos e que os preparem melhor para enfrentar os desafios do mundo académico e profissional.

4.2. Pergunta de partida e objetivos da investigação

O problema apresentado leva-nos a formular a seguinte pergunta orientadora da investigação: Qual a perceção dos professores guineenses sobre o papel da língua portuguesa para o sucesso académico e profissional dos seus alunos?

A resposta a esta pergunta de pesquisa permitirá obter uma compreensão detalhada da perceção dos professores na Guiné-Bissau sobre a importância da língua portuguesa para o sucesso académico e profissional dos alunos. Isso inclui entendimento sobre como os professores veem o papel da língua portuguesa no desenvolvimento académico e nas oportunidades de carreira

dos alunos, bem como possíveis desafios e estratégias para promover o domínio da língua. Esses resultados podem informar políticas educacionais e práticas pedagógicas para melhorar o ensino e aprendizagem do português no contexto guineense.

4.3. Objetivos do estudo

Formulamos o seguinte objetivo geral para o nosso estudo:

— Avaliar a relevância atribuída à proficiência em língua portuguesa no desempenho acadêmico e nas oportunidades profissionais dos estudantes na Guiné-Bissau.

E como objetivos específicos:

1. Analisar opiniões dos professores sobre a importância de alunos desenvolverem competências em língua portuguesa;
2. Analisar se há diferenças de percepção entre professores de diferentes níveis educacionais (ensino básico, secundário e superior) sobre a importância da língua portuguesa;
3. Refletir sobre os desafios enfrentados e as estratégias utilizadas pelos professores no ensino da língua portuguesa.

4.4. Abordagem metodológica

Metodologia significa conjunto de regras ou princípios empregados no ensino de uma ciência ou arte. Segundo Martins (2004), “a metodologia é, pois, uma disciplina instrumental a serviço da pesquisa; nela, toda questão técnica implica uma discussão teórica” (p. 291). A elaboração de uma estratégia metodológica sólida é fundamental para garantir o rigor, coerência e validade de uma investigação científica.

Para o presente estudo optou-se por uma abordagem qualitativa de natureza exploratória, que permite uma análise aprofundada das experiências, opiniões e percepções dos sujeitos envolvidos. “Se há uma característica que constitui a marca dos métodos qualitativos ela é a flexibilidade, principalmente quanto às técnicas de coleta de dados, incorporando aquelas mais adequadas à observação que está sendo feita” (Martins, 2004, p. 292). Segundo Minayo (2012), a pesquisa exploratória visa investigar fenômenos pouco compreendidos ou pouco estudados, com o intuito de ampliar o entendimento sobre o tema e gerar hipóteses para estudos futuros. A abordagem qualitativa permite captar as *nuances*, as percepções subjetivas e os significados que os professores atribuem à importância da língua portuguesa na sua prática educativa e na trajetória dos alunos, possibilitando uma compreensão contextualizada do fenômeno.

Esta pesquisa visa obter uma compreensão aprofundada das percepções dos professores, identificando padrões comuns e divergentes que contribuam para o entendimento do impacto da língua portuguesa no sucesso académico e profissional na Guiné-Bissau.

4.5. Participantes no estudo

Para a realização do estudo, foi constituída uma amostra não representativa composta por professores de diferentes níveis educacionais (ensino básico, secundário e superior), abrangendo diversas áreas de ensino. Por razões de disponibilidade e viabilidade de realização das entrevistas, a amostra da pesquisa foi constituída sobretudo em Portugal, com professores guineenses que estão a estudar em diferentes Universidades e Politécnicos portugueses, sem impedir que haja alguns professores entrevistados que se encontram na Guiné-Bissau. De qualquer modo, em ambos os casos, foi sempre considerando o contexto linguístico, histórico e sociocultural guineense.

Para a realização do estudo, foi constituída uma amostra não representativa composta por oito professores de diferentes níveis de ensino (ensino básico, secundário e superior), atuantes em várias áreas disciplinares, com o objetivo de captar a diversidade de percepções e experiências no contexto educativo guineense. Estes participantes foram selecionados por conveniência, considerando sobretudo a disponibilidade para entrevistas e a viabilidade de realização das mesmas, tendo sido entrevistados em Portugal e na Guiné-Bissau, sempre com atenção ao contexto linguístico, histórico e sociocultural do país.

A caracterização detalhada dos participantes, com base nos dados recolhidos através do questionário aplicado antes das entrevistas, é apresentada na Tabela 1 e resumida a seguir:

- Género: A amostra é maioritariamente composta por homens (seis professores), com duas professoras.
- Idade: As idades variam entre 29 e 45 anos, com uma média aproximada de 36 anos, refletindo uma faixa etária de jovens adultos a profissionais de meia-idade, com experiência variada no ensino.
- Nível académico: Os participantes possuem formação que vai desde o bacharelato até ao mestrado. Apenas um dos entrevistados ainda concluiu o mestrado.
- Experiência de ensino: A experiência no ensino varia de 3 a 14 anos, permitindo uma visão de diferentes fases de carreira e maturidade profissional.
- Níveis de ensino lecionados: Os professores atuam em diferentes níveis educativos, desde o ensino básico (1º ao 6º ano), passando pelo ensino secundário (7º ao 12º ano), até ao ensino superior. Dois docentes lecionam em universidades ou instituições de formação superior.

— Formação na área de educação: Todos os participantes possuem formação na área de educação, alguns com destaques para a formação específica em línguas, pedagogia ou ciências sociais, refletindo uma base sólida para o ensino.

— Experiência em Portugal: Sete dos oito entrevistados tiveram oportunidade de residir em Portugal, tendo, alguns, estudado em diferentes instituições de ensino superior ou politécnicos portugueses e, tendo trabalhado em diferentes serviços portugueses, o que influencia as suas perceções sobre a língua portuguesa. O outro participante viveu na Guiné-Bissau e no Brasil, tendo também estudado lá no Brasil e, experienciado diferentes contextos de uso da língua portuguesa.

Tabela 1 - Caracterização dos entrevistados

Prof.	Gén.	Idade	Nível académico	Formação académica	Nível que lecionou	Tempo que lecionou	Disciplina que lecionou	Lugar e tempo que obteve o diploma
PE1	M	34	Bacharelato/ Mestrado	Física-Matemática /MEIP (Mestr. em Ed. e Inov. Pedagógica)	7º a 12º ano	5 anos	Matemática	IPL-2024/ ESE- Tchico Té- 2017
PE2	M	29	Licenciatura/ Mestrando	Língua Portuguesa	Ensino Superior	5 anos	Comunicação e Linguística Empresarial	ESE- Tchico Té- (Camões)- 2019
PE3	M	41	Licenciatura	Língua Portuguesa	7º, 8º e 11º ano	6 anos	Português/E. para a Cidadania	ESE- Tchico Té- (Camões)- 2017
PE4	F	37	Bacharelato	Professora do Ensino Básico	1º a 6º ano	6 anos	Ciências Sociais	ESE-17 de Fevereiro-2018
PE5	F	45	Bacharelato	Biologia/Química	7º a 11º	9 anos	Biologia/Ciências Integradas	ESE- Tchico Té- 2015
PE6	M	42	Bacharelato	Professor do Ensino Básico	1º a 6º ano	14 anos	Todas as disciplinas, Matemática (mais tempo)	ESE-17 de Fevereiro-2010
PE7	M	34	Bacharelato/ Licenciatura/ Mestrando	Língua Francesa	7º a 12º ano	3 anos	Francês	ESE- Tchico Té-2017
PE8	M	38	Licenciatura/ Mestrando	Pedagogia Social	Ensino Superior	6 anos	Pedagogia/ Sociologia	Universidade Estatal Ariol, na R. F. Russa- 2014

A diversidade nesta amostra, em termos de idade, formação, experiência e contexto de residência, proporciona uma compreensão ampla e versátil sobre as perceções dos professores acerca do papel da língua portuguesa na sua prática educativa, bem como das dificuldades e estratégias no ensino da língua em contextos multilingues guineenses.

4.6. Técnicas de recolha e de análise de dados

A coleta de dados foi realizada através de entrevistas semiestruturadas, que possibilitam a obtenção de informações detalhadas, ao mesmo tempo em que permitem a flexibilidade de explorar temas emergentes durante o diálogo (Bogdan & Biklen, 2003).

O guião da entrevista (cf. Anexo 2) encontra-se organizado nos seguintes blocos:

- Bloco A: Legitimação da entrevista – explicitando os seus fundamentos e objetivos, procurando motivar o entrevistado, garantindo confidencialidade e solicitando autorização para o registo áudio da entrevista;
- Bloco B: Caracterização dos professores em termos pessoais e profissionais – considerando o género, a idade, o tempo de serviço, o nível lecionado, a formação profissional;
- Bloco C: Posição dos professores sobre a relação entre o domínio do português e o sucesso académico e profissional dos alunos.

Antes da sua aplicação, para se chegar à versão final apresentada, o guião foi testado junto de dois professores guineenses, estudantes do Instituto Politécnico de Leiria.

As entrevistas foram gravadas com o consentimento dos participantes, transcritas na íntegra e submetidas à análise. Esta consistirá numa análise de conteúdo qualitativa focada nas linhas de pesquisa correspondentes às questões do bloco C, ou seja, nas perceções dos professores sobre a importância do português para o sucesso académico e profissional dos alunos, no contexto multilinguístico da Guiné-Bissau.

Capítulo 5. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo apresentamos os resultados das entrevistas aplicadas no processo da investigação. Este capítulo representa o ponto central deste trabalho, pois é neste ponto que procuramos conhecer os pensamentos dos entrevistados sobre o tema em estudo, constituindo assim a base para atingir os objetivos que norteiam a nossa investigação.

5.1. Apresentação dos resultados

5.1.1. Língua materna dos entrevistados e sua relação com a língua portuguesa

Em resposta à primeira questão, sobre qual a língua materna e a relação com a língua portuguesa, constata-se que os professores PE1, PE2, PE4, PE6, PE7 e PE8 têm crioulo como a língua materna; PE3 tem a língua mandinga como a sua língua materna e PE5 afirma que a sua língua materna é balanta. Observa-se, por conseguinte, no conjunto dos entrevistados, o predomínio do crioulo como língua materna, predomínio que não é absoluto, pois também estão presentes a língua mandinga e o balanta como línguas maternas. Por sua vez, o português não é a língua materna de nenhum destes professores guineenses.

Como é de conhecimento geral, a Guiné-Bissau é um país multilíngue, facto este que faz com que algumas pessoas tenham o privilégio de ter duas línguas como maternas. O professor PE2 aplica a si esta condição:

A minha língua materna é balanta e crioulo, aprendi estas línguas em simultânea, logo depois da minha nascença, porque a minha mãe falava comigo balanta e o meu pai, crioulo. Então fui crescendo, aprendendo, assimilando estas duas línguas. (PE2)

Todos os entrevistados afirmam que a relação com a língua portuguesa surgiu em maior grau no ambiente académico (quando estudavam) e no trabalho (enquanto lecionam):

A minha língua materna é a língua mandinga e, a relação dessa língua com a língua portuguesa, faço às vezes uma ligação da minha língua com a língua nacional que é o crioulo e do crioulo para o português, mas como sabe que nós lecionamos, eu leciono em português, apesar que a língua materna ou a língua crioula é considerada como recurso didático que ao lecionar, quando tem uma dificuldade para transmitir uma mensagem e face ao recurso, pega uma expressão crioula para fazer o aluno entender, por isso que é considerado como recurso didático, mas a

língua que eu leciono, que eu uso, é a língua portuguesa. A minha relação com o português é no ambiente de trabalho e acadêmico. (PE3)

Não obstante, na resposta de PE2, encontramos uma estratégia de alargamento do contexto de uso do português:

Agora, nos últimos quatro anos, eu tenho usado a língua portuguesa, assim como a língua crioula, com frequência, porque mesmo em casa, já falo com alguns alunos que já estão a frequentar escola superior, educação superior, portanto exercitamos isso, fazemos isso em casa, já não está a ter apenas a predominância de ser usada só em certos contextos, mas, de vez em quando, eu uso até com o meu filho, o primogénito, às vezes eu uso a língua portuguesa. (PE2)

5.1.2. Lugar e tempo de aprendizagem da língua portuguesa

A aprendizagem da língua, para os entrevistados, em conformidade com a caracterização linguística global efetuada para o país, foi feita em ligação à frequência da escola. Para sete destes professores, esse processo de aprendizagem do português iniciou-se desde 1ª classe até ao ensino superior: “eu aprendi a língua portuguesa na escola, quando comecei a estudar a primeira classe, até ao ensino superior”, (PE7).

No caso do entrevistado PE8, a aprendizagem começou mais cedo, mas também no sistema educativo, no jardim de infância:

“Eu posso dizer que comecei a aprender a língua portuguesa desde o jardim de infância, em Bafatá, Guiné-Bissau” (PE8).

5.1.3. Contexto de multilinguismo

O contexto de multilinguismo estende-se aos próprios entrevistados: além do português, todos falam crioulo e mais uma outra língua. Há aqueles que, em casa, falam o crioulo e mais uma ou duas línguas étnicas, como é o caso do PE7, que fala cinco línguas, todas elas com proficiência (crioulo, mandinga, biafada, português e francês):

As outras línguas que eu falo são: crioulo, francês, mandinga e biafada. Falando de contexto, eu uso a língua francesa no contexto académico também ou não académico, mais falando com os estrangeiros, sobre tudo da zona do Senegal, da Guiné-Conacri, os países com quem temos fronteiras. As línguas étnicas, obviamente com os

familiares, amigos e as pessoas mais próximas de mim. O crioulo, num contexto do dia a dia, como uma língua corrente na Guiné-Bissau, uma língua que se fala mais, portanto sendo língua de contato, é obviamente a língua que eu mais uso no meu dia a dia na Guiné-Bissau. (PE7)

5.1.4. Relação com Portugal e influência na percepção sobre a língua portuguesa

De entre os oito entrevistados, sete responderam que tiveram a oportunidade de visitar Portugal e que essa experiência influenciou bastante a sua percepção em relação à língua portuguesa. Fazendo a comparação com o nível do português que adquiriram na Guiné-Bissau, os sete entrevistados reconhecem que no contato diário com o português em Portugal, melhoraram bastante no que diz respeito à língua portuguesa (PE1, PE3, PE4, PE5, PE6, PE7 e PE8).

Esta posição é ilustrada pela seguinte resposta de PE7:

Sim, desde 2019 que eu conheci Portugal, com o objetivo de estudar, há cinco anos para já. Essa experiência influenciou positivamente a minha forma de falar a língua portuguesa, aquilo que dizemos banho linguístico, porque na Guiné-Bissau eu falava português no contexto mais formal que é na escola e no trabalho, e agora cá em Portugal, eu uso língua portuguesa no meu dia a dia, todo mundo fala português, quer no trabalho, quer no metro, no comboio, na camioneta e em todas as circunstâncias sou obrigado mesmo a falar a língua portuguesa, o que influenciou positivamente a minha forma de falar, porque lá atrás, na Guiné-Bissau, eu falava português, mas ouve aqui alguma melhoria, eu considero que na Guiné-Bissau eu falava português, mas também usava muitas expressões que hoje, no contexto mais avançado, estão em desuso e acabei por reparar aquilo aqui em Portugal. Portanto, ao nível da evolução, eu senti que evolui bastante. Essa transição da Guiné para cá, ajudou bastante na minha forma de falar e perceber português. (PE7)

O único entrevistado que não tinha estado em Portugal, na altura da entrevista, é o entrevistado PE2, que afirmou que estava a fazer mestrado no Brasil e que a língua portuguesa, na variedade deste país, também o ajudou imensamente:

Eu não diria que tive a oportunidade de visitar Portugal, porque foi apenas de passagem duas vezes, quando ia para Brasil e de volta para a Guiné-Bissau. Então não visitei Portugal, mas no aeroporto, o português serviu-me de via intermediária da minha passagem para Brasil, muitas pessoas a falarem, a conversarem e aí eu vi

também a vantagem de dominar essa língua, porque consegui comunicar com pessoas e tive muita facilidade, naquele espaço enquanto eu viajava para o Brasil, assim como aquando do meu regresso para cá.

Não tive a oportunidade de viver em Portugal, porém no Brasil, como eu disse, a língua sendo um instrumento de comunicação, eu fui para lá, não tive a dificuldade. As dificuldades talvez que eu posso aqui apontar, tem a ver mais com a questão de variação (dialecto). Sabemos que isto vai depender já de contexto em que a pessoa se encontra, outras influências que possa receber, tendo em conta muitos fatores que podemos apontar. Nos primeiros momentos, primeiros meses, foi um pouco, assim, difícil, a questão de compreensão, percepção. Mas foi mais fácil eu percebê-los em relação que eles me percebam, julgo colegas, por exemplo de turma, muitos, já com o passar do tempo, muitos depois confessaram que no início, não percebiam o que eu queria comunicar, eu falava rápido e com uma variante mais perto da europeia. Foi uma experiência impactante, posso dizer, para ver que a língua vai ter o seu impacto ou tornar-se mais rica com essas diversidades, a maneira como cada país fala, a região, isso é que torna a língua mais rica. (PE2)

5.1.5. Proficiência em língua portuguesa e desempenho académico dos alunos

Todos os entrevistados acreditam que a proficiência em língua portuguesa afeta diretamente o desempenho académico dos alunos. Isto porque o português, na Guiné-Bissau, até ao momento, é a principal língua de transmissão de conhecimento. Sustentam ainda que a falta de proficiência, muitas vezes, leva alguns alunos ao abandono escolar. Os professores entrevistados, independentemente de acreditarem que a maior proficiência na língua afeta dum forma positiva o desempenho do aluno, também chamam atenção que o facto de o aluno não ter domínio do português não significa que ele não sabe algo. Esse mesmo aluno, se o professor o fizer entender bem a matéria, através de uma outra língua, exerce a sua capacidade, a sua cognição, mostrando que tem um dado conhecimento. De qualquer forma, para que isso funcione melhor, vale a pena dominar a língua de instrução, o que permite maior fluidez na aprendizagem do aluno (PE1, PE2, PE3, PE4, PE5, PE6, PE7 e PE8):

No meu entender, a proficiência em língua portuguesa afeta diretamente o desempenho académico dos alunos. Porque a língua portuguesa na Guiné é a nossa língua oficial, então, todos os alunos têm direito de perceber tão bem a língua portuguesa. Mas por natureza, às vezes os professores que saem de formação, nem todos saem bem. Há alguns que saem com dificuldade na língua, no momento de

ensinar, ensinam mal. O ensinamento é na base, como no ensino básico, por exemplo se um professor acompanha um aluno desde o 1º ano até o 4º ano, um professor tão experiente na transmissão em língua portuguesa, esse aluno, no 5º e 6º ano, vai ter mais percepção, a partir de 7º ano, ele já está bom, mas um professor que tem dificuldade, dificulta os alunos. Não é a língua que faz com que o aluno seja esperto, é a maneira de percepção, às vezes há professores que explicam até na língua étnica. Então por esta razão, um aluno que não sabe falar bem língua portuguesa, não significa que ele não adquira conhecimento, ele adquire, mas só que o seu educador é que não lhe consegue levar ao nível para que ele consegue realçar e falar também língua portuguesa. (PE6)

Se apreciarmos bem esta resposta, podemos considerar de forma positiva o que dizem alguns estudiosos da área, que defendem a implementação de bilinguismo no sistema de ensino guineense, como é o caso de Scantamburlo (2013).

5.1.6. Proficiência em língua portuguesa e desempenho profissional dos alunos

Todos os entrevistados responderam que a proficiência em língua portuguesa afeta diretamente o desempenho profissional dos alunos:

Pois é, porque quando o professor tiver certa dificuldade, obviamente que não consegue transmitir a sua matéria, o seu conhecimento, a sua experiência. Não consegue transmitir a sua mensagem como deve ser, aí os alunos sempre apresentam dificuldades enormes. E se for um profissional de outra área que não é do professorado, também a proficiência em língua afeta diretamente o profissional dessa pessoa, porque o importante é que quem comunica a língua, deve saber comunicar no contexto e deve saber explicar as coisas como devem ser, e caso tiver dificuldade nesse sentido, não consegue transmitir a sua mensagem. (PE3)

Há profissionais que são excelentes, que conhecem bem o seu trabalho, porém, se não souberem expressar-se, não conseguem dar a conhecer às pessoas a grandeza do seu trabalho ou as pessoas não conseguem saber o quanto ele é um grande técnico. Por isso, o conhecimento da língua, para além de facilitar o aluno a ter um bom aproveitamento, também facilita a ser um quadro de qualidade no exercício da profissão. Um bom domínio da língua, ajuda sobretudo na área da comunicação, que é particularmente relevante em algumas áreas, como as enunciadas por PE7:

Sim, acredito que a proficiência em língua portuguesa pode afetar o profissional do aluno. O aluno que tem a facilidade em compreender, escrever e falar a língua portuguesa, de certeza que pode ter alguma vantagem sobre aquele outro que infelizmente não tem essa capacidade, isso vai refletir mesmo nas suas notas e no seu próprio desenvolvimento acadêmico, neste caso. Imagine alguém que tem a proficiência, tem domínio em língua portuguesa, e por exemplo trabalha na área de vendas, obviamente ele comunica bem, quando redige o email, evitando os erros que se deve evitar, portanto, ele vai conseguir relacionar melhor com os clientes e vai conseguir vender mais. Portanto, essa proficiência, esse domínio, ajuda muito, sobretudo na área de comunicação, na área de vendas, na área de jornalismo, na área de direito e na área de ciência, no seu todo. Área do professorado também, o professor, por exemplo, que não tem domínio em língua portuguesa, acaba por estar a transmitir matéria de forma confusa aos alunos, se o professor não consegue, por exemplo decifrar as coisas, muito menos os alunos. (PE7)

5.1.7. O domínio da língua portuguesa nas várias disciplinas do currículo

Os professores entrevistados que lecionam outras disciplinas, que não o Português, reconheceram que o domínio da língua portuguesa influencia as suas disciplinas, tendo em conta que os alunos que a conhecem facilmente compreendem os termos ou as expressões que das matérias estudadas:

O domínio do português em Matemática, como é sabido, a matéria toda de matemática está em português, que nós ensinamos aqui na Guiné, tudo está em português. O aluno com a proficiência em língua portuguesa, consegue assimilar a matéria com facilidade, compreender os termos, compreender os conceitos e tudo mais. Então diferentemente dum aluno com falta da proficiência, ou seja, com dificuldades na língua. Portanto, o aluno com domínio, trabalha com facilidade, compreende os conteúdos, consegue resolver os problemas e mais. São alguns exemplos básicos as expressões: soma, adição, designação, ente, proporção e entre outros termos. Para além dos elementos básicos, o aluno pode saber, pode conhecer, pode até ter um conhecimento profundo, mas quando se fala do domínio, estamos a falar de ler um problema, ler o que este problema está querendo falar, então é aí que está o aspeto diferencial de quem tem proficiência e de quem não tem a proficiência. Pode ler um problema, depois não compreende o quê que o problema está querendo

dizer e aí quem compreende o português, quem tem proficiência, compreende com facilidade o quê que o problema está-se a relacionar ou está-se a falar, diferentemente de quem não tem a proficiência em língua portuguesa. Portanto, são muitos casos em matemática e não só.

Uma outra coisa, em Física, quando se fala, tanto em Matemática, fala-se de complemento, fala-se de comprimento e tudo mais. Às vezes, com falta do domínio, leva a pessoa a não compreender o que é complemento, o que é comprimento, que também em Matemática usamos, tanto em Física usamos. Então, às vezes a falta do domínio de língua leva os alunos a cometer até erros graves, que às vezes quando vão ser corrigidos, vão começar a dizer: olha, o professor não é professor de Português, por quê que está a corrigir palavras? (PE1)

Ambos os professores formados em língua portuguesa, incluindo os que foram professores do 1º ciclo, onde lecionam língua portuguesa e outras disciplinas, afirmam que o domínio do português ajuda o aluno. Como podemos ver:

Sendo professor que leciona também outras disciplinas, se o português é, como é a língua do ensino, certamente que todas as áreas devem ser ensinadas em português. Então, por isso que o português é extremamente importante para a compreensão em todas as situações do ensino. (PE3)

Também o entrevistado PE2 realça o contributo da língua para a compreensão dos enunciados e alarga esse contributo à argumentação e à organização do pensamento, no contexto da própria formação de professores, designadamente em relação à elaboração do trabalho final de curso:

Além das disciplinas viradas à área do português que eu leciono, lecionei a metodologia e trabalho de conclusão de curso. Em relação a estas cadeiras, mesmo quando eu leciono essa cadeira, noto que os estudantes com bom domínio de português compreendem melhor os enunciados também, eles conseguem argumentar com maior clareza e conseguem organizar suas ideias com mais lógica. Isso influencia diretamente a qualidade das suas respostas e assim como de aprendizagem de cada um deles. Portanto, isso só para mostrar que a língua portuguesa quando dominada, nós conseguimos com facilidade assimilar, com facilidade sobressair em outras áreas que não sejam apenas de língua portuguesa. (PE2)

O entrevistado PE6 falou das facilidades para o professor quando trabalha com alunos com domínio da língua portuguesa:

Na minha disciplina o domínio do português pode influenciar os alunos, na medida que eu consigo fazê-los entender os assuntos tratados ao longo de período. Nas avaliações, os alunos que têm mais domínio da língua portuguesa, seus trabalhos ficam mais claros e mais fáceis de corrigir, mesmo que eles não conseguem responder corretamente, mas o que eles vão escrever, dá para o professor entender as ideias deles, então isso, automaticamente ajudará o professor a saber qual é dificuldade do aluno e como é que ele pode ser ajudado e a correção fica mais fácil quando o aluno estiver em condições de transmitir uma mensagem clara, a fim de poder ser avaliado. (PE6)

5.1.8. Incentivo ao domínio da língua portuguesa para o sucesso das disciplinas e para a vida profissional

Os entrevistados, na sua generalidade, afirmaram que costumam chamar a atenção dos alunos para a importância do domínio do português para o sucesso na sua disciplina e na vida profissional:

Costumo chamar a atenção dos alunos para a importância do domínio do português para o sucesso na minha disciplina e na vida profissional, porque a maioria das dúvidas que os alunos sempre apresentam e, não só em português, como nas outras disciplinas, tem a ver com a falta de compreensão, que é a falta de domínio da língua. Porque quem tiver menor domínio terá maior dificuldade na compreensão. E eu costumo chamar a atenção para esse domínio por parte dos alunos, no sentido de poder ler várias vezes, consultar o dicionário e fazer pesquisas, para melhor descobrir o significado das palavras que não sabem, que desconhecem nas suas matérias. Porque quem tiver maior facilidade na compreensão da língua, certamente que essa pessoa terá facilidade na interpretação de qualquer que seja documento em português. (PE3)

A mesma posição é afirmada por PE2:

Claro que eu tenho feito com frequência a chamada de atenção aos alunos sobre a importância do domínio do português para o sucesso na minha disciplina e na vida profissional, não só na ENA, Escola Nacional de Administração, mas também em

outros lugares onde eu lecionava. Mas o que acontece é que logo na minha primeira aula, o que eu costumo fazer é falar exatamente da importância de língua portuguesa, tanto para o sucesso e na vida profissional dos alunos, assim como na minha disciplina, eu explico que o conhecimento técnico não é suficiente se não souberem comunicar bem. (PE2)

5.1.9. Exemplos da relação entre o domínio da língua portuguesa e o sucesso profissional

Os professores entrevistados, com exceção da professora entrevistada 4 (PE4) que não respondeu à questão, confirmam que quem domina a língua portuguesa tem sucesso profissional. (PE1, PE2, PE3, PE5, PE6, PE7 e PE8). Nas suas respostas, exemplificam essa relação em algumas áreas, com foco na comunicação:

Há áreas específicas que eu quero ressaltar aqui, que é área de jornalismo, área de direito, área de venda, de marketing, essas áreas são interessantes. Uma pessoa, por exemplo, que não tem o domínio em língua portuguesa, nós estamos num país que tem o português como língua oficial, onde todo mundo fala o português, onde a língua da comunicação é a língua portuguesa. Uma pessoa com domínio em língua portuguesa, na área de venda, por exemplo, ela é capaz de reter mais clientes, é capaz de atrair mais clientes, uma vez que ela fala numa forma assertiva, evita os erros, a pessoa, quando é por exemplo, a questão de feira, um encontro com o seu público alvo, exatamente a comunicação aqui, é extremamente importante, quanto mais assertiva for, quanto mais clara for, quanto mais objetiva for, ela é capaz de catapultar a sua empresa e conseqüentemente dar boas receitas para a empresa, o que também pode culminar aqui com a própria exceção da pessoa, porque a empresa vai ver que é uma pessoa competente, comunica muito bem, é capaz de reter muitos clientes, portanto, ela merece uma promoção, um reconhecimento e pode ser tirado de um lugar para o outro, portanto é uma importância enorme profissionalmente. (PE7)

O entrevistado PE8 deu o exemplo dos seus estudantes na Escola Tchico Té, destacando os de especialidade em língua portuguesa com aproveitamento nas unidades curriculares. Disse também que nos estudantes de outras especialidades, há aqueles que têm um bom desempenho na língua de trabalho e conseguem responder às demandas e, entre os estudantes da

especialidade em língua portuguesa, nem todos conseguem sair bem preparados, ou seja, com proficiência para enfrentarem o mercado de emprego.

Concluem que vale a pena ter domínio de língua de trabalho enquanto trabalhador ou estudante, independentemente do tipo de trabalho, porque a língua é a ferramenta mais eficaz de transmissão de conhecimento:

Temos muitos estudantes que têm habilidades, naturalmente que são dotados de conhecimento, que percebem muita coisa, por exemplo na Tchico Té, quando eu dava aulas, os alunos que faziam língua portuguesa, tanto de licenciatura, como de bacharelato, eram os alunos que tinham mais bagagens para terem sucesso em relação a sua profissão, conseguem ter mais sucesso, porque têm domínio da língua portuguesa. Em relação aos que faziam outros cursos, por exemplo a Matemática, a Física, esses normalmente tinham domínio dos conteúdos, mas em relação a língua portuguesa, tinham grandes dificuldades na sua aplicabilidade em termos profissionais. Então aqui há muita diferença, entre os que faziam a língua portuguesa, esses pareciam ter mais bagagens que os outros, mas se formos verificar bem, não é assim. (PE8)

O entrevistado PE1 exemplifica com várias áreas, entre elas a da própria escola, em relação a docentes, mas também a outros profissionais:

Os exemplos que demonstrem a relação entre o domínio da língua portuguesa e o sucesso profissional são vários: profissionalmente, alguém é nomeado para uma função na escola, na secretaria da escola, e está com dificuldade de conhecimento do português, é evidente que a produção dos documentos na secretaria, os diplomas, declarações e tudo mais, vão sempre chegar com erros não aceitáveis. Isso às vezes acontece. Na sociedade, é uma coisa rotineira, acontece sempre. Portanto, é nesse ponto que é necessário que haja algo ou seja uma urgência para um profissional ter domínio da língua portuguesa. Vai trabalhar, vai produzir. Tudo que vai produzir, vai ser em português, tudo, independentemente da disciplina, sendo Matemática, Física, e entre outras, tudo vai ser em português, na atividade profissional, vai influenciar. Sendo como professor também a lidar com os alunos, independentemente de ser professor de disciplina A ou B, Português ou Matemática, o certo, vai precisar mesmo de usar a língua que é única língua que a gente usa no ensino. Portanto, falta do domínio, profissionalmente, vai prejudicar negativamente na aprendizagem dos alunos e também no crescimento profissional do profissional

docente. De qualquer forma, o professor de Matemática, com o domínio da língua portuguesa, consegue com eficácia transmitir os conhecimentos aos seus alunos.

(PE1)

5.1.10. Desafios que os alunos enfrentam ao aprender português

Como afirma Duarte (2008), “quando uma criança entra na escola, já aprendeu, de forma espontânea e por mera imersão num determinado meio linguístico, a língua da sua comunidade” (p. 2). Assim, para compreender a questão, é necessário ter em conta a realidade linguística na Guiné-Bissau, visto que o português não é a língua de comunicação quotidiana. Não é comum o uso do português no dia a dia do guineense que o usa mais no ambiente escolar e em poucos serviços administrativos. Por esta razão, muitos alunos guineenses têm enormes dificuldades na aprendizagem do português nas escolas, principalmente nas públicas.

O entrevistado PE7 refere-se a essa realidade, servindo-se do exemplo do seu contexto familiar:

Na minha experiência, os principais desafios que eu considero que os alunos enfrentam, é que na Guiné-Bissau, o nosso dia a dia, não é português. Há pouco contato com a língua portuguesa, por exemplo na minha casa, há dias que nós falamos só mandinga, o dialeto da minha mãe e no dia seguinte, é só biafada, o dialeto do meu pai e, na rua, no mercado, em todos os sítios, à nível nacional, fala-se mais crioulo e a gente vai só falar português, quando estiver na escola, é também dito que é obrigatório falar português na escola, mas como a gente já está muito habituado a falar em casa, nos contextos informais em casa e onde passamos mais tempo da nossa vida, acaba por criar aqui alguma barreira em termos de aprendizagem na língua portuguesa. Se fosse o contrário, se a gente falasse português em casa, português no mercado, português no futebol, português em tudo que fazemos, obviamente que seria mais fácil a pessoa ter domínio, mas lá está! Há pouco contato com a língua portuguesa e, esses dialetos com a língua crioula, acabam aqui por criar alguma resistência na pessoa para o seu processo de aprendizagem da língua portuguesa. (PE7)

Além do reduzido nível de utilização, a interferência linguística surge também como um desafio. O entrevistado PE2 refere-se a essa interferência por parte do crioulo, que acresce à utilização comunicativa do português em grau limitado, mesmo no contexto da escola:

Na minha experiência, principais desafios que os alunos enfrentam na aprendizagem do português, incluem a interferência do crioulo, a falta de hábitos de leitura, o vocabulário limitado e insegurança na produção escrita. Também muitos alunos só têm contato com o português nas aulas, nós não exercitamos português fora de quatro paredes, só falamos português quando estamos na escola, muitos vão para escola e nem se quer se dão o trabalho de falar português, aí ainda é um outro problema, nós verificamos isso até no ensino superior, os estudantes não falam português também lá, poucas vezes falam e, o espaço que têm, porque nós passamos maior parte do nosso tempo diário a expressar nas línguas nacionais e, mesmo assim quando estamos na escola que é lugar apropriado para comunicarmos em português, raras vezes comunicamos, refiro-me a uma boa percentagem de estudantes, começando pelo ensino superior. (PE2)

5.1.11. Diferenças no desempenho académico entre alunos que dominam o português e aqueles que não dominam

Quando interrogados sobre a observação de diferenças no desempenho académico entre alunos que dominam o português e aqueles que não dominam, todos responderam que observaram diferenças:

Sim, há diferença. Os que dominam português percebem bem a matéria, fazem provas como deve ser, mas aqueles que não dominam têm dificuldade. Mas basta só falar crioulo, começam a dizer: ah! É isso que você estava a falar? Eu sei, só que não sabia que era isso, eu sei. Por causa da percepção. (PE4)

A entrevistada PE5 disse que os alunos que têm mais domínio da língua portuguesa, são os que assumem a liderança nas associações académicas:

Eu observo alguma diferença no desempenho académico entre os alunos que dominam o português e aqueles que não dominam, porque os alunos que dominam o português, eles que vão em frente, por exemplo no caso de associação dos alunos, são esses alunos que ficam em frente da organização, eles que resolvem problemas dos outros que não têm domínio, que não conseguem destacar. (PE5)

O entrevistado PE6 relaciona o domínio da língua portuguesa com diferenças que existem entre as zonas rurais e as zonas urbanas, mas considera também a complexidade das situações, tendo

em conta fatores como o empenho pessoal, mesmo quando não se sente suficiente à-vontade em língua portuguesa para tomar a palavra nesta língua:

Sempre há diferença entre aqueles que dominam e aqueles que não dominam, por exemplo os alunos das zonas rurais, e os alunos das cidades, têm muita diferença. Isso não significa que aqueles que estão nas cidades são mais espertos que os das zonas rurais, só que a diferença é que aqueles que estão nas cidades assimilam rapidamente a língua portuguesa em relação àqueles que estão nas zonas rurais, mas em termos de conhecimento já temos a diferença, notamos que aqueles que saem do interior, vão para cidades, são eles que empenham mais na escola, mesmo tendo dificuldade em falar língua portuguesa, mas eles que estudam mais. Por exemplo na mesma turma, independentemente das zonas rurais e urbanas, aqueles que não têm domínio da língua portuguesa, sempre que o professor lança alguma pergunta, mesmo que eles sabem, mas a maneira de formular resposta, acabam ficar calados, mas isso não significa que eles não sabem nada. Eu analisei aquilo e já sei, mas no momento de prática, você vai ver que aquele aluno que não estava a falar, vai ter maior nota do que aquele que estava a mostrar que sabe. Porém aqueles que dominam, isso lhes facilita a compreender a matéria e a fazer uma boa produção escrita e tirar uma boa nota. Contudo naqueles que não têm domínio de língua há alunos excelentes. (PE6)

5.1.12. Contributos do crioulo e de outras línguas locais para o aprendizado da língua portuguesa

Para Littlewood (2011), a língua materna pode facilitar a compreensão do aluno na aprendizagem associada a explicações, permitindo fazer paráfrases e “tradução” de vocabulário abstrato ou difícil, garantindo, desta forma, a interação e inclusão de todos na sala de aula (Lamas, 2015).

As respostas dos entrevistados neste âmbito são divergentes. Os entrevistados PE1, PE3, PE5, PE7 e PE8, afirmam que a presença do crioulo dificulta o aprendizado do português:

Vou afirmar que a presença do crioulo e outras línguas locais dificulta tanto no aprendizado do português. De facto, com essas línguas, o aluno mesmo, tem várias opções, dependendo de número de línguas que sabe falar, então, ao invés de falar o português, usa essas línguas como saída, principalmente o crioulo. Imagine, nos recintos escolares, os alunos do 1º a 12º ano, raras vezes falam o português no

recinto escolar, até na turma, escrevem no quadro, fixam papel e falam que é obrigatório o uso do português e que é proibido falar a língua crioula, mas se não existisses essas línguas, o aluno não teria outra saída e ia aprender só o português e assimilaria a matéria com mais facilidade, ajudaria bastante, mas com essas línguas, o aluno, às vezes, nem importa com o português, fala o crioulo com colegas, fala outras línguas, dependendo da região, então, de facto, essas línguas influenciam negativamente no aprendizado do português. (PE1)

O professor PE5 também salienta o nível reduzido de utilização e menciona as consequências em relação à própria escrita:

A presença do crioulo e outras línguas locais dificulta aprendizado do português. Porque os alunos ao invés de falar o português, falam mais outras línguas e isso interfere até na escrita, porque às vezes como falam, é assim também que escrevem, pronunciam mal e escrevem mal. (PE5)

O entrevistado PE3 refere-se à necessidade de recorrer às línguas locais para conseguir a compreensão, em vez de haver um percurso direto:

Dificulta bastante, dificulta na medida em que para melhor fazer o aluno compreender, você é obrigado a ir buscar uma palavra como recurso didático para melhor fazer o aluno entender. Então, essas línguas locais não facilitam na compreensão do português e no processo de ensino e aprendizagem. Quer dizer que tanto o professor como os alunos, sempre são obrigados a refugiar para estas línguas, enquanto estão no ambiente de ensino e aprendizagem, em que a língua ministrada é o português. (PE3)

A distância entre o sistema linguístico do português com os das outras línguas emerge na resposta de PE7:

Eu acho que a presença do crioulo e outras línguas locais dificulta aprendizado do português, porque as pessoas estão mais ligadas àquelas línguas e quando é para aprender a língua portuguesa, há sempre aquela resistência natural e, por esses dialetos e línguas, não serem línguas bem estruturadas, com as regras gramaticais, todas bem definidas, acaba aqui por criar, de uma certa forma, alguma barreira. (PE7)

O entrevistado PE8 disse que a tradução direta que muitos alunos tentam fazer do crioulo para o português é a grande dificuldade de aprendizagem da língua portuguesa:

Eu, na minha opinião, acredito que a presença do crioulo e outras línguas locais dificulta a aprendizagem do português. Infelizmente a língua crioula, que é a língua materna de maioria dos guineenses, dificulta porque é uma língua proveniente do português, há muitas semelhanças, de modo que há muitos estudantes que às vezes, fazem a tradução direta ou transcrição direta do português ao crioulo, isso dificulta muitas das vezes e nós, comparando com as outras línguas, por exemplo, que é a língua inglesa ou francesa, normalmente, os alunos percebem mais com a gramática e tudo em relação à língua portuguesa, porque se calhar fazem a tradução direta do crioulo para português e isso acaba por trazer algumas dificuldades, porquê? porque não se pode fazer a tradução direta entre umas línguas que têm semelhanças, mas que entretanto, não são iguais, essa é a questão. Normalmente, as outras línguas locais, com a língua portuguesa, não há possibilidade dessa tradução direta, como é o caso também de inglês e francês. Mas se nós formos ver profundamente, quando a pessoa tem domínio na gramática portuguesa, facilmente consegue perceber as outras línguas, só que a língua crioula não é uma língua assim oficializada em relação à gramática explícita, as pessoas falam, cada um fala, não se pode corrigir, não se pode dizer que, este aqui é assim corretamente ou não, como a língua portuguesa que tem a gramática explícita e tudo ou as outras línguas. De modo que não se pode fazer a tradução direta, quando faz a tradução direta, comete esses erros.

(PE8)

Os entrevistados PE2, PE4 e PE6 acreditam que a presença do crioulo e de outras línguas locais no contexto escolar ajuda na aprendizagem da língua portuguesa, devendo haver espaço para a afirmação da diversidade linguística:

A presença do crioulo e de outras línguas locais, por mim, nunca dificultam. Também dificultam na medida em que não são bem usadas, mas se fossem bem usadas, como ponte, poderiam facilitar muito. Não estamos a dizer na questão de substituir o português no espaço escolar, mas é preciso equilibrar as línguas. Por isso hoje, eu faço parte de um clube, que deve saber, clube de professores e investigadores de língua portuguesa na Guiné-Bissau, estamos a pensar nisto, esta questão de políticas públicas no país. Nós de clube estamos a dar um alerta nos olhos, mostrar as pessoas que possam fazer isso acontecer, que este é o caminho. Implementar, por exemplo

ensino bilingue, ensinar português e o crioulo ao mesmo tempo, ou seja, pode ser português e outras línguas aqui nacionais, dependendo de comunidade, de contexto. O que devia acontecer é que estas línguas tinham que ser também valorizadas como a língua portuguesa, como forma de poder permitir que os alunos possam se sentir à vontade, poderem tirar melhores resultados. Porque nós sabemos que ninguém se sente à vontade numa língua que não domina, ninguém consegue pensar numa língua que não domina. Essa é questão de pensar, essa é questão de podermos descobrir, pensadores cientistas, mas isto é um processo que deve passar, quando começamos por permitir através das políticas públicas que as nossas línguas nacionais entrem para sistema de ensino, tendo assim sistema bilingue, podia dar um outro rumo a educação. (PE2)

A entrevistada PE4 também acredita que o crioulo e outras línguas locais ajudam na aprendizagem da língua portuguesa, no contexto escolar:

Para mim, a presença do crioulo e outras línguas locais, ajuda na aprendizagem do português, porque você pode dizer uma coisa em crioulo ou na língua materna, você também pode dizer em português, o aluno já sabe o que professor ou professora estava a dizer em português e o que isso significa em crioulo e na língua materna. Dá para perceber mais rápido. (PE4)

Os professores do ensino básico defendem que a presença do crioulo na aula ajuda na aprendizagem da língua portuguesa porque alguns alunos, principalmente nas zonas rurais, não sabem falar bem o crioulo e tem que ser feita *uma ponte* entre as línguas étnicas e o crioulo:

Eu acredito que a presença do crioulo e as outras línguas locais não podem dificultar a aprendizagem do português, porque o professor também não pode ficar somente a falar a língua portuguesa, porque há alunos que nem o crioulo sabem falar, então o professor de ensino básico tem por direito de fazer aquele aluno que não sabe nem falar crioulo, de tentar puxá-lo de língua étnica ou crioulo para o português. O professor não pode chegar e dizer que estes alunos não podem falar o português e ficar somente em português, português, nós no ensino básico, isso não é permitida, tem que usar aquelas línguas para que eles possam perceber também. Por isso, o nosso ensino aqui na Guiné, antigamente como é que se faz, o professor acaba a formação, se dominar uma língua étnica, Estado vai-lhe mandar para a região ou zona onde essa língua é falada, quer dizer você chega lá e não vai ter problema, já

sabe quando aquela criança fala na sua língua, consegue acompanhar para lhe tirar da língua étnica para língua portuguesa, mas um professor que não sabe falar nem tão pouco a língua étnica vai ter problema. (PE6)

5.1.13. Abordagens pedagógicas eficazes para melhorar a proficiência na língua portuguesa

Os entrevistados apresentaram diversas ideias para melhorar a proficiência na língua portuguesa, no contexto de ensino-aprendizagem das salas de aula guineenses, combinando diversas perspectivas pedagógico-didáticas e tendo em conta a realidade social e linguística.

A entrevistada PE4 defende uma combinação de abordagens:

O professor deve misturar os métodos, se você notar que os alunos não estão a perceber nada num método, você pode usar outro método, bem como se você notar que o aluno não está a perceber nada em português, você pode usar a língua materna ou a língua étnica que eles falam, em caso o professor saber essa língua, para melhor percepção dos alunos. (PE4)

O entrevistado PE1 defendeu a adaptação de uma metodologia de ensino fora de sala de aula, o que significa dar a aula fora do espaço escolar:

Com a experiência que eu tenho e também, como professor também de escola de línguas, as abordagens pedagógicas que eu recomendo... são mais aulas expositivas, aulas que também com aspetos interrogativos, em que o aluno tem que se responder algumas questões ao público, ao invés de ficar só aulas expositivas em que o professor é o dono de toda aula. Hoje, é possível adaptar a metodologia de aula fora de sala, que é aula fora do espaço escolar, em que os alunos vão ter mais tempo e momentos para se relacionar e expressar. Possivelmente assim, os alunos podem compreender, entender e ganhar mais coragem, porque às vezes também, só para enfatizar alguma coisa, às vezes também, tem a ver com coragem. Há pessoas que têm vergonha até de falar, ainda que vão falar bem, têm vergonha, pois. Na metodologia de aulas abertas, também o aluno próprio, para além do empenho do professor, trabalho do professor, os aconselhamentos do professor, o aluno próprio vai ganhar uma autoestima, vou dizer assim, que propriamente, vão começar a expressar, sem se importar com os erros e tudo mais. Mas com as metodologias que

nós temos, aulas fechadas, às vezes expositivas, professor é dono de tudo, o aluno é simplesmente receptor, então, dificilmente. Há uma necessidade mesma de pensar nesse aspecto. No meu ponto de vista, seria melhor o método expositivo e o método interrogativo, com a adaptação de aulas também abertas e do espaço aberto. (PE1)

Para o entrevistado PE2 quase todas as abordagens são eficazes, basta o professor saber usá-las:

Considero eficazes as abordagens pedagógicas comunicativa, participativa, quase todas as abordagens, mas isso vai depender de contexto, quer dizer, cada abordagem, nós temos o contexto de uso, de maneira que nenhuma abordagem é mais que outra, a participativa ou ativa, interrogativa, demonstrativa, descritiva, todas essas abordagens são importantes. O que o professor apenas deve saber é saber quando usá-la, usar cada uma dessas abordagens, mas com foco em contextos reais de uso da língua, além de leitura de textos diversos, produção escrita frequente e discussão em grupo, uso de tecnologias e vídeos também podem motivar os alunos. (PE2)

Para o entrevistado PE3, a abordagem pedagógica mais eficaz é a baseada no método interativo em que o aluno é chamado a uma participação ativa:

A abordagem pedagógica que eu considero eficaz no processo de ensino aprendizagem, sempre eu uso o método interativo, o método ativo, o método dinâmico, que permite a participação de todos, aí nessa comunicação, isso permite com que os alunos sempre melhorassem essa dificuldade em português. (PE3)

A entrevistada PE5 defende também uma abordagem baseada na interação:

Eu considero mais o método oral, é falar e demonstrar. Dialogar, quando a gente vai trocar ideia, isso vai ajudar. (PE5).

Também PE6 elegeu diálogo como uma das abordagens eficazes, para que o aluno seja capaz de ter melhor aproveitamento:

Muita das vezes o professor pode usar um método desde já que está a estimular a língua portuguesa, dizer que na sala de aula, ninguém deve falar em crioulo, só em português, quem falar crioulo, vai levar uma coima, então dali, você nota, mal sair na turma, os alunos começam a falar outras línguas. Isso acontece conosco no internato, quem falar crioulo, colocam lhe o esqueleto de cabeça de boi no pescoço,

até quando ouvir outra pessoa a falar crioulo, você tira e coloca também no seu pescoço, é assim que se faz, logo de lá ninguém tem ousadia de falar crioulo. Por exemplo o método interrogativo e o método expositivo, diálogo, você formula uma coisa no quadro, manda dois alunos, eles vão ler lá e interagirem, aquilo já é bom, o aluno fica com aquilo na cabeça, quando chega em casa, fica na cabeça, no outro dia, ele já tem experiência mais. (PE6)

O entrevistado PE7, a respeito das abordagens pedagógicas mais eficazes, refere-se ao papel que os materiais didáticos têm, além de outros fatores ligados à formação de professores:

As abordagens pedagógicas mais eficazes para melhor a proficiência em português, no contexto guineense, para mim, tem que ser materiais didáticos suficientes em quantidade e qualidade, revisão curricular e formação contínua dos professores, reciclagem constante dos professores, porque realmente, às vezes, vê-se mesmo as pessoas com formação em língua portuguesa, por exemplo, mas os próprios professores acabam por sair com algumas lacunas, algumas deficiências na própria língua, porque ele lá na base, não tinha também condições necessárias para poder ter o melhor domínio de língua. Se o professor tiver essas lacunas, de certeza que não faz milagre em relação aos seus alunos, isso vai também, de uma certa forma afetar os próprios alunos. Portanto, os materiais didáticos em quantidade e qualidade, a formação contínua dos professores, as reciclagens constantes dos professores, revisão curricular, obviamente, para a língua poder assumir o seu lugar próprio. Um dos métodos pedagógicos é mesmo motivar os alunos, criar condições pedagógicas de os alunos terem hábito de comunicar em língua portuguesa no recinto escolar, no contexto informal em casa, no seu dia a dia, estimular os alunos no recinto escolar, educando os alunos com essa mentalidade, desde base, eu acho que a forma mais eficaz é mesmo implementar essa prática constante, porque a língua só se desenvolve praticando-a, quanto mais prática, incentivar essa prática pedagogicamente na língua para poder tomar o seu lugar. (PE7)

A necessidade de formentar a participação dos alunos surge também na resposta de PE8, que considera que no ensino na Guiné-Bissau o aluno não é considerado como um ser ativo, quer dizer que há demasiada intervenção por parte do professor:

A abordagem pedagógica é aquilo que nós tentamos fazer, mas que na prática, muitas das vezes, não resulta, porque o aluno na Guiné, é muito dependente ao

professor, o aluno não é considerado como um ser ativo na sala, em que o professor cria condições para o desenvolvimento pessoal do próprio aluno, para que o aluno vá pesquisar por si, conheça as coisas por si. Quer dizer, há muita intervenção por parte do professor, o aluno depende fundamentalmente daquilo que o professor faz, de modo que, sendo assim, o aluno não consegue procurar as coisas por si, não consegue aperfeiçoar, tem dificuldade e continua com essas dificuldades, porque depende de figura central, que é a figura de professor. (PE8)

As diferentes ideias apresentadas pelos entrevistados sobre abordagens pedagógicas eficazes para melhorar a proficiência na língua portuguesa remetem para as seguintes estratégias:

1. Utilização de métodos diversificados e flexíveis

- Misturar diferentes técnicas de ensino, adaptando os métodos às necessidades dos alunos;
- Empregar abordagens participativas, interrogativas, expositivas, interativas e dinâmicas que envolvam ativamente os estudantes;
- Implementar aulas fora do espaço tradicional, como aulas abertas ou em ambientes diferentes, para estimular a expressão e a autoestima dos alunos.

2. Adoção de abordagens comunicativas e interativas

- Focar na comunicação oral, promovendo diálogos, debates e troca de ideias;
- Incentivar a participação ativa dos alunos, fazendo-os falar e interagir em português, reduzindo o medo de errar;
- Favorecer o uso de tecnologias, vídeos, discussões em grupo e produção de textos diversos para praticar a língua.

3. Valorização das línguas locais como apoio à aprendizagem

- Utilizar línguas étnicas ou crioulo como recurso didático para facilitar a compreensão do português;
- Promover o ensino bilíngue ou plurilíngue, valorizando as línguas locais para criar uma ponte para o português, especialmente nas áreas rurais e em contextos de diversidade linguística.

4. Formação contínua e melhoria dos materiais didáticos

- Investir na formação de professores, promovendo reciclagens e capacitações específicas em metodologias de ensino do português;
- Disponibilizar materiais de qualidade, quantidade suficiente e atualizados, alinhados às necessidades do contexto local.

5. Promoção de políticas públicas e sensibilização

— Implementar programas de sensibilização para a importância do domínio do português na escola e na sociedade.

— Incentivar a prática diária do português, tanto na escola quanto na comunidade, para fortalecer o uso e a valorização da língua.

6. Fomento à participação e autonomia dos alunos

— Criar ambientes pedagógicos que estimulem a autonomia, pesquisa e expressão livre, minimizando a dependência excessiva do professor.

— Estimular a leitura, escrita, pesquisa e debates como estratégias de fortalecimento da proficiência.

7. Reforço do ensino de Português desde os primeiros anos

— Priorizar o ensino precoce do português com metodologias adequadas às idades, promovendo o contato contínuo e prático com a língua.

— Utilizar estratégias específicas para crianças pequenas, considerando suas realidades culturais e linguísticas.

8. Valorização do uso da língua portuguesa em todos os contextos

— Incentivar o uso do português na vida quotidiana, no trabalho, na comunicação social e na cultura, para consolidar sua importância e facilitar a aprendizagem.

Essas ideias refletem uma visão integradora, que combina metodologias participativas, valorização das línguas locais, formação contínua de docentes e políticas que promovam o uso ativo e quotidiano do português, visando o aprimoramento da proficiência e o sucesso educacional e profissional dos estudantes na Guiné-Bissau.

5.1.14. Formação específica sobre como ensinar a língua portuguesa e influência da formação na prática docente

Quando questionados se receberam formação específica sobre como ensinar a língua portuguesa, os entrevistados PE1, PE4, PE5, PE7 e PE8 responderam que não receberam nenhuma formação específica. Os restantes professores entrevistados afirmaram que receberam formação específica sobre como ensinar a língua portuguesa, PE2, PE3 e PE6. Apresenta-se, no extrato seguinte, a formação específica referida por PE2: *Durante a minha graduação quando eu estava no processo para tirar a licenciatura, eu acho que as metodologias não eram metodologias viradas para de facto ensinar a língua portuguesa, mas depois de ter*

terminado a Tchico Té, depois de ter conseguido, quando a FEC (Fundação Fé e Cooperação) lançou aquele concurso de recrutamento de formadores, atuando na área de educação e nas formações que tivemos durante o projeto PRECASE (Programa de Reforço das Capacidades do Sistema Educativo), durante aqueles três anos, surtiram muito efeito, posso dizer que aqueles três anos, de 2020/2023, tornaram-me num outro professor e a partir dessa altura que comecei a perceber de fato como ensinar, por que eram exatamente metodologias técnicas daquilo que se pode usar em relação a uma língua não materna, uma língua segunda. Portanto, a partir disto, e não só isto, também promovia formação e convidávamos especialistas para abordar situações ligadas a ensino de língua portuguesa, posso afirmar portanto, que recebi formação em metodologia de ensino de portuguesa e o meu percurso de mestrado que ainda estou, as metodologias estão mais viradas para isto, porque eu sou da área de linguística aplicada que é algo que podemos dizer por outras palavras, onde posso adquirir ferramentas para domínio dessas metodologias viradas para ensinar a língua portuguesa, num contexto como nosso e em outros contextos. A FEC usa metodologia ligada a língua não materna, língua segunda.

(PE2)

5.1.15. Sensibilização dos colegas professores para o domínio -correção da língua portuguesa

O entrevistado PE8, não sendo professor de Português, foi o único, dos entrevistados, que afirmou que não costuma sensibilizar os colegas para o domínio/correção da LP na sua disciplina:

Eu digo que não sensibilizo os colegas para o domínio ou correção da língua portuguesa também nas suas disciplinas, porque faço parte de um departamento que é das disciplinas transversais e como não sou o responsável deste departamento... Então, pronto, eu sei que surgiram várias situações destas, muitas pessoas sugeriram, sobretudo, os professores de língua portuguesa, que os professores das outras disciplinas corrigissem mais as provas, que corrigissem mais a gramática, mas entretanto, não há nada, eu simplesmente não me envolvi nada. Sendo um professor, corrigia muito essas questões da língua portuguesa, mas, entretanto, nunca dei um passo, nunca assumi assim de forma clara, que pronto, pretendia em relação a isto,

que os professores das disciplinas transversais, que não são da língua portuguesa a fizessem. (PE8)

Numa posição divergente, os entrevistados PE1, PE5 e PE7, mesmo não sendo professores de Português, afirmaram que costumam sensibilizar os colegas para o domínio/correção da língua portuguesa nas suas disciplinas:

Não sou o professor de Português, mas faço assim, faço essas coisas. Lembro-me, várias vezes que eu recomendei aos colegas de Matemática para comprarem gramática de português, para lerem e para estarem também a falar obrigatoriamente com os alunos sobre os erros da língua. Fiz isso várias vezes, contudo não sou professor de Português. (PE1)

A entrevistada professora PE5 apresenta uma posição semelhante:

Eu não sou professora de Português, mas costumo sensibilizar os colegas para o domínio e também correção da língua portuguesa, nós falamos isso muito, porque é em língua portuguesa que nós escrevemos, nós devemos fazer a correção. Alguns colegas reagem dizendo que não são professores da língua portuguesa, mas há aqueles que dizem que vale a pena fazer a correção, porque é nessa língua que ensinamos, se a palavra escrita está errada, nós devemos corrigir. (PE5)

Também PE7 inclui na sua ação a sensibilização para a necessidade de domínio da língua portuguesa, não só em relação aos alunos, mas também em relação aos colegas:

Apesar de não ser o professor da língua portuguesa, sempre da língua francesa, mas eu incentivo, motivo sempre os alunos para aprenderem a língua portuguesa, para terem domínio da língua portuguesa, porque vai fazer toda a diferença na sua vida enquanto estudante e conseqüentemente amanhã, para o mercado de trabalho. Não só para os alunos, mas também chamo atenção aos colegas professores, numa forma direta ou indiretamente, na importância da língua portuguesa e sempre procurarmos estar ao nível de acompanhar essa evolução. Os professores são espelhos dos alunos, para isso, eu chamo atenção aos professores, nós somos o espelho dos alunos, nós somos o modelo para os alunos seguirem, temos que transmitir uma boa imagem temos que esforçar e trazer as coisas que importam, fazer as coisas como deve ser. Se o professor fala mal o português, nem dá vontade para os alunos nas aulas. As

reações dos colegas professores sempre foram positivas, eles reconhecem que é verdade e partilhamos a mesma ideia. (PE7)

Entretanto, os restantes professores entrevistados, isto é, os entrevistados PE2, PE3, PE4 e PE6 confirmaram que, sendo professores de língua portuguesa (e de outras disciplinas, no caso dos professores do 1º ciclo do ensino básico), costumam sensibilizar os colegas para o domínio/correção da língua portuguesa:

Muitas vezes eu preocupo-me em chamar atenção aos meus colegas sobre a importância de usar a língua portuguesa, principalmente a norma padrão da língua portuguesa e não só os colegas professores das outras áreas e áreas afins que eu chamo atenção, mas no geral eu chamo atenção a sociedade guineense, por exemplo a partir do programa “mandjuandadi em português” que eu apresentava em nome do projeto AJALV (Abubacar, Júlio, Adramane, Luís e Vladimir) na Rádio Sol Mansi, aí eram tipos de metodologias viradas para ensinar português enquanto língua não materna, era uma forma de instruir os professores que trabalhavam com a língua portuguesa, como é que devem ensinar, quando estão perante um texto, o quê que devem fazer, qual é primeira coisa à abordar por diante, na sequência. As reações às vezes, algumas são bem acolhidas, aceitam, agradecem, outras pessoas acham que isso é responsabilidade de professores de português. (PE2)

O entrevistado PE3 falou sobre o preconceito do guineense sobre o uso quotidiano do português e frisou a forma como os guineenses veem com admiração um outro guineense que fale inglês ou francês em detrimento de português:

Sempre eu faço isso, sensibilizo os colegas sobre o domínio, correção da língua portuguesa nas suas disciplinas, porque imagine que nós, o que podemos fazer enquanto professor para que possamos ter maior facilidade no nosso trabalho, é incentivar as pessoas a expressarem português, usar português no seu dia a dia, como a língua quotidiana, aí familiarizando, fazendo contato diretamente com o português, todos os dias, o trabalho já torna mais fácil. Quanto as reações dos meus colegas, é que há uma situação no meu país, a Guiné-Bissau, nós temos um preconceito, próprios colegas, o que é que dizem? quando você fala português de vez em quando, dizem: o fulano está mostrar que ele sabe falar português, ele é arrogante, chamam-no de outro nome, que a própria sociedade o considera dessa característica. Enquanto que, no caso da língua estrangeira, francês e inglês, quem

fala essas línguas, consideram essa pessoa como inteligente, mas quem fala português, consideram essa pessoa como arrogante. Mas a reação, é que na verdade uns compreendem e alguns não compreendem, mas há sempre essa minha luta de poder incentivá-los a falar português de vez em quando, fazer a correção, familiarizar-se com português, com a escrita, para ter o melhor domínio. Eu criei uma organização que é a Associação Nacional para a Promoção da Língua Portuguesa na Guiné-Bissau (ANPLPGB), essa organização fez palestras, essa organização fez várias sensibilizações, até abriu a escola da língua portuguesa em Bafatá e, pronto, e de vez em quando, temos o programa radiofônico que todas as semanas, sai o programa, incentivando as pessoas a usar, a falar língua portuguesa, como sendo língua oficial do país, como sendo língua de trabalho, língua de comunicação, enfim, língua de ensino. (PE3)

Para a entrevistada PE4 alguns dos seus colegas não consideram relevante falar a língua portuguesa com os colegas de trabalho e muito menos com os seus alunos. Este facto demonstra como os alunos nas zonas rurais se deparam com barreiras na aprendizagem e como há falta de incentivos para o uso do português:

Sim, há professores que andam sempre a falar crioulo. Quando eu lhes chamo atenção, às vezes dizem: aqui é aldeia, não é preciso falar português. Até que eu dizia assim: quem fala crioulo, vai pagar 100 fcfa. Às vezes eu peço ajuda aos meus colegas também na escola. (PE4)

5.1.16. Ensino de outras disciplinas e exigência do uso correto da língua portuguesa nas aulas

Em relação aos alunos, os entrevistados confirmaram que independentemente das disciplinas que ensinam, corrigem o português. Tanto os professores de língua portuguesa que também lecionam outras disciplinas, como aqueles que só lecionam outras disciplinas que não o português, acreditaram que essa correção é bem necessária:

Eu costumo corrigir o português, mesmo lecionando outras disciplinas, isso sempre traz-me problemas com os meus alunos, porque sempre dizem: não, esse não é o português. Eu lhes digo também que levo em conta dois aspetos fundamentais: parte de conteúdo e parte de forma. Faço essas correções, o importante é como escrever uma palavra e como é que essa palavra está escrita. Faço correção até das margens de folha, porque é necessário. Não devemos deixar os alunos a escreverem como

quiserem, com erros na escrita, sem respeitarem as regras de português, enquanto estão a ser ensinados em português, não é possível. (PE3)

O entrevistado PE2 considera a prática de correção da língua portuguesa fundamental por parte de professor, porque o domínio da língua influencia a forma como o conhecimento é compreendido e comunicado:

Eu faço a correção de português quando ensino as disciplinas das outras áreas, bem como acredito que a correção de português por parte de professores de outras disciplinas é necessária, acredito que é necessário, porque o domínio da língua influencia a forma como o conhecimento é compreendido e comunicado, daí que eu afirmo que, todos e qualquer professor, deve corrigir pelo menos o mínimo de português. Eu, pela partilha com algumas pessoas, alguns conhecidos, há professores, por exemplo das outras áreas que corrigem o português, não de forma mais aprofundada como um técnico de língua portuguesa faria, mas aqueles aspetos mais súteis, eles fazem questão de dar. Porque nós temos aqueles erros de palmatória. Portanto, estes aspetos também não devem escapar a vista de outros professores, devem olhar para isto, sendo português a nossa língua de ensino, a língua oficial. Portanto não só o professor de português é que deve ter essa preocupação, como muitos acham, mas outros também, porque a partir dessa língua que nós nos entendemos e, que nós comunicamos. (PE2)

5.1.17. Diferenças na importância atribuída à língua portuguesa entre professores de diferentes níveis de ensino (básico, secundário e superior)

Quando interrogados sobre este assunto, todos os entrevistados consideram que há diferenças na importância atribuída à língua portuguesa entre professores de diferentes níveis de ensino, isto é, no básico, secundário e superior.

Como professores do ensino básico entrevistados temos os entrevistados PE4 e PE6. Ambos apontam para uma presença do português que é menor no ensino básico.

Percebo diferenças na importância atribuída à língua portuguesa entre professores de diferentes níveis de ensino. No ensino básico, não sei da outra zona, mas na nossa zona, às vezes o professor não fala o português até que ele sai na sala de aula, somente crioulo, crioulo, crioulo. Dizem que é criança ainda, mas criança percebe sim, criança aprende cada dia com uma palavra ou duas, mas aprende. No ensino

secundário e superior, ali que eu vejo mais empenho entre professores e alunos para tentar falar português. (PE4)

PE6 recorre a uma tentativa de estratificação percentual para estabelecer a diferença e caracterizar a progressão crescente na utilização do português no processo de ensino:

Eu percebo as diferenças atribuída à importância da língua portuguesa entre professores de diferentes níveis académicos, básico, secundário e superior. Isso é camada, por exemplo, os professores de ensino básico usam português menos, os de ensino secundário são superiores a usar e os de ensino já superior, eles mais usam, é assim, camada, camada. O que motiva essas diferenças é porque no ensino básico, normalmente, a educação da língua portuguesa não é diretamente 100% lá, o aluno adquire por exemplo 40%, chega no ensino secundário, adquire 60, 70%, logo no ensino superior que ele já prepara para os 100%, sempre é assim. (PE6)

Como professores do ensino secundário, entrevistados temos os entrevistados PE1, PE3, PE5 e PE7. No caso de PE1, surgem em foco a questão da competência na oralidade e o domínio do português por parte de professores de outras disciplinas que não o Português, cujas lacunas não são manifestas apenas no caso dos professores dos níveis básico e secundário.

Eu percebo as diferenças na importância atribuída à língua portuguesa entre os professores de diferentes níveis de ensino, nomeadamente: básico, secundário e superior. Os professores que dão aulas no ensino básico, não levam em conta o aspeto da língua, preocupam mais com a memorização, com a passagem do aluno para outro nível, alias, em muitas escolas, encontram os alunos que escrevem muito bem, sabem bem a matemática, mas não conseguem falar, quer dizer, isso mostra claramente, é um exemplo claro para os próprios professores de português, preocupam mais com estes aspetos, não preocupam com aspetos da língua. No ensino secundário, há uma particularidade, em que há uma falta de compreensão, em que os professores que não são professores de português, não preocupam com a língua, lembro-me duma altura em que eu levei gramáticas ou seja guia gramaticais para alguns professores de outras disciplinas, que era para eles comprarem e ler, porque eu já tinha também comprado e estava a ler e vi que tem coisas importantes, levei também para os colegas poderem ler e compreender, aprofundar os conhecimentos, muitos disseram, olha, nós não somos professores de português, como se tivessem outra língua do ensino que não é o português. Essa também tem

uma certa... ou seja falta de compreensão de necessidade da importância da língua portuguesa nas suas disciplinas. Este aspeto também evolui-se até ao ensino superior, também falam o português mal, isso mostra que não têm vontade, não preocupam com a importância de aprofundar o conhecimento em português. As diferenças que percebi, é que no ensino básico, não levam em consideração a parte oral, no ensino secundário, há uma certa atribuição da importância do domínio da língua portuguesa, mas para professores que não são da língua portuguesa, muitas vezes não ligam e no ensino superior, isso não se verifica, sistema propriamente como é estabelecido na Guiné é igual do 1º ao superior. Lembro-me na altura quando eu estive na escola de formação, as mesmas regras, as mesmas formas que a gente tinha aplicado, de quem falar o crioulo, vai pagar, não sei, uma certa importância em dinheiro e tudo mais. Essas mesmas regras andam até nas universidades, nas escolas normais, nos institutos, a mesma coisa, que era desnecessária. A preocupação como se verifica no ensino secundário, é assim também que se verifica no superior. O professor não importa com ninguém, o professor não importa com ensino do português, contudo vai dar aulas em português e também nas escolas normais, vou dizer também essa parte, na escola de formação de professores, para quem está a fazer Matemática ou Física ou Química tem poucas aulas do português, às vezes só um dia por semana, duas aulas de 100 minutos, e às vezes os professores não têm tempo de ensinar, não ensinam mesmo. Portanto, vou falar desta parte que está ligada comigo, que o professor de Matemática, às vezes Física, Geografia-História e outros, acaba por concluir o curso e ainda tem problemas básicos do português e essas pessoas, com essa dificuldade, concluem o curso, vão para os liceus, ensinam mal e esses alunos vão sair, é mesma coisa. Apesar de haver alguns professores das outras disciplinas com domínio da língua portuguesa. (PE1)

O entrevistado PE3, com base na sua experiência de lecionação, relaciona as diferenças com a própria evolução e necessidades de adequar a comunicação à própria idade da criança:

Percebo muitas diferenças na importância atribuída à língua portuguesa entre os professores de níveis de ensino básico, secundário e superior. Eu trabalhei desde jardim até 12º ano, outras escolas, não na minha escola, onde estou a trabalhar a partir de colocação oficial por parte do Ministério de Educação. Imagine que uma criança de jardim, você precisa de usar a língua adequada, partindo do princípio que é uma criança, então a forma de falar, a forma de lidar com essa criança, deve

ser diferente com a criança de, por exemplo, primeiro ciclo, do segundo ciclo, do terceiro ciclo. Então há essa diferença, partindo do princípio dos níveis até nas idades, então é preciso compreender isso. (PE3)

A entrevistada PE5 relaciona as diferenças com as línguas faladas nos diferentes contextos geográficos, focando o caso das aldeias distantes das cidades, nas quais, no nível de ensino básico, é necessário recorrer ao crioulo e línguas nacionais:

As diferenças que eu tenho notado entre os professores do ensino básico, secundário e superior, é que os professores de ensino básico e secundário, principalmente básico, falam mais a língua étnica ou a língua crioula com os alunos, no superior é muito difícil, porque ali, ninguém vai estar a falar essas línguas com você, se não perceber, você é que sabe, porque já está no nível de falar bem o português. Apesar de há alguns professores do ensino básico que falam mais português com os alunos, mas os professores que dão aulas nas aldeias mais distantes das cidades, ali o aluno, às vezes, nem se quer sabe bem o crioulo, então os professores falam mais crioulo ou outras línguas com esses alunos. Mas isso não quer dizer que os professores de ensino básico não sabem falar português, apesar de existir alguns sim que não têm tanto domínio. (PE5)

O entrevistado PE7 considera que a importância atribuída à língua portuguesa entre os professores de diferentes níveis de ensino, na perspectiva da presença da correção explícita associada à “rigoriedade”, é regressiva em termos dos níveis. Para o entrevistado PE7 o rigor é maior no ensino básico:

Sim, na Guiné-Bissau, os professores, apesar de toda a deficiência do sistema de ensino do país, mas os professores do ensino básico dão mais ênfase a importância da língua portuguesa. A seguir do ensino básico, é o ensino secundário, já no ensino superior, dependendo da área de formação, mas há mais rigoriedade no ensino básico e secundário, já no ensino superior, não há tanta rigoriedade, a pessoa já se passou pelo ensino básico, já se passou pelo ensino secundário, se tiver aí outros defeitos, esse defeito não é muito perseguido já no ensino superior, mas a ênfase é mais no ensino básico e secundário. Quer dizer que essa rigoriedade é regressiva em termos dos níveis. (PE7)

Como professores entrevistados do ensino superior temos os entrevistados PE2 e PE8. O professor PE2, embora aponte para uma exigência maior no ensino superior, aponta as limitações também existentes nesse nível, em relação à língua portuguesa:

Eu percebo essas diferenças. No ensino básico, muitos professores têm dificuldade com a língua padrão e nem sempre exigem correção. No secundário, há maior atenção, mas nem todos dão essa atenção. No ensino superior, a exigência é maior, mas a base dos estudantes, muitas vezes é frágil e pela realidade que eu conheço do slogan do trabalho, também eu vejo uma preocupação em relação aos professores do ensino superior, muita défice no que tem a ver com o domínio de normas culta da língua portuguesa. (PE2)

Essas limitações vêm também ao de cima na resposta de PE8. Na sua opinião, os professores do ensino básico até podem atribuir grande importância à língua portuguesa, porém eles têm dificuldades, que não foram ultrapassadas na frequência do ensino superior. E apontou a responsabilidade dos professores das escolas de formação. Além disso, traça a distinção entre a atribuição de importância e as limitações que o próprio professor tem:

Eu acho que os professores de ensino básico até podem atribuir a importância à língua portuguesa, mas têm dificuldades, tendo dificuldades, vão ter dificuldades também em transmitir os alunos as matérias. Uma coisa é eles perceberem que é muito importante trabalharem para a preparação dos alunos, porque é a base dos estudos, ensino básico, porque começam a preparação dos alunos, outra coisa é a pessoa conseguir transmitir aquilo que sente, aquilo que acha que é importante para que o aluno possa seguir em frente com um nível muito elevado, para que o aluno possa estar preparado para dar entrada ao liceu e posteriormente ao ensino superior. As pessoas que vão lá, vão com dificuldades. Percebem que é muito importante transmitir em língua portuguesa, outra coisa é a limitação da própria língua. Se têm limitações, têm dificuldades também propriamente em transmitir a língua portuguesa e efetivamente ajudar aos alunos perceberem e estarem preparados para darem entrada no nível seguinte. Os professores do ensino secundário e superior, também há muitas dificuldades, porque é o nosso sistema, porque nem todos sempre têm possibilidades de virem cá em Portugal, nem todos têm possibilidades de irem para outros sítios, para poderem aprender efetivamente a língua portuguesa. Muitos professores, são professores produzidos mesmo no nosso sistema de ensino e é um sistema que carece da proficiência da língua portuguesa, é um sistema que tem

muitas dificuldades, muita deficiência em relação à formação dos professores que efetivamente vão preparar os alunos e quando o sistema tem essas dificuldades, automaticamente que produz os professores que possivelmente vão ter dificuldades. Então isso afeta acima de tudo, ensino superior. Verifica-se que alguns professores do ensino superior têm dificuldades, especificamente na língua portuguesa. Uma coisa é compreender o conteúdo, outra coisa é ter a dificuldade em relação a transmissão de conhecimentos, aplicando a língua portuguesa. Tanto os professores do ensino básico, secundário e superior, os três apresentam uma certa dificuldade, uma certa deficiência em língua portuguesa, porque é o próprio sistema que forma as pessoas e o sistema que forma essas pessoas, tem deficiência no que diz respeito à língua portuguesa e são os mesmos que depois, posteriormente vão formar os outros. Com essas dificuldades, um professor que é formado no sistema, que tem dificuldade, automaticamente que terá deficiência para passar aquilo que é essencial na língua portuguesa, aos outros estudantes. (PE8)

5.1.18. Recomendações para um melhor uso da língua portuguesa nas escolas

Na parte final da entrevista, os professores tiveram a oportunidade de apresentar as suas perspetivas, sob a forma de recomendações, para melhorar a situação relativa ao uso da língua portuguesa nas escolas.

Os entrevistados PE1 e PE5 referiram que os alunos nas escolas privadas aprendem mais a língua portuguesa do que nas escolas públicas. PE1, com base nesse contraste e no facto de os professores serem frequentemente os mesmos nos dois tipos de escola, defende a análise da situação para se implementarem mudanças no sistema:

Mas uma parte, os professores próprios de português, são esses professores que ensinam nas escolas, nos institutos de língua, por exemplo na Embaixada de Portugal em Bissau, são os professores das escolas públicas que dão aulas nesses centros, tanto nas outras instituições de ensino, 90% desses professores, são professores das escolas públicas. Como é que conseguem ensinar uma pessoa em um ano e seis meses nos centros de línguas e não conseguem ensinar outras nas escolas públicas? É necessário uma reformulação própria do sistema, tentar estudar o próprio sistema. (PE1)

O entrevistado PE2, na linha do entrevistado PE1, considera que os professores de língua portuguesa precisam de melhorar principalmente os métodos de ensino da língua portuguesa:

Eu gostaria de reforçar que a língua portuguesa não deve ser visto como um obstáculo, mas como uma ferramenta de empoderamento, melhorar o ensino, valorizar o ensino, é essencial para garantir o sucesso académico e a inclusão profissional dos jovens guineenses, outro aspeto também que gostaria aqui de deixar claro, tem a ver com interesse dos professores que lecionam essa disciplina, língua portuguesa, devem lutar para se autoformarem, devem ainda buscar conhecer melhor as metodologias de ensinar português, porque esta forma como nós ensinamos, aprendemos mal o português e acabamos por ensiná-lo também mal. Quem mal aprende, mal transmite. Portanto temos que lutar, porque é a língua, eu considero, não que a língua seja como obstáculo, mas a língua em relação as outras disciplinas que possam existir, pode ser a mais complexa, na medida em que nós precisamos sempre de atualização, porque estamos a tratar de língua, o que, de certa forma, aparecem coisas novas a cada dia, dependendo de comunidade falante, já temos muitas comunidades que falam português e cada comunidade hoje em dia, vai adequar os falares à sua realidade, à sua cultura, daí que acabam por surgir aspetos novos, que nós precisamos também levar acabo. Mas o fundamental, é a nossa preocupação, temos que preocupar com as metodologias de ensino de língua portuguesa como forma de facilitar aprendizagem dos nossos estudantes. (PE2)

As recomendações do entrevistado PE7 focaram-se no reforço da consciencialização da importância da língua portuguesa, enquanto língua global:

A língua portuguesa é uma língua muito importante, uma língua em constante evolução, uma língua em constante crescimento pelo mundo, daí há necessidade de aprendermos bem a língua portuguesa para os desafios do futuro, tanto desafios académicos, desafios profissionais, a língua portuguesa tem o seu lugar no mundo, portanto, eu incentivo e motivo as pessoas no sentido de aprofundar a língua portuguesa, mas sobre tudo nós que somos dos PALOP, países que falam a língua portuguesa, nós que somos de CPLP, a língua portuguesa é nossa, é nosso património comum, por isso eu incentivo e sempre a sua aprendizagem. (PE7)

Por sua vez, PE8 toma como enquadramento as dificuldades em língua portuguesa manifestadas pelos estudantes, nomeadamente os que vêm prosseguir estudos em Portugal, para defender o estudo aprofundado dessas dificuldades:

Eu penso que a língua portuguesa, todos nós aceitamos que é a nossa língua oficial. Ultimamente tem havido muito fluxo de estudantes guineenses para cá em Portugal. Eu pelo menos aquilo que eu verifiquei, uma das grandes dificuldades da integração dos estudantes é a língua portuguesa, então a Guiné-Bissau tem que, nesse aspeto aqui, tentar aperfeiçoar, ajudar a formar os estudantes, não só em relação aos conteúdos, mas acima de tudo, da língua portuguesa, porque independentemente de virem cá estudar e de passar essas dificuldades, em termos profissionais na Guiné, se nós não formarmos essas pessoas que futuramente, depois da formação, terão essas bagagens para poderem enfrentar seu futuro profissional, terão dificuldades. Mas eu penso que a questão da Guiné, essas dificuldades, de aprender a língua portuguesa, são provenientes da questão cultural, porque pronto, em relação aos outros países, nós falamos frequentemente mais em nossa língua materna ou língua crioula, isso acaba por afetar a aprendizagem dos estudantes na língua portuguesa. Eu penso que o Estado, nesse aspeto, tem que, acima de tudo, fazer um estudo profundo para compreender as deficiências e efetivamente procurar encontrar as soluções para mitigar esse problema, porque caso contrário, em termos profissionais, na Guiné, tanto aqui, os estudantes que vêm para cá, terão grandes dificuldades em relação ao ensino superior aqui em Portugal. (PE8)

5.2. Síntese e discussão dos resultados

A análise dos dados recolhidos junto dos professores guineenses permite articular as perceções empíricas que estes professores manifestaram com os referenciais conceptuais apresentados anteriormente. Essas perceções apontam, de modo consistente, para a centralidade da língua portuguesa no sistema educativo da Guiné-Bissau e, em simultâneo, os resultados evidenciam as tensões decorrentes da coexistência entre o português, o crioulo e as diversas línguas nacionais.

Nesta síntese e discussão, procuramos relacionar os testemunhos dos docentes entrevistados com as posições de vários autores que abordam a problemática da língua portuguesa enquanto língua oficial, de ensino e de trabalho, no quadro guineense.

A discussão será organizada em torno de eixos fundamentais: (i) o papel da língua materna na aprendizagem do português; (ii) o multilinguismo guineense e as suas implicações pedagógicas; (iii) a relação entre proficiência em português e sucesso académico; (iv) a relevância da proficiência em português para a inserção profissional; (v) o português como instrumento simultâneo de inclusão e exclusão; (vi) a influência das línguas nacionais, sobretudo o crioulo, no processo de ensino-aprendizagem; (vii) a necessidade de políticas linguísticas e pedagógicas mais equitativas; e (viii) as estratégias de ensino sugeridas pelos docentes.

5.2.1. O papel da língua materna na aprendizagem do português

Um primeiro aspeto a salientar prende-se com a diversidade de línguas maternas declaradas pelos professores entrevistados: predominância do crioulo, mas também presença de línguas étnicas como o balanta e o mandinga. Este dado confirma o diagnóstico feito por vários autores no enquadramento conceptual, segundo os quais a Guiné-Bissau é um espaço marcadamente plurilingue, em que o português é raramente a língua primeira das crianças (Silva & Sampa, 2017; Baldé, 2013).

O facto de nenhum dos professores ter o português como língua materna confirma que esta língua não ocupa, na maior parte dos contextos familiares, o lugar de socialização linguística inicial. Spinassé (2006) realça, que a língua materna, ou a primeira língua (L1) não é, necessariamente, a língua da mãe, nem a primeira língua que se aprende. Tão pouco trata-se de apenas uma língua. Normalmente é a língua que se aprende primeiro e em casa, através dos pais, e também é frequentemente a língua da comunidade (p. 5). Segundo Mendes (2023), muitas pessoas falam a língua do seu grupo social ou da sua comunidade, portanto para ensinar essas pessoas é preciso que o professor adote uma nova forma de lecionar, tentando incluir a língua dessa comunidade dentro do ensino. Sendo assim os alunos vão compreender e aprender muito mais rápido o conteúdo das aulas (p. 15).

Neste sentido, a situação guineense é paradigmática: a primeira língua dos indivíduos é geralmente o crioulo ou uma língua étnica, surgindo o português numa aprendizagem tardia, essencialmente escolar.

Este distanciamento entre língua materna e língua de escolarização constitui um dos maiores desafios à proficiência linguística. Como refere Skutnabb-Kangas (2013), a aprendizagem em língua não materna pode dificultar a aquisição dos conteúdos escolares e gerar desigualdades. Os testemunhos dos professores entrevistados confirmam esta realidade: todos reconhecem que a proficiência em português influencia decisivamente o desempenho dos alunos, mas assinalam

também que um estudante pode ter conhecimento e capacidades, mesmo quando não domina bem a língua oficial. Este paradoxo é particularmente relevante: o potencial cognitivo existe, mas é bloqueado pelo canal linguístico de transmissão, tal como observado por Namone & Timbane (2017) no contexto guineense.

Os resultados reforçam, assim, a necessidade de tomar a língua materna não apenas como um dado sociolinguístico, mas como variável pedagógica crítica. A dissociação entre língua materna e língua de escolarização explica parte dos fenómenos de insucesso e abandono escolar, como reconhecem autores como (Lima et al. (2022) e Dias (2021).

5.2.2. Multilinguismo guineense e implicações pedagógicas

O contexto guineense é fortemente multilingue, tanto na sociedade como nos percursos individuais dos professores. Todos os entrevistados relataram falar português, crioulo e pelo menos mais uma língua étnica, sendo comum o domínio de quatro ou cinco línguas. Esta realidade confirma a descrição feita por Mendes (2022), que identifica a coexistência de cerca de 30 grupos étnicos, cada qual com a sua língua, além do crioulo e do português.

O multilinguismo, embora constitua um recurso cultural e social valioso, levanta desafios pedagógicos. Krashen (1982) salienta que a aquisição de uma segunda língua exige ambientes de interlocução constantes e contextualizados. Contudo, como relatam os professores entrevistados, o português é utilizado quase exclusivamente em contextos escolares ou formais, estando ausente do quotidiano. Esta limitação de uso restringe a exposição dos alunos ao português e dificulta a sua interiorização.

A coexistência entre o crioulo e o português gera ainda uma situação de bilinguismo ou diglossia funcional em que a língua nacional é predominante na comunicação quotidiana e a língua oficial assume funções académicas e administrativas. Esta divisão, como assinala Bourdieu (1991), traduz-se em desigualdades de capital simbólico: quem domina o português acumula vantagens escolares e profissionais, enquanto quem não o domina permanece circunscrito a esferas menos valorizadas.

O multilinguismo guineense, portanto, precisa ser visto de modo ambivalente: por um lado, como riqueza identitária e cognitiva, como defende Bialystok (2001); por outro, como desafio estrutural ao ensino, dado que a escola continua a insistir numa língua de instrução distante da experiência linguística inicial dos alunos.

5.2.3. Proficiência em português e sucesso académico

Todos os professores entrevistados foram unânimes em considerar que a proficiência em língua portuguesa é determinante para o sucesso acadêmico. Este resultado empírico confirma a tese de França (2011), para quem o domínio da Língua Portuguesa se reveste de um admirável e decisivo poder no processo de ensino e aprendizagem, garantindo a cada cidadão o pleno desenvolvimento, a nível do acesso ao conhecimento, do relacionamento social, do sucesso escolar e profissional (p. 20).

Segundo os docentes, os alunos que dominam melhor o português compreendem mais facilmente os conteúdos das várias disciplinas, conseguem interpretar os enunciados, argumentar com clareza e organizar o pensamento escrito. Pelo contrário, os alunos com fraca proficiência encontram dificuldades não apenas em português, mas em todas as disciplinas, incluindo áreas como Matemática e Física. Esta transversalidade confirma que o português, mais do que disciplina específica, é mediador do processo de ensino-aprendizagem em geral.

A investigação da UNESCO (2000) já salientava que as crianças aprendem melhor na língua materna. Porém, na Guiné-Bissau, o português não é a língua inicial, o que cria um hiato entre o potencial cognitivo e a sua expressão académica. Os professores entrevistados também notaram que o insucesso escolar não decorre da ausência de conhecimento, mas sim da dificuldade de expressão e compreensão em português. Essa constatação coincide com as observações de Cá (2022), para quem a falta de domínio da língua oficial conduz a desmotivação e abandono.

Outro aspeto salientado é a desigualdade entre zonas urbanas e rurais. Os docentes notam que os alunos das cidades, expostos mais cedo ao português, têm vantagens, enquanto os das zonas rurais enfrentam maiores dificuldades. Este dado corrobora a análise de Namone e Timbane, (2017), segundo a qual o acesso precoce ao português é um fator de inclusão, ao passo que a sua ausência é causa de exclusão.

Assim, os resultados confirmam que o domínio do português funciona como filtro académico, favorecendo uns e colocando dificuldades a outros. A questão central não é apenas pedagógica, mas também sociopolítica: a escola reproduz desigualdades sociais através da língua.

5.2.4. Proficiência em português e inserção profissional

Outro eixo de convergência entre dados empíricos e enquadramento conceptual é a relação entre domínio do português e sucesso profissional. Todos os professores entrevistados reconhecem que a proficiência em português é determinante no desempenho laboral, não

apenas para professores, mas também em áreas como jornalismo, direito, vendas, *marketing* ou administração.

A língua portuguesa, para além de ferramenta de comunicação, constitui requisito de credibilidade profissional, acesso a redes de emprego e mobilidade social.

Os exemplos trazidos pelos entrevistados — desde a produção de documentos administrativos até à comunicação eficaz em vendas — demonstram que a língua é mais do que instrumento técnico: é capital simbólico que distingue profissionais e possibilita ascensão. Trata-se de uma aplicação prática da teoria de Bourdieu (1991) sobre o poder simbólico da linguagem.

Assim, confirma-se a tese de que o português, enquanto língua oficial e de trabalho, é simultaneamente condição de acesso e critério de exclusão. Quem não o domina, mesmo sendo competente tecnicamente, vê-se limitado em termos de oportunidades, como observam Corrêa (2022) e Namone (2020).

5.2.5. O português como instrumento de inclusão e exclusão

A dualidade do português surge reiteradamente tanto no enquadramento teórico como nos dados empíricos. Os professores reconhecem que a língua portuguesa é chave para o acesso ao conhecimento, ao mercado de trabalho formal e ao prestígio social. Contudo, também percebem que o seu uso exclusivo marginaliza aqueles que não tiveram oportunidade de o aprender precocemente.

Esta ambivalência é bem caracterizada por Namone e Timbane (2017) e por Freire (2022): o português, na escola, é condição de progressão, mas também barreira para muitos alunos. Os testemunhos dos professores entrevistados são consistentes nesse ponto: assinalam casos de alunos inteligentes e empenhados que, no entanto, não conseguem expressar-se adequadamente em português, sendo por isso avaliados negativamente.

O conceito de língua como “capital simbólico” de Bourdieu (1991) ajuda a compreender este fenómeno. O português, na Guiné-Bissau, funciona como capital cultural que só alguns possuem em quantidade suficiente. A escola, ao adotar exclusivamente essa língua, transforma o capital linguístico em critério de seleção social.

Portanto, o português não pode ser analisado apenas como instrumento neutro de comunicação, mas como recurso socialmente distribuído de forma desigual, capaz de integrar uns e excluir outros.

5.2.6. Influência do crioulo e das línguas nacionais no processo educativo

A relação entre o português e as línguas locais — sobretudo o crioulo — divide opiniões entre os professores entrevistados. Parte deles considera que a presença do crioulo dificulta o aprendizado do português, pela interferência linguística e pela tentação de recorrer à língua nacional como alternativa comunicativa. Outros, porém, defendem que o crioulo pode ser recurso didático, funcionando como ponte para a compreensão.

Já Baldé (2013) e Nassum (1994) salientam as limitações do crioulo enquanto língua de ensino, por falta de terminologia científica e padronização.

As observações empíricas confirmam ambas as posições. Por um lado, a tradução direta do crioulo para o português gera erros de escrita e de compreensão, por outro, o recurso ao crioulo facilita a inclusão e a explicação imediata, sobretudo nas zonas rurais.

Este dilema mostra que a questão não se resume a escolher entre português e crioulo, mas a procurar formas de articulação pedagógica entre eles. Scantamburlo (2013) defende o bilinguismo como caminho possível. Alguns professores entrevistados (PE2, PE4, PE6) também apontaram nessa direção, sugerindo políticas que valorizem as línguas locais como suporte para o ensino do português.

5.2.7. Políticas linguísticas e propostas de ensino bilingue

Os resultados confirmam a urgência de uma política linguística inclusiva na Guiné-Bissau. Os professores entrevistados reconhecem que o português deve manter o seu estatuto de língua oficial e de ensino, mas defendem que as línguas nacionais precisam de ser valorizadas como apoio pedagógico.

Esta posição alinha-se com recomendações de organismos internacionais, como a UNESCO (2000), e com autores como Skutnabb-Kangas (2013) ou Leffa (2022), que sublinham a importância da língua materna nos processos de aprendizagem.

Na prática, os docentes sugerem a implementação de ensino bilingue, em que português e crioulo (ou outra língua local) sejam usados de forma equilibrada, conforme o contexto. Essa proposta permitiria reduzir a exclusão e facilitar a transição linguística, criando condições para que os alunos construam conhecimento sem serem travados por barreiras linguísticas iniciais.

5.2.8. Abordagens pedagógicas para melhorar a proficiência em português

As sugestões apresentadas pelos professores entrevistados evidenciam consciência pedagógica quanto a estratégias que podem ser adotadas para melhorar a proficiência dos alunos em português, no contexto guineense. Entre as estratégias salientadas destacam-se:

- métodos diversificados e participativos, que valorizem a comunicação oral e escrita;
- incentivo ao uso quotidiano do português, dentro e fora da escola;
- integração das línguas locais como recurso de apoio;
- investimento na formação contínua dos professores;
- criação de materiais didáticos adequados ao contexto guineense;
- políticas públicas de sensibilização para a importância do domínio do português.

Estas propostas confirmam que os professores não apenas reconhecem os problemas, mas também apontam caminhos para os superar. Revelam ainda que a questão não é apenas linguística, mas também pedagógica, exigindo metodologias inovadoras e adaptadas às realidades socioculturais dos alunos.

Capítulo 6. CONCLUSÕES

Ao longo desta dissertação, procurámos compreender a perceção dos professores guineenses acerca da importância da língua portuguesa no sucesso académico e profissional dos estudantes na Guiné-Bissau. Para tal, abordámos aspetos relacionados com o contexto histórico, sociocultural e linguístico do país, bem como a formação de professores e as estratégias pedagógicas adotadas.

Definimos a pergunta de investigação “*Qual a perceção dos professores guineenses sobre o papel da língua portuguesa para o sucesso académico e profissional dos seus alunos*”? e desenvolvemos uma pesquisa de natureza qualitativa, com recurso a entrevistas semiestruturadas, aplicadas a oito docentes guineenses de diferentes níveis de ensino, uns na Guiné-Bissau e outros em Portugal.

As informações recolhidas permitiram-nos identificar várias dinâmicas, desafios e oportunidades que envolvem o uso da língua portuguesa na educação guineense.

Primeiramente, constatámos que a maioria dos professores guineenses reconhece a importância fundamental do domínio da língua portuguesa para o sucesso académico e profissional dos alunos. A proficiência nesta língua é vista como um fator decisivo para a compreensão dos conteúdos, a participação ativa na sala de aula, a realização de avaliações e, conseqüentemente, para o desenvolvimento de competências que influenciam as oportunidades de emprego e o reconhecimento social. A relação direta entre domínio da língua portuguesa e desempenho académico foi unanimemente assumida pelos entrevistados, reforçando a sua perceção de que o investimento na aprendizagem e no ensino desta língua são imprescindíveis para o progresso individual e coletivo.

Os entrevistados consideram que os professores enfrentam diversos obstáculos na promoção do domínio da língua portuguesa, nomeadamente a sua limitada formação pedagógica específica nesta área, a insuficiência de materiais didáticos, a interferência das línguas locais (crioulo e línguas étnicas) no processo de aprendizagem e o impacto das condições socioeconómicas e políticas do país. A presença do crioulo e de outras línguas locais, embora constitua um património cultural valioso, também é vista por alguns dos entrevistados como um fator que dificulta a aquisição de competências em língua portuguesa, sobretudo quando há uma forte preferência pelo uso quotidiano das línguas étnicas, em detrimento da língua portuguesa, tanto na comunicação informal como na escolarização.

Os entrevistados têm a percepção de que há diferenças na valorização e no rigor exigido face à língua portuguesa. Dizem que os professores do ensino básico, principalmente nas zonas rurais, tendem a dar menos atenção à proficiência linguística, preocupando-se sobretudo com a transmissão de conteúdos e a sua memorização. Falam crioulo ou outras línguas com os alunos, não porque não saibam falar português, mas porque consideram que é a forma de fazer os alunos perceber melhor a comunicação, ou seja, entendem que as outras línguas ajudam o aluno a perceber os conteúdos. Segundo Embaló (2009) o crioulo, não sendo também língua de ensino, não deixa de ser o recurso de muitos professores, que por deficiência do próprio conhecimento do português ou pelo não domínio desta língua por parte dos alunos, utilizam-no para melhor se fazerem compreender pelos seus discentes. (p. 102) Já nos ensinos secundário e superior, os entrevistados dizem haver uma maior consciência da importância do domínio da língua portuguesa, embora ainda existam lacunas na sua formação. Estas diferenças refletem a cultura escolar, evidenciando a necessidade de políticas educativas que promovam a valorização do português em todos os níveis de ensino.

Segundo os entrevistados, a formação de professores é um fator crítico, uma vez que consideram que muitos profissionais, apesar de terem concluído cursos de bacharelato ou licenciatura, continuam a apresentar dificuldades na oralidade e na escrita em português. A ausência de formação contínua específica sobre metodologias de ensino da língua portuguesa, aliada às limitações do sistema de formação inicial, compromete a qualidade do ensino e reflete-se no desempenho dos alunos.

Os professores entrevistados que participaram em formações específicas destacaram a importância de programas de capacitação contínua, que promovam a atualização de conhecimentos e o uso de metodologias inovadoras.

Relativamente às estratégias pedagógicas, constatámos que entre os entrevistados há uma forte percepção de que metodologias interativas, o uso de tecnologias educativas, o ensino multinível e o envolvimento da comunidade são caminhos promissores para melhorar o ensino do português. Na sua opinião a implementação dessas estratégias, enfrenta desafios devido à escassez de recursos materiais, infraestruturas inadequadas, formação insuficiente dos docentes e a resistência cultural ao uso do português no quotidiano. Disseram conhecer várias experiências que apontam para o potencial de ações integradas, que envolvam escolas, famílias, comunidades e entidades internacionais, na promoção de uma cultura de uso e valorização do português.

Outro aspeto que emergiu das entrevistas foi a opinião generalizada sobre a forte influência das línguas maternas e/ou línguas étnicas na aprendizagem do português. Alguns dos entrevistados consideram que a presença do crioulo e de outras línguas locais tanto pode facilitar como dificultar o processo de aprendizagem do português, dependendo do contexto e da forma como são utilizadas as outras línguas. Há entre os entrevistados a percepção de que uma abordagem bilíngue, que valorize as línguas locais enquanto suporte para o ensino do português, pode ser uma estratégia eficaz para reduzir as dificuldades e promover uma maior inclusão educativa. Por fim, os docentes entrevistados revelam uma consciência clara de que a melhoria da proficiência em português não é apenas uma questão pedagógica, mas também uma questão de políticas públicas e sensibilização social.

Os professores entrevistados defendem a necessidade de reforçar a formação em metodologias de ensino, de campanhas de sensibilização e de criação de condições que incentivem o uso do português em contextos informais, culturais e mediáticos, de modo a criar uma cultura de valorização desta língua no país. Açam que é fundamental investir na formação de professores, promovendo cursos de atualização, *workshops* e intercâmbios que abordem metodologias inovadoras, o uso de tecnologias educativas e estratégias bilíngues. Estes programas devem valorizar a diversidade linguística do país, reconhecendo o papel das línguas locais como recursos pedagógicos e de identidade cultural.

Consideram que o Estado guineense, juntamente com os parceiros internacionais, deve desenvolver estratégias de avaliação e monitorização contínua do sistema educativo, de forma a identificar falhas, ajustar práticas pedagógicas e garantir uma formação de qualidade para todos os professores, independentemente do nível de ensino ou da disciplina lecionada. A formação de docentes, o aprimoramento dos materiais didáticos e o envolvimento da comunidade são passos essenciais para promover o sucesso académico e profissional dos estudantes guineenses, reforçando a sua identidade, cidadania e inclusão social.

Os resultados permitem algumas conclusões fundamentais:

1. O português, na Guiné-Bissau, é simultaneamente língua de ensino, de trabalho e de mobilidade social, mas raramente é língua materna;
2. A dissociação entre língua materna e língua escolar gera dificuldades de aprendizagem, insucesso e exclusão;
3. A proficiência em português é fator determinante tanto para o sucesso académico como para a inserção profissional;
4. O português funciona como capital simbólico que distingue e hierarquiza, integrando uns e marginalizando outros;

5. O crioulo e as línguas nacionais têm papel ambivalente: podem dificultar pela interferência, mas também facilitar pela mediação;
6. A solução não passa por excluir as línguas locais, mas por integrá-las de forma estratégica, através de modelos bilingues ou plurilingues;
7. Os professores demonstram consciência crítica do problema e sugerem práticas pedagógicas inovadoras, embora limitadas pela ausência de políticas estruturadas.

Em resposta à pergunta de partida este estudo evidencia a percepção dos professores guineenses quanto à importância relevante do português para o sucesso académico e profissional dos guineenses, bem como os desafios enfrentados na sua promoção. As percepções que manifestam confirmam que o papel do português deve ser reconhecido, mas a sua eficácia como instrumento de inclusão depende da forma como se articula com as línguas maternas e nacionais. O grande desafio do sistema educativo guineense consiste em transformar a língua portuguesa de barreira em oportunidade, de exclusão em inclusão, para o que poderão contribuir estratégias educativas marcadas pela inovação, que tenham em conta o contexto guineense.

A valorização do português na educação guineense será um passo decisivo para garantir a inclusão social, o desenvolvimento económico e a afirmação da identidade nacional. Contudo, essa valorização exige uma abordagem integrada, que envolva formação de professores, políticas linguísticas efetivas, recursos materiais e uma mudança cultural que valorize as línguas locais e o português de forma complementar.

Espera-se que as conclusões aqui apresentadas possam contribuir para o debate político e pedagógico, estimulando ações concretas que promovam o verdadeiro potencial do português como língua de sucesso, inclusão e cidadania na Guiné-Bissau.

Como investigações futuras sugerimos o estudo da percepção de outros atores educativos sobre a mesma problemática, assim como a análise das políticas públicas e dos currículos escolares de modo a compreender de forma mais aprofundada os fatores que influenciam o ensino e a aprendizagem do português na Guiné-Bissau. Estudos longitudinais também podem contribuir para acompanhar a evolução das percepções, práticas pedagógicas e desenvolvimento linguístico ao longo do tempo.

Como limitações do nosso estudo referimos o tamanho da amostra e a sua representatividade. A amostra foi composta por antigos professores que estão em Portugal e na Guiné-Bissau, e não inclui todos os níveis de ensino ou todas as regiões do país, o que pode limitar a diversidade das percepções captadas. A utilização de entrevistas semiestruturadas, embora favoreça a

profundidade das respostas, pode também estar sujeita a enviesamentos subjetivos, influenciados pelo contexto cultural e social dos entrevistados. Esses fatores devem ser considerados na interpretação dos resultados que não podem ser generalizados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Albuquerque, D. B., & Siga, J. M. (2022). Ensino de português L2 e formação de professores em Guiné-Bissau: algumas considerações sobre o uso de textos literários. *NJINGA e SEPÉ: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*, 2(1), 147-168.
- Ançã, M. H., Macário, M. J., Guzeva, T., & Gomes, B. (2014). O papel da Educação em Português na promoção e difusão da língua—um estudo com um grupo de estagiárias. *Revista Lusófona de Educação*, 27(27).
- Baldé, B. (2013). *Formação de professores de língua portuguesa na Escola Normal Superior Tchico Té – Guiné Bissau* [Dissertação de mestrado]. Universidade de Lisboa. <https://repositorio.ulisboa.pt/handle/10451/10192>
- Baptista, MSDSM (2022). *Finka pé na tchon: dança para a transformação pessoal e social na Guiné-Bissau*. [Dissertação de mestrado]. Escola Superior de Educação de Lisboa.
- Barbosa, J., & Freire, D. de J. (2017). Formação de professores e ensino de Português como Língua Adicional. *Estudos Linguísticos*, 46(2), 593–602. <https://doi.org/10.21165/el.v46i2.1721>
- Bialystok, E. (2001). *Bilingualism in development: Language, literacy, and cognition*. Cambridge University Press.
- Bogdan, R. C., & Biklen, S. K. (2003). Data analysis and interpretation. *Qualitative research for education: An introduction to theory and methods*, 4.
- Bourdieu, P. (1991). *Language and symbolic power*. Harvard university press. Harvard University Press.
- Cá, G. A. (2022). *Os efeitos do ensino da Língua Portuguesa em Guiné-Bissau: o caso da Educação Pré-Escolar*. [Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês]. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. <https://repositorioslatinoamericanos.uchile.cl/handle/2250/9206845>
- Cá, I. N., & Rubio, C. F. (2019). O perfil dos estudantes e a realidade do ensino de língua portuguesa em Guiné-Bissau. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, 58(1), 389-421. <https://doi.org/10.1590/010318138654232462591>
- Cabrito, B., Cardoso, C., Réfega, S., Branco, J., & Pinto, C. (2022). Estudo diagnóstico do ensino superior e investigação científica: Oportunidades e recomendações. FEC - Fundação Fé e Cooperação.
- Corrêa, J. B. (2022). *Preconceito linguístico como meio de exclusão social*. Universidade Estadual do Maranhão.

- Correia, N. N. (2021). *Ensino da língua portuguesa no contexto da diversidade linguística da Guiné-Bissau: uma proposta para o Ensino Básico*. [Dissertação de mestrado]. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/45583>
- Costa, A. M. (2007). *A importância da Língua Portuguesa na aprendizagem da Matemática*. [Dissertação de Mestrado]. Universidade do Minho. Disponível em <https://repositorio.uminho.pt/entities/publication/5e27fe40-202a-4128-9585-13752f2c6d83>
- Couto, H. do, & Embaló, F. (2010). Literatura, língua e cultura na Guiné-Bissau. Um país da CPLP. *Papia-Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares*, 20.
- Crane, C. C. (2011). Língua materna, língua estrangeira, segunda língua. *Revista Paidéi@-Revista Científica de Educação a Distância*, 2(4). <http://revistapaideia.unimesvirtual.com.br>
- Di Renzo, A. M., & Jesus, R. P. de (2020). A escolarização de jovens e adultos: a língua portuguesa e a preparação para o mercado de trabalho. *Revista Metalinguagens*, 7(1), 75-108.
- Dias, C. (2021). *A Prática de Oralidade no Ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa no 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário na Guiné-Bissau* (Dissertação de mestrado). Universidade Nova de Lisboa (Portugal). <http://hdl.handle.net/10362/129596>
- Djaló, M. S. (2023). *Formação Inicial de Professores na Guiné-Bissau: Currículo, Programa e Estratégias Pedagógicas na Formação Inicial: Um Estudo Comparado (Cacheu, Bafatá e Buba)* [Dissertação de mestrado]. ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa (Portugal). <http://hdl.handle.net/10071/30473>
- Duarte, I. M. (2008). *Ensino da língua portuguesa em Portugal: o texto, no cruzamento dos estudos linguísticos e literários*. Língua Portuguesa, Educação e Mudança. <http://www.filologia.org.br/ixfelin/trabalhos/pdf/32.pdf>
- Embaló, F. (2009). O crioulo da Guiné-Bissau: língua nacional e factor de identidade nacional. *PAPIA-Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico*, 18(1), 101-107.
- França, M. F. R. L. (2011). Alterações dos métodos de trabalho didáctico. <http://hdl.handle.net/10400.26/11349>
- Freire, C. M. D. C. V. (2022). O domínio da língua portuguesa como influenciador dos resultados escolares dos alunos no 3º ciclo com ascendência nos PALOP e no Brasil [Dissertação de mestrado]. Universidade Nova de Lisboa..
- Ié, D. I. (2022). Ensino de língua no contexto plurilíngue: caso Guiné-Bissau, uma abordagem para aprender a língua portuguesa. *Caderno de Ensino, Linguagens e suas Tecnologias*, 3(6), 167-177.

- Krashen, S. (1982). *Principles and Practice in Second Language Acquisition*. Pergamon Press Inc..
- Lamas, E. P. R. (2015). Repensar o ensino da língua-abordagem comunicativa. *Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación*, 8, 105–109.
- Leffa, V. (2012). Ensino de línguas: passado, presente e futuro. *Revista de estudos da linguagem*, 20(2), 389-411.
- Lei n.º 4/2011, de 21 de maio de 2010, publicada no Boletim Oficial n.º 13, de 29 de março de 2011 (Lei de Bases do Sistema Educativo).
- Lima, J. R. P. T., Quarto, L. C., & Sant’anna, N. F. (2022). *O ensino de Língua Portuguesa: entre a teoria e a prática*. *InterSciencePlace*, 17(5), 1–15. <https://www.interscienceplace.org/index.php/isp/article/view/388>
- Littlewood, W. (2011). Language interference and learning difficulties. *Journal of Language Teaching*, 22(4), 123-130.
- Martins, H. H. T. de S. (2004). Metodologia qualitativa de pesquisa. *Educação e Pesquisa*, 30(2), 289–300. <https://doi.org/10.1590/s1517-97022004000200007>
- Masson, T. J., Miranda, L. F. D., Munhoz Jr, A., & Castanheira, A. M. P. (2012). Metodologia de ensino: aprendizagem baseada em projetos (PBL). In *Anais do XL Congresso Brasileiro de Educação em Engenharia (COBENGE)*, Belém, PA, Brasil (Vol. 13). sn.
- Matete, F. (2022). *Ensino e aprendizagem de inglês como língua estrangeira no Ensino Superior Público em Angola: entre os desafios e as perspetivas* [Tese de doutoramento]. Universidade Católica Portuguesa – Viseu. <http://hdl.handle.net/-10400.14/39645>
- Mendes, A. (2022). *O uso de manuais no ensino-aprendizagem de português na Guiné-Bissau* [Dissertação de mestrado]. Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/56811>
- Mendes, J. (2023). O ensino da língua portuguesa no Ensino Fundamental na Guiné-Bissau: desafios e consequências. [Trabalho de conclusão do Curso de Graduação em Letras – Língua Portuguesa], Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.
- Minayo, M. C. D. S. (2012). Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. *Ciência & saúde coletiva*, 17, 621-626.
- Namone, D. (2020). *Educação tradicional e moderna na Guiné-Bissau e o impacto da língua portuguesa no ensino: caso das crianças da etnia Balanta-Nhacra de Tombali* [Tese de doutoramento]. Universidade Estadual Paulista. <http://hdl.handle.net/11449/194202>

- Namone, D., & Timbane, A. A. (2017). Consequências do ensino da língua portuguesa no ensino fundamental na Guiné-Bissau 43 anos após a independência. *Mandinga-Revista de Estudos Linguísticos*, 1(1), 39-57.
- Namone, Dabana (2014). *A luta pela independência na Guiné-Bissau e os caminhos do projeto educativo do PAIGC: etnicidade como problema na construção de uma identidade nacional* [Dissertação de mestrado], Universidade Estadual Paulista.
- Nancassa, P. C. (2022). *Representações dos diretores escolares sobre a autonomia de escolas na Guiné-Bissau: caso de estudo na Escola Superior de Educação (ESE) da Guiné-Bissau* [Dissertação de mestrado], Instituto de Educação – Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/56939>
- Nardi, F. S. (2007). Um olhar discursivo sobre língua, cultura e identidade. *Reflexões sobre o livro didático para o ensino de espanhol como língua estrangeira*. [Tese de Doutorado]. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Oliveira, M. F. C. (2015). *Promoção e difusão da língua portuguesa na República da Guiné-Bissau: o PASEG e as OfLP* [Dissertação de mestrado]. Universidade Nova de Lisboa (Portugal). <http://hdl.handle.net/10362/15910>
- Pellizari, K., & Roque-Faria, H. J. (2017). A língua portuguesa como instrumento de acesso ao mercado de trabalho: imigrantes no norte de mato grosso. *Revista Expectativa*, 16(2), 167-189.
- Pereira, A. F. (2022). *Gestão do sistema de ensino na Guiné-Bissau-Papel dos diretores regionais no processo da centralização e desconcentração do sistema educativo* [Dissertação de mestrado]. Instituto de Educação – Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/56659>
- Quaresma, L. (2018). *O bilinguismo e o controlo cognitivo: Ilações a retirar da aplicação do teste Stroop a crianças bilingues do 1.º ciclo do ensino básico* [Dissertação de mestrado]. Universidade do Porto.
- Quimabé, D. A. D. (2022). *Português língua não materna como língua de ensino na guiné-bissau: implicações na aprendizagem* [Dissertação de mestrado], Universidade Aberta.
- Ravasco, C., Reis, C., Monteiro, G., Leitão, J., & Gouveia, R. (2015). A importância da língua na integração/inclusão de alunos Erasmus em institutos politécnicos. Atas do II Congresso da SPCE, 2014, 2565-2578.
- Rocha, S. S. D. (2008). O uso do Computador na Educação: a Informática Educativa. *Revista Espaço Acadêmico*, 85, 1-6.
- Scantamburlo, L. (2013). *O léxico do crioulo guineense e as suas relações com o português: o ensino bilingue português-crioulo guineense* [Tese de doutoramento]. Universidade Nova de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10362/10960>

- Schoffen, J. R., & Martins, A. F. (2016). Políticas linguísticas e definição de parâmetros para o ensino de português como língua adicional: perspectivas portuguesa e brasileira. *Revista virtual de estudos da linguagem-ReVEL*, 14(26) 271-306.
- Siga, J. M. (2023). *Divulgação e Consolidação do Português L2 na Guiné-Bissau: Uma Proposta a Partir da Análise do Sistema Literário Guineense* [Dissertação de mestrado. Universidade do Minho. <https://hdl.handle.net/1822/79622>
- Silva, C. L., & Carvalho, G. L. (2018). Multilinguismo na Guiné-Bissau: a interferência do crioulo na língua portuguesa falada e escrita por guineenses. *Revista de Estudos Linguísticos*, 1(1), 12-25.
- Silva, C. L., & Sampa, P. J. (2017). A Língua Portuguesa na Guiné-Bissau: Influência do Crioulo e a Identidade Cultural no Português. *Revista Internacional em Língua Portuguesa*, 31, 231-247.
- Skutnabb-Kangas, T. (2013). *Linguistic genocide in education--or worldwide diversity and human rights?* Routledge.
- Soares, L. F. (2019). Proposta de material didático multinível para a aula de português como língua de acolhimento [Dissertação de mestrado], Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Souto, M. V. L., Além, V. L., & Gonzales, A. O. F. (2014). Conceitos de língua estrangeira, língua segunda, língua adicional, língua de herança, língua franca e língua transnacional. *Anais da IX JNLFLP*, 890-900.
- Spinassé, K. P. (2006). Os conceitos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil. *Contingência*, . 1, 1-8.
- Timbane, A. A., & Manuel, C. (2018). O crioulo da Guiné-Bissau é uma língua de base portuguesa? embate sobre os conceitos. *REVISTA DE LETRAS-JUÇARA*, 2(2), 107-126.
- Turcarelli, S. de C., S., & Belluzzo, R. C. B. (2024). A importância do aprendizado de uma segunda língua baseado no processo de aprendizado da língua materna: Uma perspectiva baseada nas quatro habilidades linguísticas. *Revista Transversal*, 19(1), 149-171

ANEXOS

ANEXO 1— Carta de solicitação de consentimento de entrevistado

Anastácio Fernandes Sanhá
Rua Poeta Acácio Leitão N° 30, 3° ESQ, Bairro dos Capuchos
2400-077 Leiria Portugal
afernandessanha@gmail.com
+351 969 551 490
10-05-2025

Prezado(a) Professor(a) [Nome do(a) Professor(a)],

Espero que esta mensagem o(a) encontre bem.

Sou estudante do programa de Mestrado em Educação e Inovação Pedagógica do Instituto Politécnico de Leiria, e estou atualmente realizando uma pesquisa para a elaboração da minha dissertação, intitulada: “A percepção dos professores guineenses sobre a importância da língua portuguesa para o sucesso académico e profissional na Guiné-Bissau”.

O objetivo desta investigação é entender a opinião e a percepção dos docentes sobre o papel da língua portuguesa no desempenho escolar e nas oportunidades profissionais dos estudantes na Guiné-Bissau.

Para tanto, elaborámos um guião de entrevista semiestruturada, que nos ajudará a obter informações valiosas sobre o tema. Sua participação nesta entrevista é fundamental para o sucesso do estudo, pois nos permitirá compreender melhor as percepções e experiências dos professores, contribuindo para o desenvolvimento de práticas educativas mais eficazes e alinhadas com a realidade local.

Gostaríamos de ressaltar que a sua participação é voluntária e que todas as informações fornecidas serão tratadas com confidencialidade, garantindo o anonimato através do uso de um código de identificação. A entrevista será gravada apenas para fins de análise, e as gravações serão posteriormente apagadas, assim que não forem mais necessárias.

Se concordar em participar, pedimos sua autorização para a realização da entrevista e o uso de gravações, além de seu consentimento para que possamos incluir suas percepções na nossa pesquisa.

Anexo a esta carta, enviamos o guia de entrevista que será utilizado durante a conversa, para que possa se familiarizar com as questões que pretendemos abordar.

Agradecemos imensamente sua disponibilidade e colaboração, que são essenciais para o sucesso desta pesquisa.

Caso tenha alguma dúvida ou precise de mais informações, estou à disposição através dos contatos acima.

Desde já, agradeço pela sua atenção e colaboração.

Atenciosamente,

Anastácio Fernandes Sanhá, mestrando em Educação e Inovação Pedagógica pelo Instituto Politécnico de Leiria (IPL), departamento de Escola Superior de Educação e Ciências Sociais (ESECS).

Orientadores: Prof. Dr. Luís Filipe Tomás Barbeiro / Prof. Dr. Maria Antónia Belchior Ferreira Barreto

ANEXO 2 — Guião de entrevista semiestruturada

Tema: A perceção dos professores sobre a importância da língua portuguesa para o sucesso académico e profissional na Guiné-Bissau

Objetivo Geral: Avaliar a relevância atribuída à proficiência em língua portuguesa no desempenho académico e nas oportunidades profissionais dos estudantes na Guiné-Bissau.

Designação dos Blocos	Objetivos Específicos	Formulário de Questões
A - Legitimação da entrevista Motivação do entrevistado	<ul style="list-style-type: none">- Explicitar os fundamentos e objetivos da entrevista;- Motivar o entrevistado;- Garantir a confidencialidade;- Solicitar autorização para o registo áudio da entrevista.	<p>O presente guião é aplicado no âmbito da investigação para a elaboração de dissertação do Mestrado em Educação e Inovação Pedagógica, sob título: “A perceção dos professores sobre a importância da língua portuguesa para o sucesso académico e profissional na Guiné-Bissau”. A investigação é realizada no Instituto Politécnico de Leiria-IPL, Portugal, <i>Campus 1</i>, Escola Superior de Educação e Ciências Sociais (ESECS), sob orientação do Professor Doutor Luís Filipe Tomás Barbeiro, IPL (ESECS) e da Professora Doutora Maria Antónia Belchior Ferreira Barreto, IPL (ESECS).</p> <p>O objetivo do estudo é analisar a consciência do professor guineense acerca do papel que o português ocupa no ensino e, por extensão, no mercado de trabalho.</p> <p>A sua participação nesta entrevista contribuirá significativamente para que os objetivos do estudo sejam alcançados.</p> <p>A sua participação é relevante, mas tem um caráter voluntário e não obrigatório.</p> <p>No que diz respeito a confidencialidade, garantimos que a</p>

		<p>esta entrevista será atribuído um código em substituição do nome próprio, de modo a assegurar o anonimato; garantimos que, todas as informações desta entrevista serão utilizadas, apenas, para fins próprios, por isso os resultados serão utilizados apenas no contexto científico.</p> <p>Por uma questão de rigor do nosso trabalho, informamos que a sessão de entrevista será gravada; a gravação servirá simplesmente, para o fim ao qual é destinada; para garantir a confidencialidade, as informações da gravação, serão apagadas, quando não tenham relevância.</p>
B - Caracterização dos professores em termos pessoais e profissionais	<ul style="list-style-type: none"> - Género; - Idade; - Tempo de serviço; - Nível que leciona; - Formação profissional do professor. 	<p>- Registo do género: M <input type="checkbox"/> ou F <input type="checkbox"/>.</p> <p>B.1- Qual a sua idade?</p> <p>B.2- Qual o seu nível académico?</p> <p>B.3- Qual a sua formação académica?</p> <p>B.4- Qual o nível que lecionou?</p> <p>B.5- Há quanto tempo leciona?</p> <p>B.6- Qual a disciplina que lecionou?</p> <p>B.7- Onde e quando obteve o seu diploma?</p>
C - Conhecer a opinião dos professores das diferentes disciplinas, dos níveis de ensino básico, secundário e superior, sobre o papel da língua portuguesa na escola e no mercado de trabalho.	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar o conhecimento do professor sobre o valor do português no sucesso académico e profissional; - Conhecer a posição do professor sobre a relação entre o domínio do português e o sucesso dos alunos. 	<p>C.1- Qual a sua língua materna e como se relaciona com a língua portuguesa?</p> <p>C.2- Onde e quando aprendeu a língua portuguesa?</p> <p>C.3- Quais outras línguas você fala e em que contextos as utiliza?</p> <p>C.4- Você já teve a oportunidade de visitar Portugal? Se sim, como essa experiência influenciou a sua percepção da língua portuguesa?</p>

		<p>C.5- Acredita que a proficiência em língua portuguesa afeta diretamente o desempenho acadêmico dos alunos? Porquê?</p> <p>C.6- Acredita que a proficiência em língua portuguesa afeta diretamente o profissional dos alunos? Porquê?</p> <p>C.7- Sendo professor de outra disciplina, como é que o domínio do português influencia o aluno na sua disciplina?</p> <p>C.8- Costuma chamar a atenção dos alunos para a importância do domínio do português para o sucesso na sua disciplina e na vida profissional?</p> <p>C.9- Que exemplos concretos você pode compartilhar que demonstrem a relação entre o domínio da língua portuguesa e o sucesso profissional?</p> <p>C.10- Quais os principais desafios que os alunos enfrentam ao aprender português na sua experiência?</p> <p>C.11- Você observou alguma diferença no desempenho acadêmico entre alunos que dominam o português e aqueles que não dominam?</p> <p>C.12- Acredita que a presença do crioulo e outras línguas locais ajuda ou dificulta o aprendizado do português? Justifica a sua resposta.</p> <p>C.13- Quais abordagens pedagógicas você considera mais eficazes para melhorar a proficiência em português?</p> <p>C.14- Você recebeu formação específica sobre como ensinar a língua portuguesa? Se sim, como</p>
--	--	--

		<p>essa formação influenciou sua prática docente?</p> <p>C.15- Se é professor de Português, para além dos alunos, se costuma sensibilizar os colegas para o domínio /correção da LP também nas suas disciplinas?</p> <p>Quais são as reações?</p> <p>C.16- Se ensina outras disciplinas, também costuma corrigir o português em suas aulas? Acredita que essa correção é necessária?</p> <p>C.17- Você percebe diferenças na importância atribuída à língua portuguesa entre professores de diferentes níveis de ensino (básico, secundário e superior)? Se sim, quais são estas diferenças?</p> <p>C.18- Há algo mais que gostaria de acrescentar sobre o tema da língua portuguesa e seu impacto no sucesso académico e profissional dos estudantes?</p>
--	--	--

ANEXO 3 — Entrevistas

Professor PE1

Dados do professor(a) entrevistado(a):

Designação: PE-1

Género: M

Idade: 34

Nível académico: Mestre (mas Bacharel durante tempo que trabalhou)

Formação académica: Mestrado em Educação e Inovação Pedagógica, Bacharel em Física e Matemática

Nível que leciona: 7º a 12º

Tempo que lecionou: 5 anos

Disciplina que lecionou: Matemática

Lugar e tempo que diplomou: Na Escola Superior de Educação - ESE, Unidade Tchico-Té - 2017 (Bacharel) e Instituto Politécnico de Leiria - dezembro 2024 (Mestrado)

Parte-C

C.1- Qual a sua língua materna e como se relaciona com a língua portuguesa?

C1 - A minha língua materna é crioulo, e a minha relação com a língua portuguesa, sobre tudo cá na Guiné, só fica para, como língua de ensino ou seja língua de trabalho, que é uma língua que eu só uso na escola e nas universidades, quer dizer, raras vezes, uso a língua portuguesa em casa. Em casa, não falo a língua portuguesa, portanto, fica simplesmente como a língua do trabalho.

C.2- Onde e quando aprendeu a língua portuguesa?

C2- Comecei a aprender logo nos primeiros anos da minha entrada na escola, comecei a aprender algumas palavras, mas não aprendi a falar, só aprendi mais tarde, posso dizer nos meados de 2010, em que já estava a estudar o nível de 9º ano, é lá que começo a aprender e mesmo a gatinhar...mas aprendia a falar pequenas coisas. Estudava na escola, ou seja Dr. Rui Barcelo da Cunha, e também estudando 9º ano nesse ano é que, posso dizer que é o ano em que dei paço enorme na minha vida. Como eu disse, dez do primeiro ano, a gente começa a aprender as coisas básicas, porém falar, ninguém fala, só a gente aprende a ler e escreve, mas falar não, é uma coisa difícil, se não, é impossível ou seja é inexistente, para tentar falar algumas palavras, essa língua, só ganhou o espaço a partir de 2010. Afirimo ter aprendido o português a partir do 9º ano, que é no ano 2010.

C.3- Quais outras línguas você fala e em que contextos as utiliza?

C3- Além do português, eu falo crioulo que é a língua interétnica, inglês e a língua balanta. Uso inglês também na escola, no ambiente acadêmico. No contexto familiar, uso balanta e crioulo. Quer dizer em casa, na rua e no entretenimento, eu falo a língua crioula, às vezes balanta.

C.4- Você já teve a oportunidade de visitar Portugal? Se sim, como essa experiência influenciou a sua percepção da língua portuguesa?

C4- Já tive a oportunidade de visitar Portugal, estive lá 3 anos. A experiência vivida em Portugal, de qualquer modo influenciou bastante minha percepção sobre língua portuguesa, uma vez que esta própria língua é a língua que a Guiné-Bissau adota como a língua oficial. De forma como é usada nas atividades profissionais na Guiné, a minha chegada a Portugal, deu-me uma visão mais ampla em como essa língua pode ganhar mais espaço no contexto guineense, como, às vezes nós profissionais aqui na Guiné, raras vezes falamos até essa língua. Independentemente de sermos profissionais ou não, a gente encontra fora do contexto escolar, às vezes é a língua crioula e tudo mais, até há ponto em que nós os profissionais não conseguimos falar muitas palavras da língua portuguesa e ao chegar Portugal, eu vi que é uma necessidade para todos os profissionais da Guiné começarem a falar, pois facilita propriamente na compreensão dos conteúdos. Essa também é uma das percepções que eu percebi que, percebendo bem a língua portuguesa, facilmente a gente compreenderá os conteúdos a serem ensinados. A conclusão que eu cheguei é que depois da minha estadia em Portugal, a uma necessidade, de fato, dos guineenses aprenderem com mais profundidade essa língua, uma vez que é a nossa língua de ensino, de trabalho e a língua que nós usamos nas atividades laborais.

C.5- Acredita que a proficiência em língua portuguesa afeta diretamente o desempenho acadêmico dos alunos? Porquê?

C5- Claro que sim. Acredito que a proficiência em língua portuguesa afeta diretamente o desempenho acadêmico dos alunos. Os alunos ficam com falta de proficiência, obriga, até leva os alunos no aspeto do abandono, porque toda a matéria que vão ter que, ou seja que tomam na escola, essa matéria, 90% é em língua portuguesa, com exceção do inglês e francês para as pessoas que escolhem essa opção como uma disciplina opcional. Então para além dessas opções que escolhem, o resto tudo é em português, portanto a falta da proficiência, leva os alunos até ao ponto de ficarem no caminho em que não têm saída, porque não vão compreender a matéria, não vão perceber as explicações dos professores e conseqüentemente, ficando sem

compreender o professor, sem compreender a matéria, várias vezes, acabam por entrar no abandono. Portanto essa língua, de fato, tem uma influência tão grande na aprendizagem do aluno.

Às vezes, nem sempre, essa falta de proficiência leva o aluno a desistir e ficar no abandono. Às vezes, há pessoas que esforçam para ultrapassar esses ditames, mas há pessoas que não conseguem se quer esforçar para poder estar a altura, acabam logo por desistir e ficam no abandono. Há pessoas que tanto com estas situações, tanto com outras, persistem até ultrapassar a situação. Mas de qualquer forma, a falta da proficiência influencia negativamente na vida dos alunos.

C.6- Acredita que a proficiência em língua portuguesa afeta diretamente o profissional dos alunos? Porquê?

C6- Acredito que a proficiência do português afeta diretamente o profissional dos alunos. Porque, uma vez que tudo que vai fazer profissionalmente, vai ser em português, não tendo crioulo como uma língua com matéria, então esses alunos vão ter que lidar com a língua portuguesa nos aspetos profissionais. Com falta dessa língua, fica sem saída, várias vezes, porque é lá que vão escrever, é nessa língua que vão escrever, é nessa língua que devem comunicar no trabalho e tudo mais. Com falta dessa então, com certeza, influencia tanto, negativamente, mesmo nas suas atividades profissionais.

C.7- Sendo professor de outra disciplina, como é que o domínio do português influencia o aluno na sua disciplina?

C7- O domínio do português em matemática, como é sabido, a matéria toda de matemática está em português, que nós ensinamos aqui na Guiné, tudo está em português. O aluno com a proficiência em língua portuguesa, consegue assimilar a matéria com facilidade, compreender os termos, compreender os conceitos e tudo mais. Então diferentemente dum aluno com falta da proficiência, ou seja com dificuldades na língua. Portanto, o aluno com domínio, trabalha com facilidade, compreende os conteúdos, consegue resolver os problemas e mais. São alguns exemplos básicos as expressões: soma, adição, designação, ente, proporção e entre outros termos. Para além dos elementos básicos, o aluno pode saber, pode conhecer, pode até ter um conhecimento profundo, mas quando se fala do domínio, estamos a falar de ler um problema, ler o que este problema está querendo falar, então é aí que está o aspeto diferencial de quem tem proficiência e de quem não tem a proficiência. Pode ler um problema, depois não compreende o quê que o problema está querendo dizer e aí quem compreende o português, quem tem proficiência, compreende com facilidade o quê que o problema está se a relacionar

ou está se a falar, diferentemente de quem não tem a proficiência em língua portuguesa. Portanto, são muitos casos em matemática e não só.

Uma outra coisa em física, quando se fala, tanto em matemática, fala-se de complemento, fala-se de comprimento e tudo mais. Às vezes, com falta do domínio, leva a pessoa a não compreender o quê que é complemento, o quê que é comprimento, que também em matemática usamos, tanto em física usamos. Então, às vezes a falta do domínio de língua, leva os alunos a cometer até erros graves, que às vezes quando vão ser corrigidos, vão começar a dizer: olha, o professor não é professor de português, por quê que está a corrigir palavras?

C.8- Costuma chamar a atenção dos alunos para a importância do domínio do português para o sucesso na sua disciplina e na vida profissional?

C8- Costumo chamar a atenção aos alunos que devem preocupar em dominar o português, porque dominando o português, facilita a compreensão das lições de matemática que o professor dá para os alunos. E conseqüentemente, o domínio dessa disciplina pode levar também o domínio na vida profissional do aluno futuramente.

C.9- Que exemplos concretos você pode compartilhar que demonstrem a relação entre o domínio da língua portuguesa e o sucesso profissional?

C9- Os exemplos que demonstrem a relação entre o domínio da língua portuguesa e o sucesso profissional são vários: profissionalmente, alguém é nomeado para uma função na escola, na secretaria da escola, e está com dificuldade de conhecimento do português, é evidente que a produção dos documentos na secretaria, os diplomas, declarações e tudo mais, vão sempre chegar com erros não aceitáveis. Isso às vezes acontece. Na sociedade, é uma coisa rotineira, acontece sempre. Portanto, é nesse ponto que é necessário que haja algo ou seja uma urgência para um profissional ter domínio da língua portuguesa. Vai trabalhar, vai produzir. Tudo que vai produzir, vai ser em português, tudo, independentemente da disciplina, sendo matemática, física, e entre outras, tudo vai ser em português, na atividade profissional, vai influenciar. Sendo como professor também a lidar com os alunos, independentemente de ser professor de disciplina A ou B, português ou matemática, o certo, vai precisar mesmo de usar a língua que é única língua que a gente usa no ensino. Portanto, falta do domínio, profissionalmente, vai prejudicar negativamente na aprendizagem dos alunos e também no crescimento profissional do profissional docente. De qualquer forma, o professor de matemática com o domínio da língua portuguesa, consegue com eficácia transmitir os conhecimentos aos seus alunos.

C.10- Quais os principais desafios que os alunos enfrentam ao aprender português na sua experiência?

C10- Os desafios que os alunos enfrentam para aprender o português são enormes, como eu estava a dizer, no meu caso, até o 9º ano, para começar a ter coragem de expressar as primeiras palavras e a falar ao público e, pode compreender que os alunos de fato, enfrentam desafios enormes. Enfrentam desafios em começar a aprender, porque às vezes, os próprios professores de português, não ensinam para os alunos saberem falar português. Ensinam a matéria para os alunos memorizarem os conteúdos e trabalham para ter nota e nunca aprendem o português. ...coletivo do português... os alunos enfrentam bastante dificuldade de poder dominar essa língua. Chega altura em que o aluno conclui 12º ano sem saber falar o português, e um aluno que quer aprender o português, tem que enfrentar bastantes desafios, tem que ir para outras aulas de português nos outros centros de formação de línguas, pois só na escola, o aluno chega ao 12º ano não consegue falar a língua portuguesa. Portanto os desafios que os alunos enfrentam são enormes. Com esses desafios não falam português, não conseguem compreender português, não compreendem consequentemente todas as outras disciplinas em que a matéria é em português. Esses desafios são enormes mesmos, por exemplo: precisa se ter dinheiro para matricular numa escola de língua e aprender o português ou ir para centro cultural português ou para centro cultural brasileiro aprender e há outros centros que os desafio são económicos, quem quer aprender tem que esforçar para poder aprender o que não aprende nas escolas públicas. De forma prática, eu já trabalhei numa escola de línguas e sei os métodos que nós usamos e que não são métodos que se usam nas escolas públicas. De fato alguém faz 12 anos, para aqueles que reprovam, fazem até 14 anos nas escolas públicas, e não consegue aprender o português, não consegue falar o português. Sai dessa escola, vai para uma escola de língua, vai para centro cultural português, vai para outros centros, em um ano e três meses, essa pessoa consegue falar. Quer dizer há uma coisa que está mal. Tanto essas línguas também, as línguas estrangeiras, ninguém as aprende nas escolas públicas, ... eu também estudei inglês na escola pública e não aprendi nada.

C.11- Você observou alguma diferença no desempenho acadêmico entre alunos que dominam o português e aqueles que não dominam?

C11- Eu observei a diferença entre os alunos que dominam o português e aqueles que não dominam e há uma diferença enorme, uma vez que toda a matéria é em português, é óbvio que o aluno que está com dificuldade ou seja com falta do domínio da língua, vai enfrentar problemas, vai estar a esforçar para ler e não vai estar a compreender nada, porque não dominou uma coisa que é a língua portuguesa, diferentemente do aluno que dominou a língua, que basta uma boa explicação do professor, o aluno já está dentro, diferentemente do outro que não tem

domínio. Portanto, com uma boa explicação, o aluno que não domina a língua, não vai compreender nada, só porque não dominou a língua.

C.12- Acredita que a presença do crioulo e outras línguas locais ajuda ou dificulta o aprendizado do português?

Justifica a sua resposta.

C12- Vou afirmar que a presença do crioulo e outras línguas locais dificulta tanto no aprendizado do português. De fato com essas línguas, o aluno mesmo, tem várias opções, dependendo de número de línguas que sabe falar, então, ao invés de falar o português, usa essas línguas como saída, principalmente o crioulo. Imagine, nos recintos escolares, os alunos do 1º a 12º ano, raras vezes falam o português no recinto escolar, até na turma, escrevem no quadro, fixam papel e falam que é obrigatório o uso do português e que é proibido falar a língua crioula, mas se não existisses essas línguas, o aluno não teria outra saída e ia aprender só o português e assimilaria a matéria com mais facilidade, ajudaria bastante, mas com essas línguas, o aluno, às vezes, nem importa com o português, fala o crioulo com colegas, fala outras línguas, dependendo da região, então, de fato, essas línguas influenciam negativamente no aprendizado do português.

C.13- Quais abordagens pedagógicas você considera mais eficazes para melhorar a proficiência em português?

C13- Com a experiência que eu tenho e também, como professor também de escola de línguas, as abordagens pedagógicas que eu recomendo, são mais aulas expositivas, aulas que também com aspetos interrogativos, em que o aluno tem que se responder algumas questões ao público, ao invés de ficar só aulas expositivas em que o professor é o dono de toda aula. Hoje, é possível adaptar a metodologia de aula fora de sala, que é aula fora do espaço escolar, em que os alunos vão ter mais tempo e momentos para se relacionar e expressar. Possivelmente assim, os alunos podem compreender, entender e ganhar mais coragem, porque às vezes também, só para enfatizar alguma coisa, às vezes também, tem a ver com coragem. Há pessoas que têm vergonha até de falar, ainda que vão falar bem, têm vergonha, pois. Na metodologia de aulas abertas, também o aluno próprio, para além do empenho do professor, trabalho do professor, os aconselhamentos do professor, o aluno próprio vai ganhar uma autoestima, vou dizer assim, que propriamente, vão começar a expressar, sem se importar com os erros e tudo mais. Mas com as metodologias que nós temos, aulas fechadas, às vezes expositivas, professor é dono de tudo, o aluno é simplesmente recetor, então, dificilmente. Há uma necessidade mesma de pensar nesse aspeto. No meu ponto de vista, seria melhor o método expositivo e o método interrogativo, com a adaptação de aulas também abertas e do espaço aberto.

C.14- Você recebeu formação específica sobre como ensinar a língua portuguesa? Se sim, como essa formação influenciou sua prática docente?

C14- Não recebi formação específica sobre como ensinar a língua portuguesa.

C.15- Se é professor de Português, para além dos alunos, se costuma sensibilizar os colegas para o domínio /correção da LP também nas suas disciplinas?

Quais são as reações?

C15- Não sou o professor de português, mas faço assim, faço essas coisas. Lembro-me, várias vezes que eu recomendei colegas de matemática para comprarem gramática de português, para lerem e para estarem também a falar obrigatoriamente com os alunos sobre os erros da língua. Fiz isso várias vezes, contudo não sou professor de português.

C.16- Se ensina outras disciplinas, também costuma corrigir o português em suas aulas? Acredita que essa correção é necessária?

C16- Eu ensino outra disciplina, mas costumo corrigir o português nas minhas aulas, sim, e vou dizer sim duas vezes que é necessário, faço correções e acho também que essas correções que eu faço, são necessárias. Com essas correções, os próprios alunos acabam por saber a forma correta de expressar o que tinham expressado mal, eu faço isso sempre.

C.17- Você percebe diferenças na importância atribuída à língua portuguesa entre professores de diferentes níveis de ensino (básico, secundário e superior)? Se sim, quais são estas diferenças?

C17- Eu percebo as diferenças na importância atribuída à língua portuguesa entre os professores de diferentes níveis de ensino, nomeadamente: básico, secundário e superior. Os professores que dão aulas no ensino básico, não levam em conta o aspeto da língua, preocupam mais com a memorização, com a passagem do aluno para outro nível, alias, em muitas escolas, encontram os alunos que escrevem muito bem, sabem bem a matemática, mas não conseguem falar, quer dizer, isso mostra claramente, é um exemplo claro para os próprios professores de português, preocupam mais com estes aspetos, não preocupam com aspetos da língua. No ensino secundário, há uma particularidade, em que há uma falta de compreensão, em que os professores que não são professores de português, não preocupam com a língua, lembro-me dum altura em que eu levei gramáticas ou seja guia gramaticais para alguns professores de outras disciplinas, que era para eles comprarem e ler, porque eu já tinha também comprado e estava a ler e vi que tem coisas importantes, levei também para os colegas poderem ler e compreender, aprofundar os conhecimentos, muitos disseram, olha, nós não somos professores de português, como se tivessem outra língua do ensino que não é o português. Essa também tem uma certa ou seja falta de compreensão de necessidade da importância da língua portuguesa nas suas disciplinas. Este aspeto também evolui-se até ao ensino superior, também falam o

português mal, isso mostra que não têm vontade, não preocupam com a importância de aprofundar o conhecimento em português. As diferenças que percebi, é que no ensino básico, não levam em consideração a parte oral, no ensino secundário, há uma certa atribuição da importância do domínio da língua portuguesa, mas para professores que não são da língua portuguesa, muitas vezes não ligam e no ensino superior, isso não se verifica, sistema propriamente como é estabelecido na Guiné é igual do 1º ao superior. Lembro-me na altura quando eu estive na escola de formação, as mesmas regras, as mesmas formas que a gente tinha aplicado, de quem falar o crioulo, vai pagar, não sei, uma certa importância em dinheiro e tudo mais. Essas mesmas regras andam até nas universidades, nas escolas normais, nos institutos, a mesma coisa, que era desnecessária. A preocupação como se verifica no ensino secundário, é assim também que se verifica no superior. O professor não importa com ninguém, o professor não importa com ensino do português, contudo vai dar aulas em português e também nas escolas normais, vou dizer também essa parte, na escola de formação de professores, para quem está a fazer matemática ou física ou química, tem poucas aulas do português, às vezes só um dia por semana, duas aulas de 100 minutos, e às vezes os professores não têm tempo de ensinar, não ensinam mesmo. Portanto, vou falar desta parte que está ligada comigo, que o professor de matemática, às vezes física, geografia-história e outros, acaba por concluir o curso e ainda tem problemas básicos do português e essas pessoas, com essa dificuldade, concluem o curso, vão para os liceus, ensinam mal e esses alunos vão sair, é mesma coisa. Apesar de haver alguns professores das outras disciplinas com domínio da língua portuguesa.

C.18- Há algo mais que gostaria de acrescentar sobre o tema da língua portuguesa e seu impacto no sucesso académico e profissional dos estudantes?

C18- A Guiné-Bissau sendo um país de expressão de língua oficial portuguesa, onde o português é a língua do trabalho e tudo, vou dizer assim, mas que no entanto, até agora, estamos com problema mesmo de uso da língua portuguesa de forma mais profissional, para os funcionários, tantos os alunos, e tantos os estudantes. Pois os guineenses que formaram nas outras áreas que não é português e que estão a estudar nas outras faculdades, outras universidades, em outros países estão a enfrentar esses problemas. Os estudantes guineenses em Portugal, muitos chegam e não conseguem estudar por causa de língua, outros por causa de outras coisas. O professor fala o português, o aluno não compreende, parece que o professor está a falar chinês, o japonês ou árabe, mas isso tem a ver com o nível baixo de português que têm ao longo de 12 anos de escolaridade e até na formação inicial, que não é suficiente. Vão deparar com muita matéria, vão lendo e não vão compreender nada, portanto é um dos exemplos vários, existentes que de fato, a língua portuguesa, a sua falta obriga-nos a sofrer,

leva-nos a caminhos que não queríamos seguir. Portanto essa língua de qualquer forma, como a língua que escolhemos, tem uma certa importância, devemos encará-la com toda garra e os professores de português também, são os primeiros a trabalhar, acho eu, devem trabalhar mais para fazer com que as pessoas falem português. Mas uma parte, os professores próprios de português, são esses professores que ensinam nas escolas, nos institutos de língua, por exemplo na Embaixada de Portugal em Bissau, são os professores das escolas públicas que dão aulas nesses centros, tanto nas outras instituições de ensino, 90% desses professores, são professores das escolas públicas. Como é que conseguem ensinar uma pessoa em um ano e seis meses nos centros de línguas e não conseguem ensinar outras nas escolas públicas? É necessário uma reformulação próprio do sistema, tentar estudar o próprio sistema.

Professor PE2

Dados do professor(a) entrevistado(a):

Designação: **PE-2**

Género: M

Idade: 29

Nível académico: Licenciatura (mestrando)

Formação académica: Língua portuguesa, (de momento, mestrando em Estudos Interdisciplinares da Linguagem)

Nível que leciona: Professor de ensino superior

Tempo que lecionou: 5 anos

Disciplina que lecionou: Comunicação e Linguística Empresarial (no curso médio) e Redação Administrativa (no curso superior), Metodologia de Pesquisa Aplicada a Contabilidade e Administração, Trabalho de Conclusão de Curso

Lugar e tempo que diplomou: Na Escola Superior de Educação - ESE, Unidade Tchico-Té (Departamento de licenciatura em Língua Portuguesa, Instituto Camões), no ano letivo 2018/2019

Parte-C

C.1- Qual a sua língua materna e como se relaciona com a língua portuguesa?

C1- A minha língua materna é balanta e crioula, aprendi estas línguas em simultânea, logo depois da minha nascença, porque a minha mãe falava comigo balanta e o meu pai, crioulo. Então fui crescendo, aprendendo, assimilando estas duas línguas. Eu relacionava com a língua portuguesa, mas em certos espaços, em certos contextos, neste caso, salas de aula ou seja com certos colegas. Quando eu me cruzo com certos colegas de escola, colegas de formação, aí tenho a oportunidade de falar essa língua. Agora, em casa, em outros lugares, uso mais crioulo em casa, às vezes também balanta, com a minha mãe em particular e mais crioulo com outras pessoas e meus irmãos. Agora, mas atualmente, nos últimos quatro anos, eu tenho usado a língua portuguesa, assim como a língua crioula, com frequência, porque mesmo em casa, já falo com alguns alunos que já estão a frequentar escola superior já, educação superior, portanto exercitamos isso, fazemos isso em casa, já não está a ter apenas a predominância de ser usada apenas em certos contextos, mas de vez em quando, eu uso até com o meu filho, o primogénito, às vezes eu uso a língua portuguesa.

C.2- Onde e quando aprendeu a língua portuguesa?

C2- Eu aprendi a língua portuguesa na escola, isso foi, posso dizer, aprendizagem começou desde quando eu comecei ensino primário, mas até essa altura não era suficiente para dizer que tenho aquele domínio de comunicar e de ler e perceber o português, mas quando eu entrei para liceu, que é atual 3º ciclo, não ensino secundário, 3º ciclo, 7º ano, nessa altura, eu comecei também a frequentar aulas de aperfeiçoamento em língua portuguesa, era um ano por nível, então eu frequentei no 7º ano, 8º ano, e 9º ano, tendo terminado estes três níveis. Isto ajudou-me bastante a melhorar e logo os meus colegas começaram a perceber essa diferença na escola, na minha comunicação, nos trabalhos que eu desenvolvia, já o nível de comunicar e perceber conteúdos era outro. Aprendi ou seja aperfeiçoei a língua portuguesa na escola comunitária chamada Academia Lusófona de Deus Vivo, no Bairro Militar. É ali que comecei, mas depois, quando eu já estava a fazer 11º, 12º ano, tive que me inscrever na Embaixada de Portugal, projeto AJALF (Abubacar, Júlio, Adramane, Luís e Vladimir) na altura. Então aí, eu frequentei de novo, de nível A1, A2, até B1, na altura o projeto tinha apenas três níveis, portanto eu frequentei estes níveis e consegui realmente aperfeiçoar ainda mais as minhas competências.

C.3- Quais outras línguas você fala e em que contextos as utiliza?

C3- Para além da língua portuguesa, eu falo a língua crioula e a língua balanta, tenho um pouco de base da língua inglesa. Eu utilizo balanta em casa, e isso acontece mais especificamente com a minha mãe, raras vezes com restantes familiares. Já fora da capital Bissau, quando vou para aldeia, aí eu utilizo só balanta também nestes contextos, mas as minhas viagens para lá não acontecem com frequência, às vezes uma vez por ano ou duas vezes por ano. A língua crioula, utilizo a muito em casa e nas ruas. Língua portuguesa, utilizo a às vezes em casa, às vezes também é nas ruas e mais no contexto escolar. Quer dizer que a língua balanta e a língua crioula, utilizo as mais no ambiente familiar.

C.4- Você já teve a oportunidade de visitar Portugal? Se sim, como essa experiência influenciou a sua percepção da língua portuguesa?

C4- Eu não diria que tive a oportunidade de visitar Portugal, porque foi apenas de passagem duas vezes, quando ia para Brasil e de volta para a Guiné-Bissau. Então não visitei Portugal, mas no aeroporto, o português serviu-me de via intermediária da minha passagem para Brasil, muitas pessoas a falarem, a conversarem e aí eu vi também a vantagem de dominar essa língua, porque consegui comunicar com pessoas e tive muita facilidade, naquele espaço enquanto eu viajava para o Brasil, assim como a quando do meu regresso para cá.

Não tive a oportunidade de viver em Portugal, porém no Brasil, como eu disse, a língua sendo um instrumento de comunicação, eu fui para lá, não tive a dificuldade. As dificuldades talvez que eu posso aqui apontar, tem a ver mais com a questão de variação. Sabemos que isto vai

depende já de contexto em que a pessoa se encontra, outras influências que possa receber, tendo em conta muitos fatores que podemos apontar. Nos primeiros momentos, primeiros meses, foi um pouco assim difícil a questão de compreensão, percepção. Mas foi mais fácil eu percebê-los em relação que eles me percebiam, julgo colegas, por exemplo de turma, muitos, já com o passar do tempo, muitos depois confessaram que no início, não percebiam o que eu queria comunicar, eu falava rápido e com uma variante mais perto da europeia. Foi uma experiência impactante, posso dizer, para ver que a língua vai ter o seu impacto ou tornar-se mais rica com essas diferentes diversidades, a maneira como cada país fala, a região, isso é que torna a língua mais rica.

C.5- Acredita que a proficiência em língua portuguesa afeta diretamente o desempenho académico dos alunos? Porquê?

C5- Sim, acredito que a proficiência em língua portuguesa afeta diretamente o desempenho académico dos alunos. Porque a língua, o principal meio de instrução nas escolas, por exemplo no caso da Guiné-Bissau, quando um aluno não compreende bem o português, esse aluno terá dificuldades em acompanhar as aulas, interpretar textos, resolver exercícios e expressar de forma clara para que possa ser compreendido e nesse caso, vai comprometer o seu rendimento escolar.

C.6- Acredita que a proficiência em língua portuguesa afeta diretamente o profissional dos alunos? Porquê?

C6- Sim, também acredito que o percurso profissional pode afetar diretamente os alunos, porque muitos empregos exigem a produção, por exemplo de documentos administrativos, a questão de comunicação com superiores, com clientes e a participação em reuniões. Um profissional com domínio muito limitado da língua portuguesa, vai enfrentar dificuldades na execução de seus deveres. Portanto, isso limita oportunidades para essa pessoa e essa pessoa nunca vai crescer. Por exemplo Assembleia Nacional Popular é uma das instituições que no meu ponto de vista, deve servir-se de exemplo no uso da língua portuguesa. Posso apontar exatamente as escolas enquanto instituições de ensino, porque na Guiné-Bissau, sendo a língua portuguesa língua de ensino, é usada para muitos fins, para fins de ensino, mesmo na comunicação da parte administrativa da escola com outras instituições no país. Eu aponte a Assembleia, porque é um órgão legislativo e quando Assembleia faz leis, aprovações de diferentes documentos, tudo é escrito em português, pelo que, este instrumento acaba por ser muito pertinente e deve ser algo que pelo menos as pessoas nessa instituição, neste caso, Assembleia Nacional Popular, deputados devem levar a cabo, devem preocupar, mas não é

algo que acontece. Uma boa percentagem daquilo que são os nossos representantes na ANP, não têm nível aceitável de língua portuguesa.

C.7- Sendo professor de outra disciplina, como é que o domínio do português influencia o aluno na sua disciplina?

C7- Além das disciplinas viradas à área do português que eu leciono, lecionei a metodologia e trabalho de conclusão de curso, em relação a estas cadeiras, mesmo quando eu leciono essa cadeira, noto que os estudantes com bom domínio de português compreendem melhor os enunciados também, eles conseguem argumentar com maior clareza e conseguem organizar suas ideias com mais lógica. Isso influencia diretamente a qualidade das suas respostas e assim como de aprendizagem de cada um deles. Portanto, isso só para mostrar que a língua portuguesa quando dominada, nós conseguimos com facilidade assimilar, com facilidade sobressair em outras áreas que não sejam apenas de língua portuguesa.

C.8- Costuma chamar a atenção dos alunos para a importância do domínio do português para o sucesso na sua disciplina e na vida profissional?

C8- Claro que eu tenho feito com frequência a chamada de atenção aos alunos sobre a importância do domínio do português para o sucesso na minha disciplina e na vida profissional, não só na ENA, Escola Nacional de Administração, mas também em outros lugares onde eu lecionava. Mas o que acontece é que logo na minha primeira aula, o que eu costumo fazer é falar exatamente da importância de língua portuguesa, tanto para o sucesso e na vida profissional dos alunos, assim como na minha disciplina, eu explico que o conhecimento técnico não é suficiente se não souberem comunicar bem.

C.9- Que exemplos concretos você pode compartilhar que demonstrem a relação entre o domínio da língua portuguesa e o sucesso profissional?

C9- Vou dar exemplo dos meus estudantes e conhecidos que já foram para estrangeiro. Quando eu mudei para esta zona de São Paulo, conheci um jovem que agora já se encontra no Brasil, conseguiu uma bolsa de convênio através de certificado de CPLP, andava de bancada para bancada, depois de ter terminado o 12º ano e não era uma pessoa dedicada que alguém podia encontrar a estudar assim, depois de ter terminado teste, mas ele conseguiu ter hoje o sucesso, não só ele. Outras pessoas também que eu encorajei a passarem pelo centro de aperfeiçoamento em língua portuguesa, Centro de Aperfeiçoamento em Língua Portuguesa AJALV (Abubacar, Júlio, Adramane, Luís e Vladimir), um projeto que já não existe e Academia Lusófona de Deus Vivo, Leopoldina. Eu já conheço muitas pessoas que já passaram por esses centros, tanto AJALV como Leopoldina e conseguiram sobressair em diferentes lugares por onde passaram.

Outro exemplo, é exemplo exatamente dos meus irmãos aqui em casa, quase todos eles, inclusive a minha irmã, três dos meus irmãos mais ela, passaram pelo centro de aperfeiçoamento em língua portuguesa e eles, em relação a língua portuguesa e não só, as outras disciplinas, que estão a ter nestes momentos nos liceus, assim como no ensino superior, neste caso, trata-se da minha irmã que está a passar pela escola de formação 17 de Fevereiro, estão a sair bem e são apontados como melhores, não só em língua portuguesa dispensa-se, mas também nas outras disciplinas. Isto deve-se a esse esforço. As metodologia que adquiriram da aprendizagem de português, nos centros de aperfeiçoamento em língua portuguesa.

C.10- Quais os principais desafios que os alunos enfrentam ao aprender português na sua experiência?

C10- Na minha experiência, principais desafios que os alunos enfrentam na aprendizagem do português, incluem a interferência do crioulo, a falta de hábitos de leitura, o vocabulário limitado e insegurança na produção escrita. Também muitos alunos só têm contato com o português nas aulas, nós não exercitamos português fora de quatro paredes, só falamos português quando estamos na escola, muitos vão para escola e nem se quer se dão o trabalho de falar português, aí ainda é um outro problema, nós verificamos isso até no ensino superior, os estudantes não falam português também lá, poucas vezes falam e, o espaço que têm, porque nós passamos maior parte do nosso tempo diário a expressar nas línguas nacionais e, mesmo assim quando estamos na escola que é lugar apropriado para comunicarmos em português, raras vezes comunicamos, refiro-me a uma boa percentagem de estudantes, começando pelo ensino superior.

C.11- Você observou alguma diferença no desempenho acadêmico entre alunos que dominam o português e aqueles que não dominam?

C11- Os alunos que dominam melhor português, participam mais, é essa diferença que nós podemos compreender logo na sala de aula, eles participam mais, vão ter maior capacidade de compreensão e análise de textos e têm mais possibilidades em expressar suas ideias. Aqueles outros que não dominam português não têm, não ousam aparecer ao público, participar de aula e isso vai refletir nas suas notas e, na questão de autoconfiança.

C.12- Acredita que a presença do crioulo e outras línguas locais ajuda ou dificulta o aprendizado do português?

Justifica a sua resposta.

C12- A presença do crioulo e de outras línguas locais, por mim, nunca dificultam. Também dificultam na medida em que não são bem usadas, mas se fossem bem usadas, como ponte, poderiam facilitar muito. Não estamos a dizer na questão de substituir o português no espaço escolar, mas é preciso equilibrar as línguas. Por isso hoje, eu faço parte de um clube, que deve saber, clube de professores e investigadores de língua portuguesa na Guiné-Bissau, estamos a pensar nisto, esta questão de políticas públicas no país. Nós de clube estamos a dar um alerta nos olhos, mostrar as pessoas que possam fazer isso acontecer, que este é o caminho. Implementar, por exemplo ensino bilingue, ensinar português e o crioulo ao mesmo tempo ou seja pode ser português e outras línguas aqui nacionais, dependendo de comunidade, de contexto. O que devia acontecer é que estas línguas tinham que ser também valorizadas como a língua portuguesa, como forma de poder permitir que os alunos possam se sentir à vontade, poderem tirar melhores resultados. Porque nós sabemos que ninguém se sente à vontade numa língua que não domina, ninguém consegue pensar numa língua que não domina. Essa é questão de pensar, essa é questão de podermos descobrir, pensadores cientistas, mas isto é um processo que deve passar, quando começamos por permitir através das políticas públicas que as nossas línguas nacionais entrem para sistema de ensino, tendo assim sistema bilingue, podia dar um outro rumo a educação.

C.13- Quais abordagens pedagógicas você considera mais eficazes para melhorar a proficiência em português?

C13- Considero eficazes as abordagens pedagógicas comunicativa, participativa, quase todas as abordagens, mas isso vai depender de contexto, quer dizer, cada abordagem, nós temos o contexto de uso, de maneira que nenhuma abordagem é mais que outra, a participativa ou ativa, interrogativa, demonstrativa, descritiva, todas essas abordagens são importantes. O que o professor apenas deve saber, é saber quando usá-la, usar cada uma dessas abordagens, mas com foque em contextos reais de uso da língua, além de leitura de textos diversos, produção escrita frequente e discussão em grupo, uso de tecnologias e vídeos também podem motivar os alunos.

C.14- Você recebeu formação específica sobre como ensinar a língua portuguesa? Se sim, como essa formação influenciou sua prática docente?

C14- Durante a minha graduação quando eu estava no processo para tirar a licenciatura, eu acho que as metodologias não eram metodologias viradas para de fato ensinar a língua portuguesa, mas depois de ter terminado a Tchico Té, depois de ter conseguido, quando a FEC lançou aquele concurso de recrutamento de formadores, atuando na área de educação e nas formações que tivemos durante o projeto PRECASE (Programa de Reforço das Capacidades do Sistema Educativo), durante aqueles três anos, surtiram muito efeito, posso dizer que

aqueles três anos, de 2020/2023, tornaram-me num outro professor e a partir dessa altura que comecei a perceber de fato como ensinar, por que eram exatamente metodologias técnicas daquilo que se pode usar em relação a uma língua não materna, uma língua segunda. Portanto, a partir disto, e não só isto, também promovia formação e convidávamos especialistas para abordar situações ligadas a ensino de língua portuguesa, posso afirmar portanto, que recebi formação em metodologia de ensino de portuguesa e o meu percurso de mestrado que ainda estou, as metodologias estão mais viradas para isto, porque eu sou da área de linguística aplicada que é algo que podemos dizer por outras palavras, onde posso adquirir ferramentas para domínio dessas metodologias viradas para ensinar a língua portuguesa, num contexto como nosso e em outros contextos. A FEC usa metodologia ligada a língua não materna, língua segunda.

C.15- Se é professor de Português, para além dos alunos, se costuma sensibilizar os colegas para o domínio /correção da LP também nas suas disciplinas?

Quais são as reações?

C15- Muitas vezes eu preocupo-me em chamar atenção aos meus colegas sobre a importância de usar a língua portuguesa, principalmente a norma padrão da língua portuguesa e não só os colegas professores das outras áreas e áreas afins que eu chamo atenção, mas no geral eu chamo atenção a sociedade guineense, por exemplo a partir do programa “mandjuandadi em português” que eu apresentava em nome do projeto AJALV na Rádio Sol Mansi, aí eram tipos de metodologias viradas para ensinar português enquanto língua não materna, era uma forma de instruir os professores que trabalhavam com a língua portuguesa, como é que devem ensinar, quando estão perante um texto, o quê que devem fazer, qual é primeira coisa à abordar por diante, na sequência. As reações às vezes, algumas são bem acolhidas, aceitam, agradecem, outras pessoas acham que isso é responsabilidade de professores de português.

C.16- Se ensina outras disciplinas, também costuma corrigir o português em suas aulas? Acredita que essa correção é necessária?

C16- Eu faço a correção de português quando ensino as disciplinas das outras áreas, bem como acredito que a correção de português por parte de professores de outras disciplinas é necessária, acredito que é necessário, porque o domínio da língua influencia a forma como o conhecimento é compreendido e comunicado, daí que eu afirmo que, todos e qualquer professor, deve corrigir pelo menos o mínimo de português. Eu, pela partilha com algumas pessoas, alguns conhecidos, há professores, por exemplo das outras áreas que corrigem o português, não de forma mais aprofundada como um técnico de língua portuguesa faria, mas aqueles aspetos mais súteis, eles fazem questão de dar. Porque nós temos aqueles erros de palmatória. Portanto, estes aspetos

também não devem escapar a vista de outros professores, devem olhar para isto, sendo português a nossa língua de ensino, a língua oficial. Portanto não só o professor de português é que deve ter essa preocupação, como muitos acham, mas outros também, porque a partir dessa língua que nós nos entendemos e, que nós comunicamos.

C.17- Você percebe diferenças na importância atribuída à língua portuguesa entre professores de diferentes níveis de ensino (básico, secundário e superior)? Se sim, quais são estas diferenças?

C17- Eu percebo essas diferenças. No ensino básico, muitos professores têm dificuldade com a língua padrão e nem sempre exigem correção. No secundário, há maior atenção, mas nem todos dão essa atenção. No ensino superior, a exigência é maior, mas a base dos estudantes, muitas vezes é frágil e pela realidade que eu conheço do slogan do trabalho, também eu vejo uma preocupação em relação aos professores do ensino superior, muita deficiência no que tem a ver com o domínio de normas culta da língua portuguesa.

C.18- Há algo mais que gostaria de acrescentar sobre o tema da língua portuguesa e seu impacto no sucesso acadêmico e profissional dos estudantes?

C18- Eu gostaria de reforçar que a língua portuguesa não deve ser visto como um obstáculo, mas como uma ferramenta de empoderamento, melhorar o ensino, valorizar o ensino, é essencial para garantir o sucesso acadêmico e a inclusão profissional dos jovens guineenses, outro aspeto também que gostaria aqui de deixar claro, tem a ver com interesse dos professores que lecionam essa disciplina, língua portuguesa, devem lutar para se auto-formarem, devem ainda buscar conhecer melhor as metodologias de ensinar português, porque esta forma como nós ensinamos, aprendemos mal o português e acabamos por ensiná-lo também mal. Quem mal aprende, mal transmite. Portanto temos que lutar, porque é a língua, eu considero, não que a língua seja como obstáculo, mas a língua em relação as outras disciplinas que possam existir, pode ser a mais complexa, na medida em que nós precisamos sempre de atualização, porque estamos a tratar de língua, o que, de certa forma, aparecem coisas novas a cada dia, dependendo de comunidade falante, já temos muitas comunidades que falam português e cada comunidade hoje em dia, vai adequar os falares à sua realidade, à sua cultura, daí que acabam por surgir aspetos novos, que nós precisamos também levar a cabo. Mas o fundamental, é a nossa preocupação, temos que preocupar com as metodologias de ensino de língua portuguesa como forma de facilitar aprendizagem dos nossos estudantes.

Professor PE3

Dados do professor(a) entrevistado(a):

Nomeação: **PE-3**

Género: M

Idade: 41

Nível académico: Licenciatura

Formação académica: Língua portuguesa

Nível que leciona: 7º, 8º e 11º

Tempo que lecionou: 6 anos

Disciplina que lecionou: português, às vezes educação para a cidadania que é educação social

Lugar e tempo que diplomou: Na Escola Superior de Educação - ESE, Unidade Tchico-Té (Departamento de licenciatura em Língua Portuguesa, Instituto Camões), no ano letivo 2017

Parte-C

C.1- Qual a sua língua materna e como se relaciona com a língua portuguesa?

C1- A minha língua materna é a língua mandinga e, a relação dessa língua com a língua portuguesa, faço às vezes uma ligação da minha língua com a língua nacional que é o crioulo e do crioulo para o português, mas como sabe que nós lecionamos, eu leciono em português, apesar que a língua materna ou a língua crioula é considerada como recurso didático que ao lecionar, quando tem uma dificuldade para transmitir uma mensagem e face ao recurso, pega uma expressão crioula para fazer o aluno entender, por isso que é considerado como recurso didático, mas a língua que eu leciono, que eu uso, é a língua portuguesa. A minha relação com o português é no ambiente de trabalho e académico.

C.2- Onde e quando aprendeu a língua portuguesa?

C2- Eu aprendi o português na escola, quando eu estudei desde primária até liceu, eu tinha uma noção e, aprendi porque também eu trabalhava na associação académica dos estudantes, que as nossas reuniões com responsáveis de turmas eram sempre em português. Além disso fui fazer formação, eu fiz o curso médio em construção civil, também aprendi português, depois fui fazer o curso superior em língua portuguesa como professor de português, é lá que aperfeiçoei muita coisa, é lá que aprendi porque já é uma formação da minha área como professor.

C.3- Quais outras línguas você fala e em que contextos as utiliza?

C3- Eu falo a língua mandinga, eu uso essa língua na comunidade mandinga e quando é necessário. Também falo o crioulo que é a nossa língua nacional que sempre eu uso também para com as pessoas que nem sequer sabem falar português, nesse contexto, sempre uso essa língua. Também eu falo um pouco da língua balanta que também uso no contexto ou seja na comunidade balanta quando é necessária, assim como falo um pouco da língua fula, que também eu uso esta língua no contexto ou seja na comunidade fula quando é necessária e, eu falo o português que é a minha língua de trabalho, que é a minha língua oficial, língua oficial do meu país e pronto, como a língua do ensino, enfim língua de transmissão de conhecimento.

C.4- Você já teve a oportunidade de visitar Portugal? Se sim, como essa experiência influenciou a sua percepção da língua portuguesa?

C4- Sim, já estou em Portugal nesse momento, de facto, eu percebi ainda muita coisa e, ainda isso permitiu me familiarizar mais com essa língua que eu passo a ouvir todos os dias as pessoas expressarem essa língua. Raramente eu falo a língua crioula, a língua do meu país, a língua nacional do meu país ou a minha língua étnica, a minha língua materna, raramente falo, mas várias vezes falo de vez em quando essa língua, que é a língua portuguesa. Isso me ajudou bastante porque eu, por exemplo em qualquer circunstância da minha comunicação e eu percebo essa língua.

C.5- Acredita que a proficiência em língua portuguesa afeta diretamente o desempenho acadêmico dos alunos? Porquê?

C5- Pois é, porque a língua portuguesa sendo a língua do ensino na Guiné-Bissau, maior compreensão desta língua, ainda melhor percepção da matéria, em todas as vertentes científicas, académicas, por isso que é extremamente importante a compreensão dessa língua para melhor compreender outras áreas científicas.

C.6- Acredita que a proficiência em língua portuguesa afeta diretamente o profissional dos alunos? Porquê?

C6- Pois é, porque quando o professor tiver uma dificuldade, certamente que não consegue transmitir a sua matéria, o seu conhecimento, a sua experiência, não consegue transmitir a sua mensagem como deve ser, aí os alunos sempre apresentam dificuldades enormes. E se for um profissional de outra área que não é do professorado também a proficiência em língua afeta diretamente o profissional dessa pessoa, porque o importante é que quem comunica a língua, deve saber comunicar no contexto e deve saber explicar as coisas como deve ser, e caso tiver dificuldade nesse sentido, não consegue transmitir a sua mensagem.

C.7- Sendo professor de outra disciplina, como é que o domínio do português influencia o aluno na sua disciplina?

C7- Sendo professor que leciona também outras disciplinas, bom é assim, se o português é, como é a língua do ensino, certamente que todas as áreas devem ser ensinada em português. Então, por isso que o português é extremamente importante para a compreensão em todas as situações do ensino.

C.8- Costuma chamar a atenção dos alunos para a importância do domínio do português para o sucesso na sua disciplina e na vida profissional?

C8- Costumo chamar a atenção dos alunos para a importância do domínio do português para o sucesso na minha disciplina e na vida profissional, porque a maioria das dúvidas que os alunos sempre apresentam e, não só em português, como nas outras disciplinas, tem a ver com a falta de compreensão, que é a falta de domínio da língua. Porque quem tiver menor domínio, terá maior dificuldade na compreensão. E eu costumo chamar a atenção para esse domínio por parte dos alunos, no sentido de poder ler várias vezes, consultar o dicionário e fazer pesquisas, para melhor descobrir o significado das palavras que não sabem, que desconhecem nas suas matérias. Porque quem tiver maior facilidade na compreensão da língua, certamente que essa pessoa terá facilidade na interpretação de qualquer que seja documento em português.

C.9- Que exemplos concretos você pode compartilhar que demonstrem a relação entre o domínio da língua portuguesa e o sucesso profissional?

C9- Quem tiver maior facilidade na língua, essa pessoa terá maior facilidade no exercício profissional. Por exemplo, quem consegue produzir documentos administrativos, nesse documento sempre apresenta mensagens em português, informações em português e se tiver qualquer dificuldade, isso vai aparecer logo nesse documento e o seu profissionalismo fica em causa ou seja o seu profissionalismo vai estar sempre com uma deficiência.

C.10- Quais os principais desafios que os alunos enfrentam ao aprender português na sua experiência?

C10- Os desafios que eles apresentam, que eles enfrentam ao aprender português, na minha experiência, tem a ver com a exigência. Sempre eu faço a exigência, que eles enquanto os alunos, devem sempre ter algumas orientações que devem seguir e, que lhes facilita na compreensão da matéria. Quer dizer, ler livros de vez em quando, interpretar aquilo que eles compreenderam e explicar o que compreenderam naquela leitura que fizeram, esse também é um desafio sempre que cada aluno é lançado no sentido de poder cumprir.

C.11- Você observou alguma diferença no desempenho acadêmico entre alunos que dominam o português e aqueles que não dominam?

C11- Os alunos que dominam o português têm facilidade na comunicação em relação aos alunos que não dominam o português, assim também que os alunos que dominam o português

têm a maior facilidade na produção de texto em relação àqueles que não dominam o português. Então aí, os que não dominam, apresentam sempre essa dificuldade, esse é exemplo concreto.

C.12- Acredita que a presença do crioulo e outras línguas locais ajuda ou dificulta o aprendizado do português?

Justifica a sua resposta.

C12- Dificulta bastante, dificulta na medida em que para melhor fazer o aluno compreender, você é obrigado a ir buscar uma palavra como recurso didático para melhor fazer o aluno entender. Então essas línguas locais não facilitam na compreensão do português e no processo de ensino e aprendizagem. Quer dizer que tanto o professor como os alunos, sempre são obrigados a refugiar para estas línguas, enquanto estão no ambiente de ensino e aprendizagem, em que a língua ministrada é o português.

C.13- Quais abordagens pedagógicas você considera mais eficazes para melhorar a proficiência em português?

C13- A abordagem pedagógica que eu considero eficaz no processo de ensino aprendizagem, sempre eu uso o método interativo, o método ativo, o método dinâmico, que permite a participação de todos, aí nessa comunicação, isso permite com que os alunos sempre melhorassem essa dificuldade em português.

C.14- Você recebeu formação específica sobre como ensinar a língua portuguesa? Se sim, como essa formação influenciou sua prática docente?

C14- Sim, eu recebi formação específica para como ensinar a língua portuguesa. Normalmente o português é a nossa língua oficial, mas o seu ensino baseia-se no ensino da língua estrangeira para fazer melhor o aluno perceber, não a língua materna como cá em Portugal. Normalmente, isso tem a ver com as questões pedagógicas, você precisa usar umas estratégias de poder fazer o aluno perceber a mensagem, e não ensinar como em Portugal, não como a língua materna, mas como a língua estrangeira. Partindo do princípio tendo em conta o contexto guineense, ensinar a língua.

C.15- Se é professor de Português, para além dos alunos, se costuma sensibilizar os colegas para o domínio /correção da LP também nas suas disciplinas?

Quais são as reações?

C15- Sempre eu faço isso, sensibilizo os colegas sobre o domínio, correção da língua portuguesa nas suas disciplinas, porque imagine que nós, o que podemos fazer enquanto professor para que possamos ter maior facilidade no nosso trabalho, é incentivar as pessoas a expressarem português, usar português no seu dia a dia, como a língua quotidiana, aí familiarizando, fazendo contato diretamente com o português, todos os dias, o trabalho já torna

mais fácil. Quanto as reações dos meus colegas, é que há uma situação no meu país, a Guiné-Bissau, nós temos um preconceito, próprios colegas, o que é que dizem? quando você fala português de vez em quando, dizem: o fulano está mostrar que ele sabe falar português, ele é arrogante, chamam-no de outro nome, que a própria sociedade o considera dessa característica. Enquanto que, no caso da língua estrangeira, francês e inglês, quem fala essas línguas, consideram essa pessoa como inteligente, mas quem fala português, consideram essa pessoa como arrogante. Mas a reação, é que na verdade uns compreendem e alguns não compreendem, mas há sempre essa minha luta de poder incentivá-los a falar português de vez em quando, fazer a correção, familiarizar-se com português, com a escrita, para ter o melhor domínio. Eu criei uma organização que é a Associação Nacional para a Promoção da Língua Portuguesa na Guiné-Bissau (ANPLPGB), essa organização fez palestras, essa organização fez várias sensibilizações, até abriu a escola da língua portuguesa em Bafatá e, pronto, e de vez em quando, temos o programa radiofónico que todas as semanas, sai o programa, incentivando as pessoas a usar, a falar língua portuguesa, como sendo língua oficial do país, como sendo língua de trabalho, língua de comunicação, enfim, língua de ensino.

C.16- Se ensina outras disciplinas, também costuma corrigir o português em suas aulas? Acredita que essa correção é necessária?

C16- Eu costumo corrigir o português, mesmo lecionando outras disciplinas, isso sempre traz-me problemas com os meus alunos, porque sempre dizem: não, esse não e o português. Eu lhes digo também que levo em conta dois aspetos fundamentais: parte de conteúdo e parte de forma. Faço essas correções, o importante é como escrever uma palavra e como é que essa palavra está escrita. Faço correção até das margens de folha, porque é necessário. Não devemos deixar os alunos a escreverem como quiserem, com erros na escrita, sem respeitarem as regras de português, enquanto estão a ser ensinados em português, não é possível.

C.17- Você percebe diferenças na importância atribuída à língua portuguesa entre professores de diferentes níveis de ensino (básico, secundário e superior)? Se sim, quais são estas diferenças?

C17- Percebo muitas diferenças na importância atribuída à língua portuguesa entre os professores de níveis de ensino básico, secundário e superior. Eu trabalhei desde jardim até 12º ano, outras escolas, não na minha escola, onde estou a trabalhar a partir de colocação oficial por parte do Ministério de Educação. Imagine que uma criança de jardim, você precisa de usar a língua adequada, partindo do princípio que é uma criança, então a forma de falar, a forma de lidar com essa criança, deve ser diferente com a criança de, por exemplo, primeiro ciclo, do segundo ciclo, do terceiro ciclo. Então há essa diferença, partindo do princípio dos níveis até nas idades, então é preciso compreender isso.

C.18- Há algo mais que gostaria de acrescentar sobre o tema da língua portuguesa e seu impacto no sucesso acadêmico e profissional dos estudantes?

C18- Para mim o que é importante e, faz-me lembrar agora da escola evangélica Irmã Leopoldina uma escola em que eu lecionei, é uma escola privada, para mim, é uma das melhores escolas privadas da Guiné-Bissau, porque é uma escola que não se fala o crioulo, falando crioulo com a camisola da escola, mesmo no caminho de escola para casa, o aluno apanha suspensão, quanto mais falar o crioulo na escola, no recinto da escola ou na sala de aula, esse aluno automaticamente é castigado. Além disso é uma escola que se promove quadro de honra dos melhores alunos que falam português, que escrevem português, com melhores notas em português, assim como as outras disciplinas. Isso é extremamente importante, assim também que para mim, o Estado da Guiné-Bissau, deve, através do Ministério da educação nacional e implementar uma lei que obriga os alunos a falar português, desde o caminho de casa para escola e, até dentro de sala de aula, isso é extremamente importante, quer dizer essa é obrigatoriedade, caso falar outra língua, o aluno deve ser castigado, assim também como o professor deve ser castigado.

Professora PE4

Dados do professor(a) entrevistado(a):

Nomeação: **PE-4**

Gênero: F

Idade: 37

Nível acadêmico: Bacharelato

Formação acadêmica: Curso de professor de Ensino Básico

Nível que leciona: 1º a 6º ano

Tempo que lecionou: 6 anos

Disciplina que lecionou: Ciências Sociais

Lugar e tempo que diplomou: Escola Superior de Educação - ESE, Unidade 17 de Fevereiro, no ano 2018

Parte-C

C.1- Qual a sua língua materna e como se relaciona com a língua portuguesa?

C1- A minha língua materna é crioula. De vez em quando, falamos a língua portuguesa, porque nós não somos portugueses, mas Portugal nos colonizou, é por isso que nós devemos falar mais para poder aprender, mesmo que é mal falado, podemos falar para poder aprender mais. Falo português na escola e no trabalho. No trabalho, com os alunos, falamos, mas não é constantemente, às vezes falamos português, mas falamos também crioulo para melhor compreensão dos alunos, falamos português, misturamos com o crioulo assim.

C.2- Onde e quando aprendeu a língua portuguesa?

C2- Comecei a aprender a língua portuguesa na escola, na Guiné-Bissau. Na escola a gente fala português e crioulo, assim sucessivamente. Desde o primeiro ano, a gente fala o português na escola.

C.3- Quais outras línguas você fala e em que contextos as utiliza?

C3- Além do português na escola e no trabalho, eu falo a língua crioula no contexto social e familiar e um pouco da língua balanta.

C.4- Você já teve a oportunidade de visitar Portugal? Se sim, como essa experiência influenciou a sua percepção da língua portuguesa?

C4- Já visitei Portugal sim. Essa experiência tem vantagem porque a gente fala de vez em quando, dia a dia, a gente fala o português em relação a Guiné, que a gente fala um pouco, só no trabalho.

C.5- Acredita que a proficiência em língua portuguesa afeta diretamente o desempenho acadêmico dos alunos? Porquê?

C5- Acredito que a proficiência em língua portuguesa ajuda o aluno no seu desempenho acadêmico sim.

C.6- Acredita que a proficiência em língua portuguesa afeta diretamente o profissional dos alunos? Porquê?

C6- Acredito que a proficiência em língua portuguesa afeta diretamente o profissional do aluno sim, porque a falta de compreensão leva o aluno a ter dificuldade no trabalho, às vezes não participa na aula.

C.7- Sendo professor de outra disciplina, como é que o domínio do português influencia o aluno na sua disciplina?

C7- O domínio de português influencia aluno na minha disciplina. Eles costumam dizer professora, olha, aquele capítulo de ontem é bonito, podemos repisar mais, porque a gente estava muito bem, a gente estava a perceber. Dá para entender que alguns estão a evoluir. Para aqueles que têm domínio de português, conseguem fazer a leitura e conseguem também escrever correto. Eu faço a leitura, faço perguntas, fazemos também debate.

C.8- Costuma chamar a atenção dos alunos para a importância do domínio do português para o sucesso na sua disciplina e na vida profissional?

C8- Sim, eu costumo chamar a atenção dos alunos para a importância do domínio de português para o sucesso na minha disciplina e na vida profissional. Até que eu dou exemplo de mim mesmo, eu costumo dizê-los: vejam só, eu também não sei falar português, mas vou tentar falar, porque eu não sou portuguesa, mas vou tentar falar, eu quero ter domínio da língua portuguesa. Às vezes começam a gargalhar, até que começam a dizer: ah professora, hoje eu vou falar somente português, eu digo: é isso mesmo que eu quero, é para falar português.

C.9- Que exemplos concretos você pode compartilhar que demonstrem a relação entre o domínio da língua portuguesa e o sucesso profissional?

C9-

C.10- Quais os principais desafios que os alunos enfrentam ao aprender português na sua experiência?

C10- Sim, na minha experiência, eu percebo as dificuldades, os desafios que os alunos enfrentam ao aprender. Às vezes alguém diz: professora, você está a falar rápido e eu não estou a perceber, ou o quê que significa essa palavra? Você pode me ajudar?

C.11- Você observou alguma diferença no desempenho acadêmico entre alunos que dominam o português e aqueles que não dominam?

C11- Sim, há diferença, os que dominam português percebem bem a matéria, fazem provas como deve ser, mas aqueles que não dominam têm dificuldade. Mas basta só falar crioulo, começam a dizer: ah! É isso que você estava a falar? Eu sei, só que não sabia que era isso, eu sei. Por causa da percepção.

C.12- Acredita que a presença do crioulo e outras línguas locais ajuda ou dificulta o aprendizado do português?

Justifica a sua resposta.

C12- Para mim, a presença do crioulo e outras línguas locais, ajuda na aprendizagem do português, porque você pode dizer uma coisa em crioulo ou na língua materna, você também pode dizer em português, o aluno já sabe o que professor ou professora estava a dizer em português e o que isso significa em crioulo e na língua materna. Dá para perceber mais rápido.

C.13- Quais abordagens pedagógicas você considera mais eficazes para melhorar a proficiência em português?

C13- O professor deve misturar os métodos, se você notar que os alunos não estão a perceber nada num método, você pode usar outro método, bem como se você notar que o aluno não está a perceber nada em português, você pode usar a língua materna ou a língua étnica que eles falam, em caso o professor saber essa língua, para melhor percepção dos alunos.

C.14- Você recebeu formação específica sobre como ensinar a língua portuguesa? Se sim, como essa formação influenciou sua prática docente?

C14- Na verdade não recebi formação específica sobre como ensinar a língua portuguesa.

C.15- Se é professor de Português, para além dos alunos, se costuma sensibilizar os colegas para o domínio /correção da LP também nas suas disciplinas?

Quais são as reações?

C15- Sim, há professores que andam sempre a falar crioulo. Quando eu lhes chamo atenção, às vezes dizem: aqui é aldeia, não é preciso falar português. Até que eu dizia assim: quem fala crioulo, vai pagar 100 fcfá. Às vezes eu peço ajuda aos meus colegas também na escola.

C.16- Se ensina outras disciplinas, também costuma corrigir o português em suas aulas? Acredita que essa correção é necessária?

C16- Eu faço a correção escrita e oral. Por exemplo há alunos que não diferenciam o género, costumam corrigir isto. Essa correção, para mim é necessária, porque você não pode misturar duas coisas, um género é tão diferente do outro. Quer dizer você queria falar do homem, mas está a referir a mulher.

C.17- Você percebe diferenças na importância atribuída à língua portuguesa entre professores de diferentes níveis de ensino (básico, secundário e superior)? Se sim, quais são estas diferenças?

C17- Percebo diferenças na importância atribuída à língua portuguesa entre professores de diferentes níveis de ensino. No ensino básico, não sei da outra zona, mas na nossa zona, às vezes o professor não fala o português até que ele sai na sala de aula, somente crioulo, crioulo, crioulo. Dizem que é criança ainda, mas criança percebe sim, criança aprende cada dia com uma palavra ou duas, mas aprende. No ensino secundário e superior, ali que eu vejo mais empenho entre professores e alunos para tentar falar português.

C.18- Há algo mais que gostaria de acrescentar sobre o tema da língua portuguesa e seu impacto no sucesso académico e profissional dos estudantes?

C18- Eu acho que a língua portuguesa é importante para nós, porque os portugueses nos colonizaram, é por isso que nós temos que falar, mesmo errado, temos que tentar falar, quanto mais alguém fala, aprende também.

Professora PE5

Dados do professor(a) entrevistado(a):

Nomeação: **PE-5**

Género: F

Idade: 45

Nível académico: Bacharelato

Formação académica: Biologia Química

Nível que leciona: 7º a 11º ano

Tempo que lecionou: 9 anos

Disciplina que lecionou: Biologia e Ciência Integrada

Lugar e tempo que diplomou: Escola Superior de Educação - ESE, Unidade Tchico Té, no ano 2015

Parte-C

C.1- Qual a sua língua materna e como se relaciona com a língua portuguesa?

C1- A minha língua materna é balanta. Falo mais a língua materna do que a língua portuguesa, eu uso a língua portuguesa quando estamos a falar no centro de formação, é mais na escola e no trabalho.

C.2- Onde e quando aprendeu a língua portuguesa?

C2- Aprendi a língua portuguesa em primeiro lugar na escola, quando comecei a estudar logo na escola primária, ali que eu comecei a aprender a língua portuguesa.

C.3- Quais outras línguas você fala e em que contextos as utiliza?

C3- Além do português, eu falo a língua balanta e a língua crioula.

C.4- Você já teve a oportunidade de visitar Portugal? Se sim, como essa experiência influenciou a sua percepção da língua portuguesa?

C4- Já tenho a oportunidade de visitar Portugal. A experiência de viver aqui em Portugal, influenciou muito a minha percepção da língua portuguesa, porque aqui falo com a gente sempre, no local de serviço, no mercado, mesmo em qualquer sítio falamos com a gente.

C.5- Acredita que a proficiência em língua portuguesa afeta diretamente o desempenho académico dos alunos? Porquê?

C5- Acredito que quando o aluno tem proficiência em língua portuguesa, vai ter bom desempenho acadêmico, não vai ter a dificuldade, qualquer palavra que vem, vai ser capaz de saber lidar com essas palavras, de saber como vai responder as perguntas que tinha dado.

C.6- Acredita que a proficiência em língua portuguesa afeta diretamente o profissional dos alunos? Porquê?

C6- Acredito que a proficiência em língua portuguesa, ajuda o aluno na sua vida profissional. Porque quando está a ensinar tem que falar esta língua, não é em outra língua que vai ensinar, tem que falar esta língua, o conteúdo que está a explicar, está escrito em português, ali se o aluno sabe falar em português, vai lhe ajudar muito na compreensão, ali vai afetar próprio conhecimento deles, vai ajudar muito. Se o aluno tem a proficiência em português, vai ter bom desempenho no trabalho, não vai ter a dificuldade, qualquer palavra que vem, vai saber lidar com aquela palavra.

C.7- Sendo professor de outra disciplina, como é que o domínio do português influencia o aluno na sua disciplina?

C7- O domínio do português por parte do aluno influencia bem na minha disciplina, porque a língua do trabalho é português, portanto, o aluno que domina português, língua de ensino, consegue perceber a matéria facilmente e consegue ter o sucesso.

C.8- Costuma chamar a atenção dos alunos para a importância do domínio do português para o sucesso na sua disciplina e na vida profissional?

C8- Sim, costumo chamar a atenção dos alunos para a importância do domínio do português para o sucesso na minha disciplina e na vida profissional.

C.9- Que exemplos concretos você pode compartilhar que demonstrem a relação entre o domínio da língua portuguesa e o sucesso profissional?

C9- Exemplos concretos que demonstrem a relação entre o domínio da língua portuguesa e o sucesso profissional, para quem é professor, jornalista, se dominar a língua, no ato de exercício do seu trabalho, vai ter muito sucesso.

C.10- Quais os principais desafios que os alunos enfrentam ao aprender português na sua experiência?

C10- Os alunos enfrentam desafios enormes ao aprender português, o primeiro desafio, é que no recinto escolar, eles falam a língua étnica ou língua crioula, o segundo é porque eles para falarem o português, é um problema, têm a complexidade de falar, porque às vezes quando falam, falam errado, os colegas começam a rir, logo eles ficam assim, não querem mais falar.

C.11- Você observou alguma diferença no desempenho acadêmico entre alunos que dominam o português e aqueles que não dominam?

C11- Eu observo alguma diferença no desempenho acadêmico entre os alunos que dominam o português e aqueles que não dominam, porque os alunos que dominam o português, eles que vão em frente, por exemplo no caso de associação dos alunos, são esses alunos que ficam em frente da organização, eles que resolvem problemas dos outros que não têm domínio, que não conseguem destacar.

C.12- Acredita que a presença do crioulo e outras línguas locais ajuda ou dificulta o aprendizado do português?

Justifica a sua resposta.

C12- A presença do crioulo e outras línguas locais dificulta aprendizado do português. Porque os alunos ao invés de falar o português, falam mais outras línguas e isso interfere até na escrita, porque às vezes como falam, é assim também que escrevem, pronunciam mal e escrevem mal.

C.13- Quais abordagens pedagógicas você considera mais eficazes para melhorar a proficiência em português?

C13- Eu considero mais o método oral, é falar e demonstrar. Dialogar, quando a gente vai trocar ideia, isso vai ajudar.

C.14- Você recebeu formação específica sobre como ensinar a língua portuguesa? Se sim, como essa formação influenciou sua prática docente?

C14- Não recebi uma formação específica sobre como ensinar a língua portuguesa.

C.15- Se é professor de Português, para além dos alunos, se costuma sensibilizar os colegas para o domínio /correção da LP também nas suas disciplinas?

Quais são as reações?

C15- Eu não sou professora de português, mas costumo sensibilizar os colegas para o domínio e também correção da língua portuguesa, nós falamos isso muito, porque é em língua portuguesa que nós escrevemos, nós devemos fazer a correção. Alguns colegas reagem dizendo que não são professores da língua portuguesa, mas há aqueles que dizem que vale a pena fazer a correção, porque é nessa língua que ensinamos, se a palavra escrita está errada, nós devemos corrigir.

C.16- Se ensina outras disciplinas, também costuma corrigir o português em suas aulas? Acredita que essa correção é necessária?

C16- Nas minhas aulas, costumo corrigir português, porque acredito que essa correção é necessária. Imagina se alguém escrever o meu nome errado, eu vou reclamar.

C.17- Você percebe diferenças na importância atribuída à língua portuguesa entre professores de diferentes níveis de ensino (básico, secundário e superior)? Se sim, quais são estas diferenças?

C17- As diferenças que eu tenho notado entre os professores do ensino básico, secundário e superior, é que os professores de ensino básico e secundário, principalmente básico, falam mais a língua étnica ou a língua crioula com os alunos, no superior é muito difícil, porque ali, ninguém vai estar a falar essas línguas com você, se não perceber, você é que sabe, porque já está no nível de falar bem o português. Apesar de há alguns professores do ensino básico que falam mais português com os alunos, mas os professores que dão aulas nas aldeias mais distantes das cidades, ali o aluno, às vezes, nem se quer sabe bem o crioulo, então os professores falam mais crioulo ou outras línguas com esses alunos. Mas isso não quer dizer que os professores de ensino básico não sabem falar português, apesar de existir alguns sim que não têm tanto domínio.

C.18- Há algo mais que gostaria de acrescentar sobre o tema da língua portuguesa e seu impacto no sucesso académico e profissional dos estudantes?

C18- Eu como académico, gostaria que nós enquanto académicos, que falamos mais regularmente português, principalmente os professores que lecionam nas escolas públicas, falam mais crioulo do que os das escolas privadas, mas imagina agora numa escola privada, quando estamos a lecionar lá, eu vejo, falamos mais português. Por quê que nós não vamos dar valor às escolas públicas e damos valor às escolas privadas? Mas eu também disse que não é nossa culpa, é culpa dos nossos governantes, porque se eles faltaram fazer investimento na área de educação, pensar naquelas gerações vindouras, que vão tomar conta do país amanhã, para ajudar e dar conta recado, é porque eles falharam.

Professor PE6

Dados do professor(a) entrevistado(a):

Nomeação: **PE-6**

Gênero: M

Idade: 42

Nível acadêmico: Bacharelato

Formação acadêmica: Curso de professor de Ensino Básico

Nível que leciona: 1º a 6º ano

Tempo que lecionou: 14 anos

Disciplina que lecionou: Lecionei todas as disciplinas de ensino básico, mas depois de anos, já estou a dar somente matemática

Lugar e tempo que diplomou: Escola Superior de Educação - ESE, Unidade 17 de Fevereiro, no ano 2010

Parte-C

C.1- Qual a sua língua materna e como se relaciona com a língua portuguesa?

C-1 A minha língua materna é crioulo. O meu relacionamento com a língua portuguesa é na escola, quando estudava e no momento em que trabalhei como professor. A partir do primeiro ano, eu já estava a relacionar com a língua portuguesa, estávamos a relacionar com a língua portuguesa, mas relacionamos com a língua portuguesa simultaneamente, porque antigamente para ensinar diretamente a língua portuguesa é difícil, sempre é intercalado com o crioulo, principalmente para aqueles que estão nas aldeias, o professor explica em português e volta a explicar em crioulo.

C.2- Onde e quando aprendeu a língua portuguesa?

C2- Aprendi a língua portuguesa na escola, comecei a aprender a partir de primeira classe, na formação é que eu ganhei a experiência.

C.3- Quais outras línguas você fala e em que contextos as utiliza?

C3- Para além de português e crioulo, a outra língua que eu falo é francês, mas não tenho tanto domínio.

C.4- Você já teve a oportunidade de visitar Portugal? Se sim, como essa experiência influenciou a sua percepção da língua portuguesa?

C4- Sim, visitei Portugal. Essa experiência me fez perceber mais a língua portuguesa, a minha vinda aqui me fez perceber mais, porque há palavras que nós utilizamos na Guiné, pensamos

que é da mesma forma que tem significado aqui em Portugal, mas não é assim. As palavras que eu pensava que tinham significados tais, agora percebo o real significado.

C.5- Acredita que a proficiência em língua portuguesa afeta diretamente o desempenho acadêmico dos alunos? Porquê?

C5- No meu entender, a proficiência em língua portuguesa afeta diretamente o desempenho acadêmico dos alunos. Porque a língua portuguesa na Guiné é a nossa língua oficial, então, todos os alunos têm direito de perceber tão bem a língua portuguesa. Mas por natureza, às vezes os professores que saem de formação, nem todos saem bem. Há alguns que saem com dificuldade na língua, no momento de ensinar, ensinam mal. O ensinamento é na base, como no ensino básico, por exemplo se um professor acompanha um aluno desde o 1º ano até 4º ano, um professor tão experiente na transmissão em língua portuguesa, esse aluno, no 5º e 6º ano, vai ter mais percepção, a partir de 7º ano, ele já está bom, mas um professor que tem dificuldade, dificulta os alunos. Não é a língua que faz com que o aluno seja esperto, é a maneira de percepção, às vezes há professores que explicam até na língua étnica. Então por esta razão, um aluno que não sabe falar bem língua portuguesa, não significa que ele não adquira conhecimento, ele adquire, mas só que o seu educador é que não lhe consegue levar ao nível para que ele consegue realçar e falar também língua portuguesa.

C.6- Acredita que a proficiência em língua portuguesa afeta diretamente o profissional dos alunos? Porquê?

C6- Sim, a proficiência em língua portuguesa afeta diretamente o profissional dos alunos. Porque muitas das vezes, há aqueles alunos que estudam até 12º ano, concorrem para bolsas de estudo aqui em Portugal, chegam aqui, têm muita dificuldade para adaptar, porque aqui ninguém vai explicar em crioulo ou na língua étnica, terá que adquirir o português, caso contrário, vai ter problema. Quem tem a proficiência em língua, consegue ter destaque no seu trabalho.

C.7- Sendo professor de outra disciplina, como é que o domínio do português influencia o aluno na sua disciplina?

C7- Na minha disciplina o domínio do português pode influenciar os alunos, na medida que eu consigo fazê-los entender os assuntos tratados ao longo de período. Nas avaliações, os alunos que têm mais domínio da língua portuguesa, seus trabalhos ficam mais claro e mais fácil de corrigir, mesmo que eles não conseguem responder corretamente, mas o que eles vão escrever, dá para o professor entender as ideias deles, então isso, automaticamente ajudará o professor a saber qual é dificuldade do aluno e como é que ele pode ser ajudado e a correção fica mais fácil

quando o aluno estiver em condições de transmitir uma mensagem clara, a fim de poder ser avaliado.

C.8- Costuma chamar a atenção dos alunos para a importância do domínio do português para o sucesso na sua disciplina e na vida profissional?

C8- Sempre chamo a atenção dos alunos para a importância do domínio do português para o sucesso na minha disciplina e na vida profissional, porque eu mesmo na escola não costumo falar crioulo assim tanto, falo mais português para os alunos poderem habituar, eu lhes digo sempre falam, mal ou bem, é assim, sejam bem-vindos, vocês ainda são crianças, por demais que tentam falar, assim vão ganhar mais experiência.

C.9- Que exemplos concretos você pode compartilhar que demonstrem a relação entre o domínio da língua portuguesa e o sucesso profissional?

C9- O domínio da língua portuguesa, nós sabemos que é muito importante, porque você para ser um profissional de área, um professor, tem que dominar a língua portuguesa, porque nós sabemos que a língua portuguesa é a nossa língua de trabalho. Para ser um profissional, não pode dizer que não sabe falar português, como vai trabalhar? É difícil. Você vai ser um ministro, vai ser presidente, vai um secretário, um governante, não sabe falar português, não vale a pena, então como estudou?

C.10- Quais os principais desafios que os alunos enfrentam ao aprender português na sua experiência?

C10- Os principais desafios que os alunos enfrentam ao aprender português, na minha experiência, é que na Guiné isso também depende das escolas, por exemplo as escolas públicas em relação às escolas privadas. Nas escolas públicas, não sei se é falta de vontade dos professores que faz com que os alunos não conseguem dominar rapidamente a língua portuguesa, mas os alunos de escolas privadas, sempre falam mais português. Mas se por exemplo vamos analisar, aqueles professores que dão aulas nas escolas do Estado e aqueles que dão nas escolas privadas, todos são iguais. São aqueles professores do estado que vão trabalhar também nas escolas privadas, mas porque os alunos de escolas privadas aperfeiçoam a língua portuguesa mais rápido do que de escola do Estado? Porque na escola do Estado não há controlo, na escola privada, lá é controlável, lá um professor tem que entrar no tempo certo e sair, porque eles ganham por hora, lá o professor faz tudo na regra, mas na escola do Estado não, isso veio tudo do Estado. Os alunos das escolas privadas apresentam mais domínio da língua portuguesa do que os das escolas públicas, só que há alunos de escolas públicas que esforçam por si mesmo, até há aqueles que vão aulas de aperfeiçoamento de língua portuguesa

para poderem assimilar. Há pais que mandam seus filhos para outras aulas, para ganhar experiência.

C.11- Você observou alguma diferença no desempenho acadêmico entre alunos que dominam o português e aqueles que não dominam?

C11- Sempre há diferença entre aqueles que dominam e aqueles que não dominam, por exemplo os alunos das zonas rurais, e os alunos das cidades, têm muita diferença. Isso não significa que aqueles que estão nas cidades são mais espertos que os das zonas rurais, só que a diferença é que aqueles que estão nas cidades assimilam rapidamente a língua portuguesa em relação àqueles que estão nas zonas rurais, mas em termos de conhecimento já temos a diferença, notamos que aqueles que saem do interior, vão para cidades, são eles que empenham mais na escola, mesmo tendo dificuldade em falar língua portuguesa, mas eles que estudam mais. Por exemplo na mesma turma, independentemente das zonas rurais e urbanas, aqueles que não têm domínio da língua portuguesa, sempre que o professor lança alguma pergunta, mesmo que eles sabem, mas a maneira de formular resposta, acabam ficar calados, mas isso não significa que eles não sabem nada. Eu analisei aquilo e já sei, mas no momento de prática, você vai ver que aquele aluno que não estava a falar vai ter maior nota do que aquele que estava mostra que sabe. Porém aqueles que dominam, isso lhes facilita a compreender a matéria e a fazer uma boa produção escrita e tirar uma boa nota. Contudo naqueles que não têm domínio de língua há alunos excelentes.

C.12- Acredita que a presença do crioulo e outras línguas locais ajuda ou dificulta o aprendizado do português?

Justifica a sua resposta.

C12- Eu acredito que a presença do crioulo e as outras línguas locais não podem dificultar o aprendizado do português, porque o professor também não pode ficar somente a falar a língua portuguesa, porque há alunos que nem o crioulo sabem falar, então o professor de ensino básico tem por direito de fazer aquele aluno que não sabe nem falar crioulo, de tentar puxá-lo de língua étnica ou crioulo para o português. O professor não pode chegar e dizer que estes alunos não podem falar o português e ficar somente em português, português, nós no ensino básico, isso não é permitida, tem que usar aquelas línguas para que eles possam perceber também. Por isso o nosso ensino aqui na Guiné, antigamente como é que se faz, o professor acaba a formação, se dominar uma língua étnica, Estado vai lhe mandar para a região ou zona onde essa língua é falada, quer dizer você chega lá e não vai ter problema, já sabe quando aquela criança fala na sua língua, consegue acompanhar para lhe tirar da língua étnica para língua portuguesa, mas um professor que não sabe falar nem tão pouco a língua étnica vai ter problema.

C.13- Quais abordagens pedagógicas você considera mais eficazes para melhorar a proficiência em português?

C13- Muita das vezes o professor pode usar um método desde já que está a estimular a língua portuguesa, dizer que na sala de aula, ninguém deve falar em crioulo, só em português, quem falar crioulo, vai levar uma coima, então dali, você nota, mal sair na turma, os alunos começam a falar outras línguas. Isso acontece conosco no internato, quem falar crioulo, colocam lhe o esqueleto de cabeça de boi no pescoço, até quando ouvir outra pessoa a falar crioulo, você tira e coloca também no seu pescoço, é assim que se faz, logo de lá ninguém tem ousadia de falar crioulo. Por exemplo o método interrogativo e o método expositivo, diálogo, você formula uma coisa no quadro, manda dois alunos, eles vão ler lá e interagirem, aquilo já é bom, o aluno fica com aquilo na cabeça, quando chega em casa, fica na cabeça, no outro dia, ele já tem experiência mais.

C.14- Você recebeu formação específica sobre como ensinar a língua portuguesa? Se sim, como essa formação influenciou sua prática docente?

C14- Eu recebi formação específica para ensinar a língua portuguesa, mas é no ensino básico. Essa formação influenciou muito, porque na maneira de desenvolver a língua portuguesa para os alunos, por exemplo de 1º ano, é muito difícil, mas pela a prática que nós adquirimos, nos mostra de que para ensinar uma criança ainda de 1º ano, principalmente nas zonas rurais, você não pode chegar somente só com português, nunca. Tem que resgatar ainda aquelas crianças, depois já começa a segurar pouco a pouco língua portuguesa.

C.15- Se é professor de Português, para além dos alunos, se costuma sensibilizar os colegas para o domínio /correção da LP também nas suas disciplinas?

Quais são as reações?

C15- Muitas das vezes, por exemplo na escola que eu lecionava, nós enfrentamos muitas dificuldades sobre a língua portuguesa. Eu quase trabalhei com professoras, porque muitas das professoras às vezes saem mal, mesmo para escrever no quadro, às vezes escrevem mal, logo os alunos vão assimilar mal. Eu às vezes passo na sala, quando vejo aquela situação, chamo a professora, digo: aquela palavra não se escreve assim, tem que mudar aquela palavra, porque os alunos vão recebe-la assim e levar para casa e os pais vão olhar. O professor sempre sabe como desembaraçar, diz: eu escrevi assim talvez o aluno escreveu de outra forma. Nas suas reações, há aqueles que ficam mal, mas há aqueles que são curiosos, que sabem que o conhecimento nunca é de mais.

C.16- Se ensina outras disciplinas, também costuma corrigir o português em suas aulas? Acredita que essa correção é necessária?

C16- Claro, o que eu mais corrijo é o português. Essa correção é necessária porque eu quero que os alunos aprendem bem, não quero que aprendem mal.

C.17- Você percebe diferenças na importância atribuída à língua portuguesa entre professores de diferentes níveis de ensino (básico, secundário e superior)? Se sim, quais são estas diferenças?

C17- Eu percebo as diferenças atribuída à importância da língua portuguesa entre professores de diferentes níveis acadêmicos, básico, secundário e superior. Isso é camada, por exemplo, os professores de ensino básico, usam português menos, os de ensino secundário, são superiores a usar e os de ensino já superior, eles mais usam, é assim, camada, camada. O que motiva essas diferenças é porque no ensino básico, normalmente, a educação da língua portuguesa não é diretamente 100% lá, o aluno adquire por exemplo 40%, chega no ensino secundário, adquire 60, 70%, logo no ensino superior que ele já prepara para os 100%, sempre é assim.

C.18- Há algo mais que gostaria de acrescentar sobre o tema da língua portuguesa e seu impacto no sucesso acadêmico e profissional dos estudantes?

C18- Eu, no meu caso, a língua portuguesa é a nossa língua de trabalho, eu mesmo estava a pensar em fazer a língua portuguesa no Camões, porque se notarmos na Guiné, os professores que estão a sair atualmente na formação, têm dificuldade imensamente na saída de escola de formação. Maioria tem dificuldade na língua portuguesa.

Professor PE7

Dados do professor(a) entrevistado(a):

Nomeação: **PE-7**

Género: M

Idade: 34

Nível académico: Bacharelato em Língua Francesa e Licenciatura em Relações Humanas e Comunicação Organizacional

Formação académica: Língua Francesa

Nível que leciona: 7º a 12º ano

Tempo que lecionou: 3 anos

Disciplina que lecionou: Língua Francesa e Educação Inclusiva

Lugar e tempo que diplomou: Escola Superior de Educação - ESE, Unidade Tchico Té, no ano 2017

Parte-C

C.1- Qual a sua língua materna e como se relaciona com a língua portuguesa?

C1- A minha língua materna é o crioulo. A minha relação com a língua portuguesa é uma relação mais formal, uma relação académica e uma relação institucional de trabalho.

C.2- Onde e quando aprendeu a língua portuguesa?

C2- Eu aprendi a língua portuguesa na escola, quando eu comecei a estudar primeira classe, até ensino superior.

C.3- Quais outras línguas você fala e em que contextos as utiliza?

C3- As outras línguas que eu falo são: crioulo, francês, mandinga e biafada. Falando de contexto, eu uso a língua francesa no contexto académico também ou não académico, mas falando com os estrangeiros, sobre tudo da zona do Senegal, da Guiné Conacri, os países com quem temos fronteiras. As línguas étnicas, obviamente com os familiares, amigos e as pessoas mais próximas de mim. O crioulo, num contexto do dia a dia, como uma língua corrente na Guiné-Bissau, uma língua que se fala mais, portanto sendo língua de contato, é obviamente a língua que eu mais uso no meu dia a dia na Guiné-Bissau.

C.4- Você já teve a oportunidade de visitar Portugal? Se sim, como essa experiência influenciou a sua percepção da língua portuguesa?

C4- Sim, desde 2019 é que eu conheci Portugal, com o objetivo de estudar, há cinco anos para já. Essa experiência influenciou positivamente a minha forma de falar a língua portuguesa, aquilo que dizemos banho linguístico, porque na Guiné-Bissau eu falava português no contexto

mais formal que é na escola e no trabalho, e agora cá em Portugal, eu uso língua portuguesa no meu dia a dia, todo mundo fala português, quer no trabalho, quer no metro, no comboio, na camioneta e em todas as circunstâncias sou obrigado mesmo a falar a língua portuguesa, o que influenciou positivamente a minha forma de falar, porque lá atrás, na Guiné-Bissau, eu falava português, mas ouvi aqui alguma melhoria, eu considero que na Guiné-Bissau eu falava português, mas também usava muitas expressões que hoje, no contexto mais avançado, estão em desuso e acabei por reparar aquilo aqui em Portugal. Portanto, ao nível da evolução, eu senti que evolui bastante. Essa transição da Guiné para cá, ajudou bastante na minha forma de falar e perceber português.

C.5- Acredita que a proficiência em língua portuguesa afeta diretamente o desempenho académico dos alunos? Porquê?

C5- Acredito que sim, a proficiência em língua portuguesa afeta o desempenho académico do aluno, porque a base para nós aprendermos alguma coisa ou qualquer coisa, é a língua. Sendo que, por exemplo, na Guiné-Bissau a língua portuguesa é a língua oficial e a língua ensinada na escola, é o meio através do qual nós falamos e transmitimos o conhecimento, e a proficiência dessa língua obviamente vai ajudar exatamente a compreensão e conseqüentemente o sucesso do aluno.

C.6- Acredita que a proficiência em língua portuguesa afeta diretamente o profissional dos alunos? Porquê?

C6- Sim, acredito que a proficiência em língua portuguesa pode afetar o profissional do aluno, o aluno que tem uma facilidade em compreender, escrever, falar e compreender a língua portuguesa, de certeza que pode ter alguma vantagem sobre aquele outro que infelizmente não tem essa capacidade, isso vai refletir mesmo nas suas notas e no seu próprio desenvolvimento académico neste caso. Imagine alguém que tem a proficiência, tem domínio em língua portuguesa, e por exemplo trabalha na área de vendas, obviamente ele comunica bem, quando redige o email, evitando os erros que se deve evitar, portanto, ele vai conseguir relacionar melhor com os clientes e vai conseguir vender mais, portanto, essa proficiência, esse domínio, ajuda muito, sobretudo na área de comunicação, na área de vendas, na área de jornalismo, na área de direito e na área de ciência no seu todo, área do professorado também, o professor, por exemplo, que não tem domínio em língua portuguesa, acaba por estar a transmitir matéria de forma confusa aos alunos, se o professor não consegue, por exemplo decifrar as coisas, muito menos os alunos.

C.7- Sendo professor de outra disciplina, como é que o domínio do português influencia o aluno na sua disciplina?

C7- Eu acho que o domínio da língua portuguesa influencia bastante, porque a língua portuguesa sendo uma língua estruturada, a língua organizada, uma língua que é o veículo de transmitir o conhecimento na Guiné-Bissau, se um aluno tiver base sólida em língua portuguesa, ele é capaz exatamente de compreender também, por exemplo, a outra língua que é por exemplo francês, que é a língua que eu dou. O aluno que conhece as regras na língua portuguesa, ele vai tomar sempre atenção e vai sempre servir-lhe como um guião oculto, quem não tiver isso, vai exatamente cometer asneiras, é como eu digo, as línguas não são ilhas, o erro que se comete numa língua pode afetar outra língua, imagine que o aluno não tem base lexical em língua portuguesa, não conhece muito bem as regras, muito menos em francês, aqueles erros que comete com frequência na língua portuguesa, quando é para aprender também a língua francesa, vai estar a repetir os mesmos erros e se for no caso inverso, se tiver domínio e obviamente que vai lhe servir como uma base, como uma orientação, para poder exatamente compreender corretamente outra língua, então, neste caso, influencia exatamente na aprendizagem da língua francesa.

C.8- Costuma chamar a atenção dos alunos para a importância do domínio do português para o sucesso na sua disciplina e na vida profissional?

C8- Sim, eu costumo chamar sempre atenção aos meus alunos, que façam o máximo esforço para ter domínio da língua portuguesa, porque ter domínio da língua portuguesa, isso vai lhes ajudar exatamente a eliminar muitas barreiras no processo de aprendizagem. Por isso eu incentivo mesmo os meus alunos que façam questão de ter um empenho no sentido de poderem ter domínio em língua portuguesa, porque vai sempre guiar, vai sempre ajudar.

C.9- Que exemplos concretos você pode compartilhar que demonstrem a relação entre o domínio da língua portuguesa e o sucesso profissional?

C9- Há áreas específicas que eu quero ressaltar aqui, que é área de jornalismo, área de direito, área de venda de marketing, essas áreas são interessantes. Uma pessoa, por exemplo, que não tem o domínio em língua portuguesa, nós estamos num país que tem o português como língua oficial, onde todo mundo fala o português, onde a língua da comunicação é a língua portuguesa. Uma pessoa com domínio em língua portuguesa, na área de venda, por exemplo, ela é capaz de reter mais clientes, é capaz de atrair mais clientes, uma vez que ela fala numa forma assertiva, evita os erros, a pessoa, quando é por exemplo, uma feira, um encontro com o seu público alvo, exatamente a comunicação aqui, é extremamente importante, quanto mais assertiva for, quanto mais clara for, quanto mais objetiva for, ela é capaz de catapultar a sua empresa e

consequentemente dar boas receitas para a empresa, o que também pode culminar aqui com a própria exceção da pessoa, porque a empresa vai ver que é uma pessoa competente, comunica muito bem, é capaz de reter muitos clientes, portanto, ela merece uma promoção, um reconhecimento e pode ser tirado de um lugar para o outro, portanto é uma importância enorme profissionalmente.

C.10- Quais os principais desafios que os alunos enfrentam ao aprender português na sua experiência?

C10- Na minha experiência, os principais desafios que eu considero que os alunos enfrentam, é que na Guiné-Bissau, o nosso dia a dia, não é português. Há pouco contato com a língua portuguesa, por exemplo na minha casa, há dias que nós falamos só mandinga, o dialeto da minha mãe e no dia seguinte, é só biafada, o dialeto do meu pai e, na rua, no mercado, em todos os sítios, à nível nacional, fala-se mais crioulo e a gente vai só falar português, quando estiver na escola, é também dito que é obrigatório falar português na escola, mas como a gente já está muito habituado a falar em casa, nos contextos informais em casa e onde passamos mais tempo da nossa vida, acaba por criar aqui alguma barreira em termos de aprendizagem na língua portuguesa. Se fosse o contrário, se a gente falasse português em casa, português no mercado, português no futebol, português em tudo que fazemos, obviamente que seria mais fácil a pessoa ter domínio, mas lá está, há pouco contato com a língua portuguesa e esses dialetos e língua crioula, acaba aqui por criar alguma resistência na pessoa para o seu processo de aprendizagem da língua portuguesa.

C.11- Você observou alguma diferença no desempenho acadêmico entre alunos que dominam o português e aqueles que não dominam?

C11- Sim, isso nota-se no sucesso acadêmico, imagine que a língua portuguesa é base, base daquilo que a matéria, o conhecimento que a gente está a partilhar, a transmitir, o aluno que melhor percebe o português, tem menos barreira e é capaz de ter bons resultados em relação ao aluno que infelizmente não tem e isso vai influenciar a própria vontade, o próprio interesse do aluno no processo de aprendizagem. Uma pessoa que realmente tem dificuldade em perceber a língua portuguesa, ela tem pouca motivação e terá sempre consequências de ter notas negativas e não ter sucesso acadêmico e aquele que tem domínio, está mais motivado, porque ouve, lê, compreende e responde corretamente.

C.12- Acredita que a presença do crioulo e outras línguas locais ajuda ou dificulta o aprendizado do português?

Justifica a sua resposta.

C12- Eu acho que a presença do crioulo e outras línguas locais dificulta aprendizado do português, porque as pessoas estão mais ligadas àquelas línguas e quando é para aprender a língua portuguesa, há sempre aquela resistência natural e, por esses dialetos e línguas, não serem línguas bem estruturadas, com as regras gramaticais, todas bem definidas, acaba aqui por criar, de uma certa forma, alguma barreira.

C.13- Quais abordagens pedagógicas você considera mais eficazes para melhorar a proficiência em português?

C13- As abordagens pedagógicas mais eficazes para melhorar a proficiência em português, no contexto guineense, para mim, tem que ser materiais didáticos suficientes em quantidade e qualidade, revisão curricular e formação contínua dos professores, reciclagem constante dos professores, porque realmente, às vezes, vê-se mesmo as pessoas com formação em língua portuguesa, por exemplo, mas os próprios professores acabam por sair com algumas lacunas, algumas deficiências na própria língua, porque ele lá na base, não tinha também condições necessárias para poder ter o melhor domínio de língua. Se o professor tiver essas lacunas, de certeza que não faz milagre em relação aos seus alunos, isso vai também, de uma certa forma afetar os próprios alunos. Portanto, os materiais didáticos em quantidade e qualidade, a formação contínua dos professores, as reciclagens constante dos professores, revisão curricular, obviamente, para a língua poder assumir o seu lugar próprio. Um dos métodos pedagógicos é mesmo motivar os alunos, criar condições pedagógicas de os alunos terem hábito de comunicar em língua portuguesa no recinto escolar, no contexto informal em casa, no seu dia a dia, estimular os alunos no recinto escolar, educando os alunos com essa mentalidade, desde base, eu acho que a forma mais eficaz é mesmo implementar essa prática constante, porque a língua só se desenvolve praticando-a, quanto mais prática, incentivar essa prática pedagogicamente na língua para poder tomar o seu lugar.

C.14- Você recebeu formação específica sobre como ensinar a língua portuguesa? Se sim, como essa formação influenciou sua prática docente?

C14- Eu não recebi a formação específica em como ensinar a língua portuguesa.

C.15- Se é professor de Português, para além dos alunos, se costuma sensibilizar os colegas para o domínio /correção da LP também nas suas disciplinas?

Quais são as reações?

C15- Apesar de não ser o professor da língua portuguesa, sempre da língua francesa, mas eu incentivo, motivo sempre os alunos para aprenderem a língua portuguesa, para terem domínio da língua portuguesa, porque vai fazer toda a diferença na sua vida enquanto estudante e

consequentemente amanhã, para o mercado de trabalho. Não só para os alunos, mas também chamo atenção aos colegas professores, duma forma direta ou indiretamente, na importância da língua portuguesa e sempre procurarmos estar ao nível de acompanhar essa evolução. Os professores são espelhos dos alunos, para isso, eu chamo atenção aos professores, nós somos o espelho dos alunos, nós somos o modelo para os alunos seguirem, temos que transmitir uma boa imagem temos que esforçar e trazer as coisas que importam, fazer as coisas como deve ser. Se o professor fala mal o português, nem dá vontade para os alunos nas aulas. As reações dos colegas professores sempre foram positivas, eles reconhecem que é verdade e partilhamos a mesma ideia.

C.16- Se ensina outras disciplinas, também costuma corrigir o português em suas aulas? Acredita que essa correção é necessária?

C16- Sempre que ensino francês, eu costumo corrigir o português dos outros colegas, isso virou uma piada nas minhas turmas, o aluno fala mal o português, imagine que eu dou aulas do francês e não tem nada a ver com o português, mas quando um aluno fala mal o português, torna-se uma piada em toda sala, em toda turma, o que gera curiosidade doutro aprender a língua portuguesa, para quando falar, que fale bem. Acredito que essa correção é necessária, porque a língua portuguesa é a nossa base e se nós tivermos uma boa base, de certeza que, tudo que vem depois vai se orientar através daquela base que temos, caso contrário, não funciona.

C.17- Você percebe diferenças na importância atribuída à língua portuguesa entre professores de diferentes níveis de ensino (básico, secundário e superior)? Se sim, quais são estas diferenças?

C17- Sim, na Guiné-Bissau, os professores, apesar de toda a deficiência do sistema de ensino do país, mas os professores do ensino básico dão mais ênfase a importância da língua portuguesa. A seguir do ensino básico, é o ensino secundário, já no ensino superior, dependendo da área de formação, mas há mais rigorosidade no ensino básico e secundário, já no ensino superior, não há tanta rigorosidade, a pessoa já se passou pelo ensino básico, já se passou pelo ensino secundário, se tiver aí outros defeitos, esse defeito não é muito perseguido já no ensino superior, mas a ênfase é mais no ensino básico e secundário. Quer dizer que essa rigorosidade é regressiva em termos do níveis.

C.18- Há algo mais que gostaria de acrescentar sobre o tema da língua portuguesa e seu impacto no sucesso académico e profissional dos estudantes?

C18- A língua portuguesa é uma língua muito importante, uma língua em constante evolução, uma língua em constante crescimento pelo mundo, daí há necessidade de aprendermos bem a língua portuguesa para os desafios do futuro, tanto desafios académicos, desafios profissionais, a língua portuguesa tem o seu lugar no mundo, portanto, eu incentivo e motivo as pessoas no

sentido de aprofundar a língua portuguesa, mas sobre tudo nós que somos dos PALOP, países que falam a língua portuguesa, nós que somos de CPLP, a língua portuguesa é nossa, é nosso património comum, por isso eu incentivo e sempre a sua aprendizagem.

Professor PE8

Dados do professor(a) entrevistado(a):

Nomeação: **PE-8**

Género: M

Idade: 38

Nível académico: Licenciatura

Formação académica: Pedagogia Social

Nível que leciona: Ensino superior

Tempo que lecionou: 6 anos

Disciplina que lecionou: Pedagogia e Sociologia

Lugar e tempo que diplomou: Universidade Estatal Ariol, na República Federal Russa em 2014

Parte-C

C.1- Qual a sua língua materna e como se relaciona com a língua portuguesa?

C1- A minha língua materna é crioula. A língua portuguesa, sendo a nossa língua oficial, é a língua que nós aprendemos na escola e entretanto, no ensino básico até ensino médio, ensino superior, quando nós lecionamos, lecionamos na língua portuguesa. Na Guiné a minha relação com a língua portuguesa é mais na escola e no trabalho.

C.2- Onde e quando aprendeu a língua portuguesa?

C2- Eu posso dizer que comecei a aprender a língua portuguesa desde o jardim de infância, em Bafatá, Guiné-Bissau.

C.3- Quais outras línguas você fala e em que contextos as utiliza?

C3- Além do português, falo francês um bocadinho, porque, normalmente quando chegamos à 5ª classe ou 6ª classe, aparecem as opções de línguas extras que são inglês ou francês, mas eu sempre escolhi o francês, depois também falo a língua russa, num contexto de estudante que foi para a Rússia fazer a licenciatura.

C.4- Você já teve a oportunidade de visitar Portugal? Se sim, como essa experiência influenciou a sua percepção da língua portuguesa?

C4- Sim, em 2012 estive cá de férias, durante três meses e agora vivo cá, há três anos. Essa experiência ajudou-me bastante, porque uma coisa é nós aprendermos na escola, outra coisa é estarmos num país onde esta língua se fala, há sempre possibilidade de nós aperfeiçoarmos, falarmos com mais frequência a língua portuguesa. Sabemos que a Guiné-Bissau é um país que tem como língua oficial português, mas entretanto, maioria das pessoas falam a língua crioula

ou a língua étnica. Então, já há três anos que me encontro cá, falo com mais frequência a língua portuguesa, no trabalho, na rua, propriamente em casa com os meus filhos, a minha família e tudo e também na universidade falo com mais frequência, com os meus professores, colegas. Essa experiência influenciou muito a minha percepção da língua portuguesa.

C.5- Acredita que a proficiência em língua portuguesa afeta diretamente o desempenho académico dos alunos? Porquê?

C5- Eu acredito que a proficiência em língua portuguesa afeta diretamente o desempenho académico dos alunos, porque a partir do momento que nós conseguirmos aperfeiçoar, isso dá-nos a possibilidade de nos entendermos melhor a leitura, na nossa interação com os professores, com os colegas.

C.6- Acredita que a proficiência em língua portuguesa afeta diretamente o profissional dos alunos? Porquê?

C6- Eu acredito que a proficiência em língua portuguesa afeta diretamente o profissional dos alunos, sim, porque fazemos a comparação, por exemplo, a Guiné-Bissau é um país onde se fala menos a língua portuguesa e isso tem uma influência, pronto, negativa, quando nós nos encontramos na escola, tanto na Guiné, como aqui em Portugal, de modo que quando nós falamos com muita frequência, tanto na escola como propriamente na nossa profissão, temos a probabilidade de nos conseguirmos ter mais sucessos do que propriamente quando temos dificuldades ou quando não falamos muito, então em termos profissionais, é sempre uma vantagem quando falamos muito, quando percebemos muito bem e quando estamos aperfeiçoar, é sempre uma vantagem.

C.7- Sendo professor de outra disciplina, como é que o domínio do português influencia o aluno na sua disciplina?

C7- O domínio o português é essencialmente porque quando se trata de transmissão do conhecimento na língua oficial que é a língua portuguesa, nós encontramos vários estudantes que têm grandes dificuldades que provêm de ensino básico, do liceu e entretanto, nós sendo professores de ensino universitário, temos essa dificuldade, ainda por cima eu não sou professor de português, isso influencia muito quando nós explicamos as matérias. Quando o aluno não percebe, é muito difícil, imagina, eu não sou professor de português, às vezes, fui obrigado, na altura, a interpretar certas palavras, quando não tinha que a fazer, porque eu não sou professor de português, eu tinha obrigação ou seja o meu dever era só explicar os apontamentos, explicar as matérias e por parte dos alunos, era simplesmente prestar atenção e compreender, mas sendo um professor quando, às vezes, utilizamos algumas palavras científicas, que é palavra

portuguesa, os alunos não compreendem, somos obrigados a explicar ou seja interpretar as palavras, independentemente dos conteúdos que nós damos, e isso tem muita influência, quando o aluno não percebe, efetivamente é muito difícil transmitir aquilo que nós pretendemos em relação aos conteúdos propriamente.

C.8- Costuma chamar a atenção dos alunos para a importância do domínio do português para o sucesso na sua disciplina e na vida profissional?

C8- Eu costuma chamar a atenção dos alunos para a importância do domínio do português para sucesso na minha disciplina e na vida profissional, porque nós, imagina uma coisa é lecionar pedagogia, outra coisa, quando leciona, não consegue fazer passar a mensagem, porque os alunos não compreendem e nós acabamos às vezes, por desviar daquilo que é essencial, que é a pedagogia, entrarmos propriamente no aperfeiçoamento da língua portuguesa, porque leciona uma coisa, outra coisa, é que os alunos não percebem o que você leciona, então você é obrigado a explicar e acima de tudo, a mostrar aos alunos que é muito importante lerem e perceberem o português, porque só assim conseguem perceber e interpretar aquilo que o professor diz e aquilo que também têm nos fascículos, livros. Caso contrário, terão dificuldades de compreender aquilo que estão a explorar, tanto na escola como fora do recinto escolar, quando se trata já da leitura. Pode sair muito bem na formação, mas quando tem a dificuldade de aplicar esses conteúdos, é uma deficiência que nós encontramos dos professores, influencia muito.

C.9- Que exemplos concretos você pode compartilhar que demonstrem a relação entre o domínio da língua portuguesa e o sucesso profissional?

C9- Temos muitos estudantes que têm habilidades, naturalmente que são dotados de conhecimento, que percebem muita coisa, por exemplo na Tchico Té, quando eu dava aulas, os alunos que faziam língua portuguesa, tanto de licenciatura, como de bacharelato, eram os alunos que tinham mais bagagens para terem sucesso em relação a sua profissão, conseguem ter mais sucesso, porque têm domínio da língua portuguesa. Em relação aos que faziam outros cursos, por exemplo a matemática, a física, esses normalmente tinham domínio dos conteúdos, mas em relação a língua portuguesa, tinham grandes dificuldades na sua aplicabilidade em termos profissionais. Então aqui há muita diferença entre os que faziam a língua portuguesa, esses pareciam ter mais bagagens que os outros, mas se formos verificar bem, não é assim.

C.10- Quais os principais desafios que os alunos enfrentam ao aprender português na sua experiência?

C10- O grande desafio, sendo um professor universitário, eu acho que começa no ensino básico, os alunos chegam ensino superior, Escola Normal Superior Tchico Té, chegam com grandes dificuldades e o grande desafio é que têm dificuldades em compreender quando o professor

fala. O aluno que está no ensino superior, que tem essas dificuldades, naturalmente que terá dificuldades em compreender os conteúdos e os desafios aqui são em termos da literatura, em termos de leitura, em termos de compreensão escrita, em termos de compreensão dos textos, caso contrário, terá dificuldades em compreender qualquer que seja o contexto de aprendizagem.

C.11- Você observou alguma diferença no desempenho acadêmico entre alunos que dominam o português e aqueles que não dominam?

C11- Exatamente, nas turmas que eu tinha, os alunos da especialidade da língua portuguesa, tinham mais vantagens, eram mais bem sucedidos em relação às outras especialidades, porque, eu não sei se foram lá inscrever, os alunos que tinham habilidades, mas o que eu vi, o que eu convivi e experienciei com esses estudantes, normalmente os alunos que faziam língua portuguesa, tinham mais probabilidade de terem sucesso, porque tinham aquela capacidade de expressar, pelo menos na disciplina que eu lecionava, que é Pedagogia, eu notava essa diferença. Os alunos da língua portuguesa tinham mais bagagens de expressar, explicar, de contextualizar, de decifrar as questões em relação às outras especialidades. Portanto, tinham mais possibilidades em relação aos outros que tinham grandes dificuldades de expressar a língua portuguesa.

C.12- Acredita que a presença do crioulo e outras línguas locais ajuda ou dificulta o aprendizado do português?

Justifica a sua resposta.

C12- Eu, na minha opinião, acredito que a presença do crioulo e outras línguas locais dificulta o aprendizado do português. Infelizmente a língua crioula, que é a língua materna de maioria dos guineenses, dificulta porque é uma língua proveniente do português, há muitas semelhanças, de modo que há muitos estudantes que às vezes, fazem a tradução direta ou transcrição direta do português ao crioulo, isso dificulta muitas das vezes e nós, comparando com as outras línguas, por exemplo, que é a língua inglesa ou francesa, normalmente, os alunos percebem mais com a gramática e tudo em relação à língua portuguesa, porque se calhar fazem a tradução direta do crioulo para português e isso acaba por trazer algumas dificuldades, porquê? porque não se pode fazer a tradução direta entre umas línguas que têm semelhanças, mas que entretanto, não são iguais, essa é a questão. Normalmente, as outras línguas locais, com a língua portuguesa, não há possibilidade dessa tradução direta, como é o caso também de inglês e francês. Mas se nós formos ver profundamente, quando a pessoa tem domínio na gramática portuguesa, facilmente consegue perceber as outras línguas, só que a língua crioula, não é uma língua assim oficializada em relação à gramática explícita, as pessoas falam, cada um fala, não

se pode corrigir, não se pode dizer que, este aqui é assim corretamente ou não, como a língua portuguesa que tem a gramática explícita e tudo ou as outras línguas. De modo que não se pode fazer a tradução direta, quando faz a tradução direta, comete esses erros.

C.13- Quais abordagens pedagógicas você considera mais eficazes para melhorar a proficiência em português?

C13- A abordagem pedagógica é aquilo que nós tentamos fazer, mas que na prática, muitas das vezes, não resulta, porque o aluno na Guiné, é muito dependente ao professor, o aluno não é considerado como um ser ativo na sala, em que o professor cria condições para o desenvolvimento pessoal do próprio aluno, para que o aluno vá pesquisar por si, conheça as coisas por si. Quer dizer, há muita intervenção por parte do professor, o aluno depende fundamentalmente daquilo que o professor faz, de modo que, sendo assim, o aluno não consegue procurar as coisas por si, não consegue aperfeiçoar, tem dificuldade e continua com essas dificuldades, porque depende de figura central, que é a figura de professor.

C.14- Você recebeu formação específica sobre como ensinar a língua portuguesa? Se sim, como essa formação influenciou sua prática docente?

C14- Não recebi a formação específica sobre como ensinar a língua portuguesa, eu sendo um estudante que estudou na Rússia, eu estudei na língua russa, neste contexto, especificamente, não recebi nenhuma reciclagem, nem nada, eu fui obrigado a esforçar-me a dar aula em língua portuguesa, não há nenhuma formação, nem nada em relação a isto.

C.15- Se é professor de Português, para além dos alunos, se costuma sensibilizar os colegas para o domínio /correção da LP também nas suas disciplinas?

Quais são as reações?

C15- Eu digo que não sensibilizo os colegas para o domínio ou correção da língua portuguesa também nas suas disciplinas, porque faço parte de um departamento que é das disciplinas transversais e como não sou o responsável deste departamento. Então, pronto, eu sei que surgiram várias situações destas, muitas pessoas sugeriram, sobretudo, os professores de língua portuguesa, que os professores das outras disciplinas corrigissem mais as provas, que corrigissem mais a gramática, mas entretanto, não há nada, eu simplesmente não me envolvi nada. Sendo um professor, corrigia muito essas questões da língua portuguesa, mas entretanto, nunca dei um passo, nunca assumi assim de forma clara, que pronto, pretendia em relação a isto, que os professores das disciplinas transversais, que não são da língua portuguesa a fizessem.

C.16- Se ensina outras disciplinas, também costuma corrigir o português em suas aulas? Acredita que essa correção é necessária?

C16- Exatamente, eu corrijo tanto dentro da sala, quando interajo com os meus estudantes, assim também quando corrijo as provas, corrijo a gramática. Eu corrijo tudo, porque como eu disse, os alunos vêm de liceu, têm dificuldades e que nós notamos, porque só os professores da língua portuguesa não são suficientes, entretanto, nós que damos outras disciplinas, que são disciplinas transversais, quando nós corrigirmos, isso faz com que o aluno, da próxima vez que vai escrever, faz a correção daquilo que ele propriamente errou em termos da escrita no exame. Eu acredito que essa correção é necessária sim, porque como eu disse, no meu país, há muita deficiência em relação à língua portuguesa que faz com que, só um professor, não consegue no ensino superior, porque os alunos já vêm com essas deficiências do liceu e isso faz com que nós das disciplinas transversais, que não são disciplinas da língua portuguesa, possamos ajudar nesse sentido, porque uma coisa é quando um aluno escreve uma resposta de uma pergunta, nós vamos ler, não somos professores da língua portuguesa, mas vamos ler e, a medida que vamos lendo, eu pelo menos, particularmente, a medida que vou lendo, quando encontro alguns erros ortográficos, sobretudo graves, eu faço a correção, porque o aluno tem dificuldade em língua portuguesa, tem dificuldade em expressar os conteúdos de qualquer que seja a disciplina.

C.17- Você percebe diferenças na importância atribuída à língua portuguesa entre professores de diferentes níveis de ensino (básico, secundário e superior)? Se sim, quais são estas diferenças?

C17- Sim, percebe-se diferença, eu sendo um professor de ensino superior, eu vejo que muitos alunos vêm de ensino básico até liceu, com muitas dificuldades, porque se nós formos ver na Guiné, tem Tchico Té, forma os alunos que vão para o liceu e tem outra escola que forma as pessoas que vão dar a partir de 5ª e 6ª classe, então, normalmente, pelo menos aquilo que eu sei, quando estava na Guiné, havia muita deficiência dos professores que ensinavam nessas escolas, que ensinavam os supostos professores, que ao saírem de lá, que iam dar aulas na 5ª e 6ª classe e isso, normalmente, influenciava muito em relação à transmissão do conhecimento a esses professores. Eu acho que os professores de ensino básico até podem atribuir a importância à língua portuguesa, mas têm dificuldades, tendo dificuldades, vão ter dificuldades também em transmitir os alunos as matérias. Uma coisa é eles perceberem que é muito importante trabalharem para a preparação dos alunos, porque é a base dos estudos, ensino básico, porque começam a preparação dos alunos, outra coisa é a pessoa conseguir transmitir aquilo que sente, aquilo que acha que é importante para que o aluno possa seguir em frente com um nível muito elevado, para que o aluno possa estar preparado para dar entrada ao liceu e posteriormente ao ensino superior. As pessoas que vão lá, vão com dificuldades. Percebem que é muito importante

transmitir em língua portuguesa, outra coisa é a limitação da própria língua. Se têm limitações, têm dificuldades também propriamente em transmitir a língua portuguesa e efetivamente ajudar aos alunos perceberem e estarem preparados para darem entrada no nível seguinte. Os professores do ensino secundário e superior, também há muitas dificuldades, porque é o nosso sistema, porque nem todos sempre têm possibilidades de virem cá em Portugal, nem todos têm possibilidades de irem para outros sítios, para poderem aprender efetivamente a língua portuguesa. Muitos professores, são professores produzidos mesmo no nosso sistema de ensino e é um sistema que carece da proficiência da língua portuguesa, é um sistema que tem muitas dificuldades, muita deficiência em relação à formação dos professores que efetivamente vão preparar os alunos e quando o sistema tem essas dificuldades, automaticamente que produz os professores que possivelmente vão ter dificuldades. Então isso afeta acima de tudo, ensino superior. Verifica-se que alguns professores do ensino superior têm dificuldades, especificamente na língua portuguesa. Uma coisa é compreender o conteúdo, outra coisa é ter a dificuldade em relação a transmissão de conhecimentos, aplicando a língua portuguesa. Tanto os professores do ensino básico, secundário e superior, ambos os três, apresentam uma certa dificuldade, uma certa deficiência em língua portuguesa, porque é o próprio sistema que forma as pessoas e o sistema que forma essas pessoas, tem deficiência no que diz respeito à língua portuguesa e são os mesmos que depois, posteriormente vão formar os outros. Com essas dificuldades, um professor que é formado no sistema, que tem dificuldade, automaticamente que terá deficiência para passar aquilo que é essencial na língua portuguesa, aos outros estudantes.

C.18- Há algo mais que gostaria de acrescentar sobre o tema da língua portuguesa e seu impacto no sucesso académico e profissional dos estudantes?

C18- Eu penso que a língua portuguesa, todos nós aceitamos que é a nossa língua oficial. Ultimamente tem havido muito fluxo de estudantes guineenses para cá em Portugal. Eu pelo menos aquilo que eu verifiquei, uma das grandes dificuldades da integração dos estudantes, é a língua portuguesa, então a Guiné-Bissau tem que, nesse aspeto aqui, tentar aperfeiçoar, ajudar a formar os estudantes, não só em relação aos conteúdos, mas acima de tudo, da língua portuguesa, porque independentemente de virem cá estudar e de passar essas dificuldades, em termos profissionais na Guiné, se nós não formarmos essas pessoas que futuramente, depois da formação, terão essas bagagens para poderem enfrentar seu futuro profissional, terão dificuldades. Mas eu penso que a questão da Guiné, essas dificuldades, de aprender a língua portuguesa, são provenientes da questão cultural, porque pronto, em relação aos outros países, nós falamos frequentemente mais em nossa língua materna ou língua crioula, isso acaba por

afetar a aprendizagem dos estudantes na língua portuguesa. Eu penso que o Estado, nesse aspeto, tem que, acima de tudo, fazer um estudo profundo para compreender as deficiências e efetivamente procurar encontrar as soluções para mitigar esse problema, porque caso contrário, em termos profissionais, na Guiné, tanto aqui, os estudantes que vêm para cá, terão grandes dificuldades em relação ao ensino superior aqui em Portugal.

